

Publicação semestral
Distribuição gratuita

56

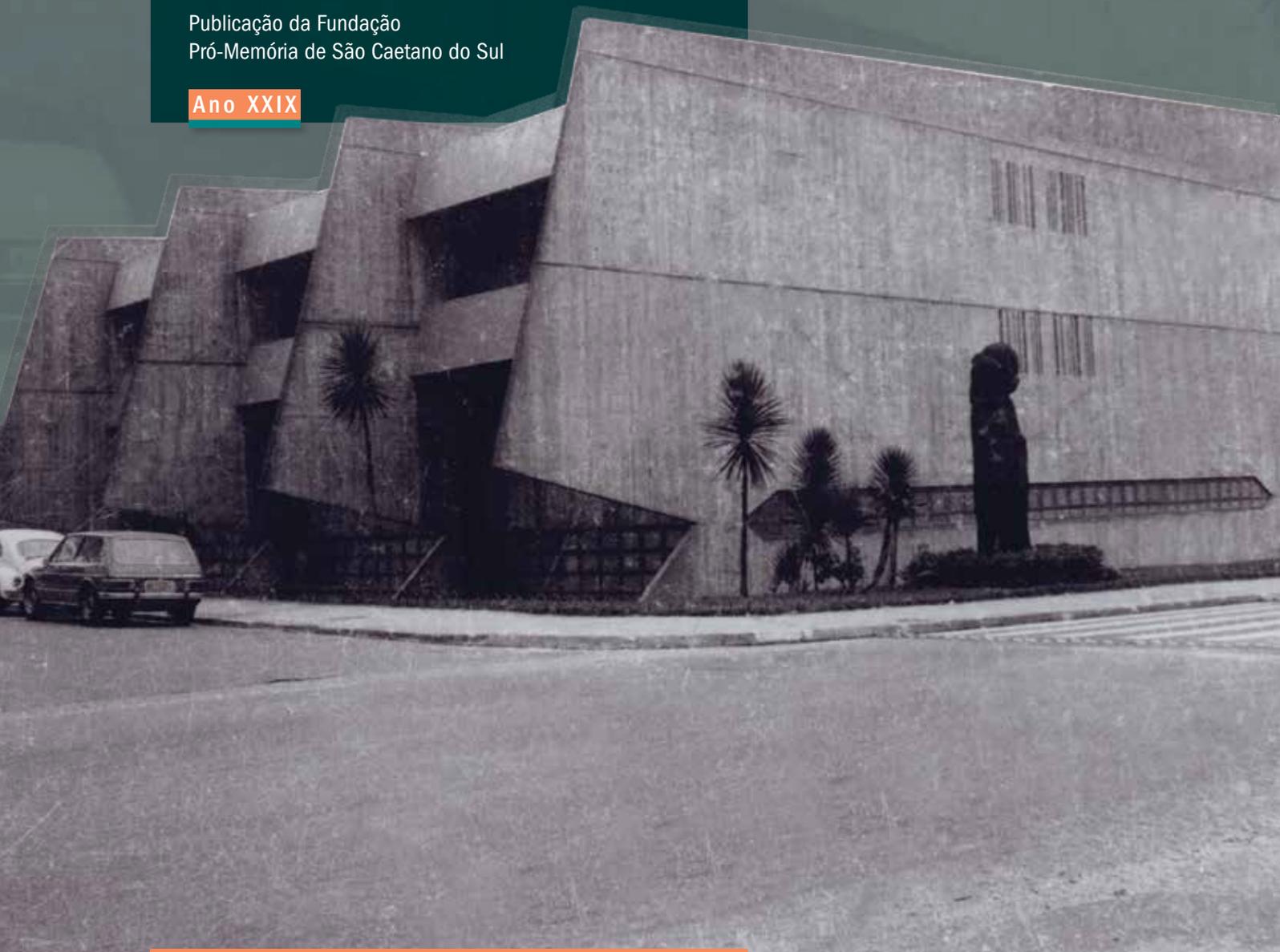
Revista

RAÍZES

São Caetano do Sul - Dezembro de 2017

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Ano XXIX





Há 26 anos preservando sua memória

B... LARD
ALCATRÃO E MEL

Revista

RAÍZES

Ano XXIX – Número 56
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2017

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL

José Auricchio Jr.
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA
João Manoel da Costa Neto
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
Charly Farid Cury
COORDENAÇÃO GERAL
Márcia Gallo

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO

Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti
CONSELHO EDITORIAL
Charly Farid Cury (PRESIDENTE)
Ana Luiza Nóbrega Cury
Ana Maria Guimarães Rocha
Antonio Reginaldo Canhoni
Caio Bruno Siqueira de Paula
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
João Alberto Tessarini
João Manoel da Costa Neto
Mário Porfírio Rodrigues
Monica Iafrate
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Ferreira Fiorotti
Roberta Sernagiotto Soares
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni
FOTOGRAFIAS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES

Ana Paula Lazari

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Bruno Pellegrini Bellucci
Jussara Ferreira Muniz

Monica Iafrate
CTP E IMPRESSÃO
Gráfica Franchin



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

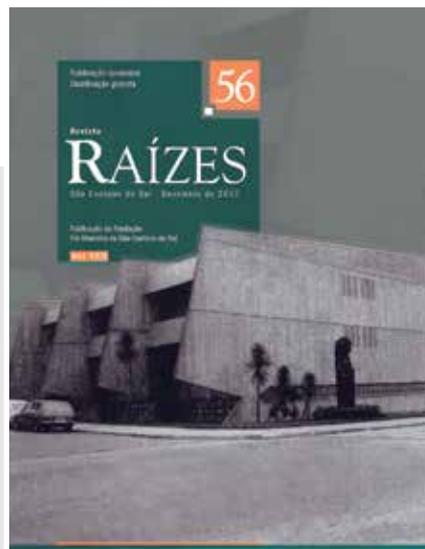
Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Paula Fiorotti

É praticamente impossível passar pela Rua Visconde de Inhaúma, entre a Avenida Paraíso e a Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, e não ouvir, mesmo que bem distante, acordes de algum instrumento musical, solfejos acompanhados pelo som de um piano ou passadas firmes e ritmadas de balé.

No quarteirão mencionado, no número 730, fica a Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Ao entrarmos no prédio, o som fica cada vez mais próximo e vai ganhando vida, na medida em que, ao circular pelas dependências dessa escola de arte, em seus corredores, nas salas de aulas e até mesmo no saguão, nos deparamos com estudantes exercitando-se com seus violinos ou trompetes, bailarinas ensaiando passos clássicos ou modernos, grupos praticando cenas teatrais, e alunos circulando com seus estudos em tinta a óleo ou aquarela.

Esses sons e imagens provavelmente fazem parte da memória afetiva de muitas pessoas, provocando emoções e sentimentos. Não somente dos alunos da instituição, mas também de transeuntes que passam por ali no seu dia a dia, a caminho da escola ou do trabalho.



A imagem escolhida para a capa, do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, e que retrata a fachada da instituição logo após sua inauguração naquele local, em 1969, vem para acentuar esse sentimento, principalmente na memória daqueles que acompanharam a sua criação. Uma construção grandiosa, moderna, de concreto aparente, e que mesmo depois de sofrer algumas intervenções, carrega consigo mais que o valor de uma instituição cinquentenária de ensino, de prática e de produção de arte, responsável pela formação de centenas de artistas e profissionais. Transformou-se em um lugar de memória, repleto de significados e lembranças e, como está em constante atividade, pronto para criar novas memórias e muitas histórias, embaladas pela música, pelo teatro, pelas artes visuais e pela dança.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

No dia 25 de abril de 2018 vamos celebrar os 50 anos da criação da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Esta edição da revista *Raízes*, mais uma vez cumprindo seu papel de reconhecer e valorizar a história e a memória do município, dedica sua seção *Em Foco* a esta importante instituição e dá início às comemorações do cinquentenário.

O ano era o de 1968 e São Caetano era beneficiada por um investimento no segmento cultural e educacional que levou à concretização de diversos projetos nas áreas. E é a partir dessa mudança de perfil da cidade, na qual a criação da Fundação das Artes está inserida, é que apresentamos sua trajetória, primeiramente, com o artigo *A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano*. Almejando apresentar um panorama completo, buscamos uma parceria com a instituição, por meio da participação de professores e coordenadores, que nos apresentaram com textos sobre cada escola que integra a Fundação das Artes (Música, Teatro, Artes Visuais e Dança).

Estas quatro linguagens artísticas também se manifestam em artigos que demonstram a importância da Fundação das Artes na formação artística e profissional de seus estudantes e apresentam um profissional de cada escola, indicados pela instituição, e que hoje têm carreiras consolidadas em suas áreas.

Como é impossível não falar de Milton Andrade quando o assunto é Fundação das Artes, convidamos Dalila Teles Veras para um depoimento emocionante. Para finalizar, um artigo da atual direção da escola que traça os planos para o futuro.

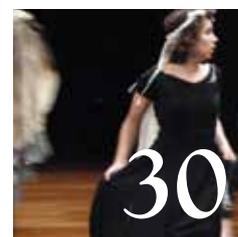
E a revista continua com as seções *Memória*, que, em seus artigos, trata da formação da primeira

Câmara Municipal e dos 25 anos da Festa Italiana de São Caetano, entre outros textos que convidam o leitor a conhecer um pouco mais de nossa história e seus personagens. Em *História Oral*, ganham destaque a história de vida, cheia de musicalidade, de Renato de Sá, e a dedicação às crianças de Lucila Coimbra.

Um louvável projeto de memória e identidade étnico-raciais, desenvolvido junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município, ocupa as páginas da seção *Artigos*, ao lado de outro texto que nos faz refletir sobre alguns aspectos da história da escola da Sociedade Príncipe di Napoli. Em *Esportes*, nossos colaboradores saúdam a equipe de futebol do São Caetano Esporte Clube pela conquista do Campeonato do Interior de 1928 e os árbitros dos certames do futebol de várzea.

Fechamos a edição com crônicas que são um deleite para a leitura. Todo o processo de pesquisa para a produção do livro *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*, primeiro trabalho publicado pelo sociólogo José de Souza Martins, está em texto de sua própria autoria, escrito 60 anos depois do lançamento. Oscar Garbelotto, primeiro presidente da Fundação Pró-Memória e que teve marcante atuação nas áreas de cultura e educação do município, ganha comovente homenagem. Histórias de amizade, da época de colégio, fecham a seção *Poesias e Crônicas*, trazendo o dia a dia de uma turma de estudantes da então Escola Estadual de Primeiro Grau 28 de Julho.

Chegamos ao número 56 da revista *Raízes*. Já são quase 30 anos de uma publicação que é uma eficiente ferramenta de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural de São Caetano do Sul. **Desejamos a todos uma ótima leitura!**



EM FOCO

6 **A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano**
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

18 **“Artista já nasce pronto?”**
PESQUISA E TEXTO DO SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

22 **ESCOLA DE MÚSICA**
Os primeiros acordes de uma instituição - A Escola de Música da Fundação das Artes
DANIEL VOLPIN MENEGUELLO

30 **ESCOLA DE TEATRO**
Moto-contínuo
CELSE CORREIA LOPES

34 **ESCOLA DE DANÇA**
Dos primeiros passos aos grandes palcos
MORISA GARBELOTTO E CAREN POLIDO FERREIRA

42 **ESCOLA DE ARTES VISUAIS**
Pesquisa, criatividade e criação em um só lugar
VALDO RECHELO

46 **DEPOIMENTO**
Milton Andrade, ilustre cidadão sul-são-caetanense
DALILA TELES VERAS

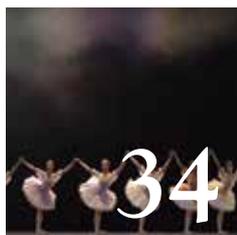
49 **Lutero Rodrigues: ensinamentos de um maestro**
PESQUISA, ENTREVISTA E TEXTO DO SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

52 **Marcos Frota - Amor e gratidão à Fundação das Artes**
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

58 **Renata Peraso Alencar, dos palcos da Fundação das Artes de São Caetano do Sul para o mundo**
PESQUISA, ENTREVISTA E TEXTO DO SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

60 **Elton Hipolito e a arte da terra**
PESQUISA, ENTREVISTA E TEXTO DO SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

63 **50 anos à frente**
ANA PAULA DEMAMBRO



MEMÓRIA

65 **Como tudo começou - A formação da Câmara Municipal de São Caetano do Sul e suas primeiras proposituras**
CRISTINA ORTEGA

70 **Festa Italiana: 25 edições de alegria, lazer, tradição e boa comida**
CAIO BRUNO

72 **História e memória de uma comunidade hospitalar: os 60 anos da Capela do Hospital São Caetano**
RODRIGO MARZANO MUNARI

80 **Comemoração do bicentenário de nascimento de Bahá'u'lláh**
FARIBA SHAIKHZADEH VAHDAT

82 **Ben-Hur Produtos Alimentícios, um negócio de família**
CRISTINA ORTEGA

HISTÓRIA ORAL

85 **Renato de Sá: o senhor dos bailes**
CAIO BRUNO

87 **Lucila Coimbra: uma vida dedicada às crianças necessitadas**
MÁRCIA GALLO

CONCURSO A HISTÓRIA DA AUTONOMIA

90

ARTIGOS

91 **Memória e identidade étnico-raciais: a construção de narrativas autobiográficas na educação de jovens e adultos**
MILENE VALENTIR E VANESSA RITA

95 **A escola da Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli: o que nos contam os documentos?**
CLAUDIA PANIZZOLO

ESPORTES

99 **O heroísmo dos árbitros**
NARCISO FERRARI

101 **São Caetano Esporte Clube: Campeão do Interior de 1928**
RENATO DONISETE PINTO

POESIAS E CRÔNICAS

104 **Há 60 anos, em São Caetano**
JOSÉ DE SOUZA MARTINS

108 **Uma vida digna de um Oscar**
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

114 **EEPG 28 de Julho (1975 a 1982): amizades e histórias que se perpetuam**
MARCOS MASSOLINI

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

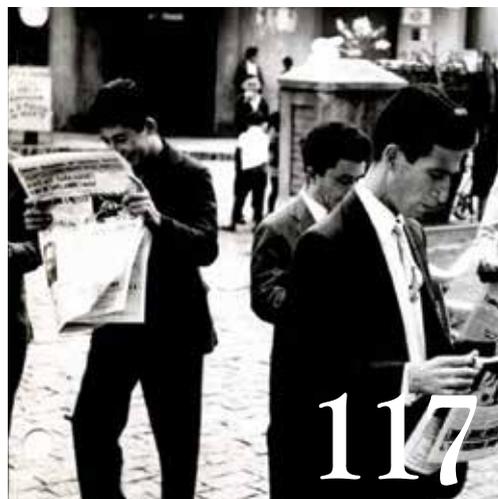
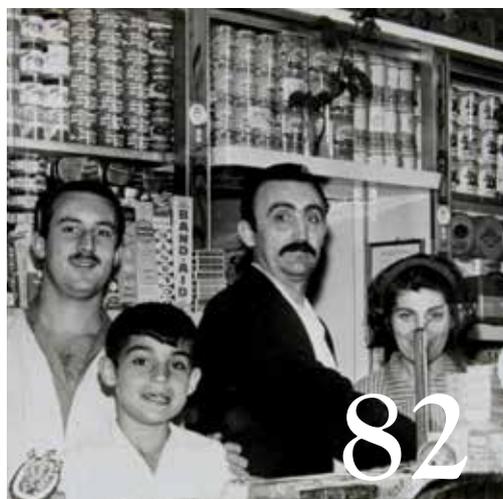
117

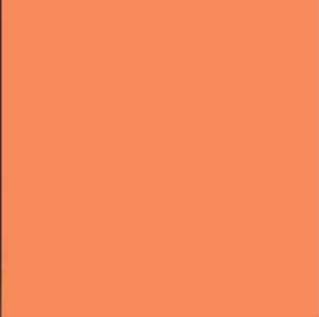
RAÍZES E RETRATOS

121

REGISTRO

124





Cristina Toledo de Carvalho

Nesta edição de número 56, *Raízes* contempla no *Em Foco*, principal seção da revista, o cinquentenário da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Instituição referencial da cidade, em virtude de sua trajetória, propósitos inovadores e das conjunturas históricas sob as quais foi concebida, a Fundação das Artes sintetiza o conjunto de obras e realizações, no setor cultural, de uma administração municipal que teve como marca a canalização de investimentos maciços na área da educação, a ponto de ter ficado conhecida por um *slogan* que denotava não só uma estratégia de marketing político, mas, principalmente, uma filosofia de governo. A administração em

questão refere-se ao primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969). Em razão do exposto, em tal gestão observou-se a inauguração de um número significativo de estabelecimentos de ensino, em diferentes níveis e especialidades, explicando, assim, o porquê de São Caetano ter se firmado como *a cidade onde escola não é problema*.

Mas não foi só o âmbito educacional o privilegiado nesse período. Inúmeras outras obras foram realizadas, a cargo

A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano

de um planejamento que almejava estruturar a cidade com equipamentos e serviços destinados à promoção de um desenvolvimento integrado e de uma renovação urbana. Em setembro de 1968, a prefeitura contratou a realização de um estudo global sobre os problemas que mais afligiam o município. Como preconizou a administração, o objetivo era, com base nos resultados apurados por tal estudo, “modificar a própria fisionomia

da cidade.”¹ E esta foi a impressão causada junto ao *Jornal de São Caetano*, que, ao apresentar um panorama das realizações do governo Braido, não deixou de salientar a respeito da “revolução” causada pelas mesmas em cada canto da cidade, obras que, segundo o mencionado periódico-

co, ficariam para a posteridade.²

A ideia transmitida era a de que São Caetano encontrava-se em construção, na segunda metade da década de 1960. Se o quadro conjuntural da localidade apontava para uma gama de ações e iniciativas em campos primordiais, como os alusivos à educação, saneamento básico, calçamento de vias públicas e rede de iluminação, no que tangia, especificamente, à cultura, o horizonte descortinado no município era também favorável e promissor, conforme constatam as obras e projetos surgidos sob a chancela do então Departamento de Educação e Cultura (Depec). Pouco a pouco, os pilares do que venho chamando de ideal de município³ foram ganhando forma e reconfigurando as condições históricas herdadas de um período marcado pela incipiência estrutural e ausência de serviços básicos. Enfim, um cenário “onde quase tudo estava ainda por fazer,”⁴ legado atroz da fase de subordinação política ao município andreense.

Com a série de empreendimentos verificados a partir da primeira gestão de Walter Braido à frente do Executivo municipal, São Caetano do Sul consolidou sua entrada na chamada modernidade. Enquanto ideário relacionado a um projeto de mundo e visão

de sociedade, a modernidade, segundo Zygmunt Bauman,

atingiu sua maturidade, primeiramente, como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo, e, depois, como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (...)⁵

Embora estudiosos e teóricos tenham delimitado, histórica e temporalmente, a modernidade, seu conceito é amplo e elástico, abrangendo um espectro variado de significados, acepções, valores, sentidos e representações.

Um gigantesco “buraco negro” de significados – heterogêneos quanto à sua abrangência e recorte, mas aparentemente com imensa capacidade explicativa – que atrai, inexoravelmente, para sua órbita teorias e objetos.⁶

Mesmo com tamanha volatilidade conceitual, o termo é, comumente, empregado com o intuito de distinguir o que integra uma tradição e um passado daquilo que se considera novo ou emergente. Assim, o vocábulo é utilizado, muitas vezes, para classificar projetos, propostas, valores e atitudes de cunho inovador, “tornando-se ponto de ruptura com as formas anteriores de organização social”⁷

Fincada em uma filosofia de gestão que priorizava a educação e seus corolários culturais, a administração Braido promoveu um modelo de governo que desencadeou uma verdadeira reestruturação da cidade, projetando um novo cenário urbano, detentor de traços e aspectos típicos da modernidade. Na esfera da cultura, a criação da Fundação das Artes, em 1968, pode ser concebida como a síntese das realizações empreendidas, até então, na área. O caráter vanguardista de sua proposta, de mesclar ensino, prática e difusão de variadas linguagens artísticas em um único espaço, corrobora tal constatação, elevando a instituição ao patamar de ícone cultural de São Caetano do Sul e de um dos pilares do ideal de município que se vislumbrava na localidade, naquele final de decênio, e, conseqüentemente, da própria modernidade que dele ecoava.

Neste artigo, apresentarei o contexto no qual se deu o surgimento da Fundação das Artes, ressaltando as conjunturas históricas que engendraram a cena cultural local, antes e no decorrer do primeiro mandato de Hermógenes Walter Braido como prefeito, de modo que seja possível encaminhar reflexões sobre as transformações desencadeadas, a partir

de então, no cenário sul-são-caetanense. Procurarei, assim, mostrar que o avanço da modernidade na cidade deflagrou o processo de mudanças em sua tradicional imagem de subúrbio, historicamente constituída a partir do século 18 e redefinida no decorrer do tempo, principalmente em função de sua conformação econômica, social e/ou política junto a centros urbanos dos arredores, como São Paulo, São Bernardo e Santo André.⁸

O período pós-autonomia – O grande desafio das primeiras gestões municipais, no período que se seguiu à conquista da autonomia política por parte de São Caetano, foi o relativo ao compromisso com a estruturação da cidade. Assim sendo, pautas relacionadas a setores básicos ocuparam a agenda política local, tornando-se prioridades administrativas. Muito precisava ser feito e, para tanto, havia a necessidade de equipar a municipalidade com recursos humanos e financeiros, a fim de criar um aparato destinado à promoção dos serviços mais prementes, como os concernentes à saúde, educação e saneamento básico. A situação do então recém-município sul-são-caetanense era discutida nos editoriais do *Jornal de São Caetano*, que, em uma de suas

publicações sobre as condições da cidade, em 1951, assim se manifestou, por meio de Theophilo de Souza Carvalho, um de seus colaboradores mais assíduos e combativos, quando o tema eram as demandas da população:

(...) há certos melhoramentos que estão na pauta da urgência para serem atacados. Isto sem falar na rede de água e esgotos, no calçamento da cidade, no aumento da iluminação pública (...)⁹

Com tantas questões prioritárias para serem resolvidas, compreensível que o setor cultural tenha, pelo menos no decurso das quatro primeiras gestões municipais, ficado em segundo plano, atestando, já naquela época, uma vulnerabilidade que parece ser típica do segmento, sobretudo em momentos de instabilidade política ou crise econômica, tal como ocorre ainda nos dias de hoje no país. Diante do exposto, pode-se afirmar que, no começo da trajetória de São Caetano como município, tímidas e esporádicas iniciativas culturais foram promovidas pela administração pública. Embora empreendimentos de vulto, como o da construção da Concha Acústica, cuja inauguração se deu em março de 1961, tenham sido verificados no período inicial da municipalidade, a cultura estava longe de ser beneficiada por uma política estável e bem definida. Não em vão, portanto, que críticas eram veiculadas junto à imprensa local, como ratifica uma reportagem publicada, em 1963, pelo *Jornal de São Caetano*, grande articulador e propagador dos interesses da vida política e cotidiana da cidade, na época. Segundo o referido jornal, a Concha Acústica prescindia de eventos e atividades, em razão do marasmo no qual estava mergulhada a Seção de Cultura do município, que não conseguia “programar e proporcionar espetáculos artísticos-culturais para o povo (...).”¹⁰

Frente a tal estado de coisas, o papel desempenhado por instituições e grupos particulares foi decisivo para a promoção da cultura na cidade, no decorrer das quatro primeiras gestões

Com tantas questões prioritárias para serem resolvidas, compreensível que o setor cultural tenha, pelo menos no decurso das quatro primeiras gestões municipais, ficado em segundo plano, atestando, já naquela época, uma vulnerabilidade que parece ser típica do segmento, sobretudo em momentos de instabilidade política ou crise econômica, tal como ocorre ainda nos dias de hoje no país.

municipais, tanto em termos de entretenimento, quanto no tocante ao ensino de algumas de suas linguagens. Desta forma, entidades como a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), além de escolas de música (como a Academia de Música Reale, de Paolo Reale, e o Conservatório Musical de São Caetano do Sul) e de estabelecimentos voltados para o ensino de dança

como as salas de cinema, por exemplo, cujas pioneiras da localidade remontam à primeira metade do século passado, aspectos, hábitos e valores inerentes a um padrão refinado e letrado de vida, típico dos grandes centros citadinos, foram sendo absorvidos e difundidos no cotidiano da sociedade local. A modernidade, por meio de alguns de seus traços culturais, começava, assim, a descorti-

Aspecto da Concha Acústica, em foto da década de 1960. Inaugurada em 21 de março de 1961, na primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei, foi um dos palcos da cena cultural de São Caetano do Sul. Nela aconteciam apresentações e espetáculos artísticos. Parte de suas dependências serviu de sede para o antigo Curso Municipal de Balé, criado, em 1965, durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

(como o de Maria Carmen Brandão, inaugurado no dia 7 de abril de 1953, sendo o primeiro do gênero a instalar-se na localidade) comprovaram seu pioneirismo e marcaram época em São Caetano, suprimindo a lacuna deixada pelo poder público municipal, no que concernia à difusão e gestão do setor cultural.

A partir dessas instituições e de alguns outros referenciais que remetem ao viver urbano,

nar-se em São Caetano, misturando-se aos paradigmas representativos de sua ainda prevacente imagem de subúrbio. A transição para a fase de significativas transformações em seu cenário era uma questão de tempo. O ano de 1965 marcaria o início desse processo, com a chegada de Walter Braido à prefeitura sul-são-caetanense. Por meio dessa gestão, a promoção do segmento cultural deixou de ser iniciativa preponderante de entu-

siastas particulares, tornando-se também fruto do empreendedorismo da municipalidade.

O empreendedorismo da municipalidade no segmento cultural – Tendo como carro-chefe a esfera educacional, a primeira gestão de Braido foi responsável também por realizações importantes em outras áreas, dando origem a um plane-

da impossibilidade de atacar, simultaneamente, todas as questões que atingiam a municipalidade, o governo iniciou suas ações pelo ensino, cultura, recreação, saúde e infraestrutura urbana, com a abertura de avenidas marginais e canalização de córregos, obras estas imprescindíveis frente às constantes calamidades advindas das enchentes.

No tocante à educação, o montante vultoso



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

No dia 27 de dezembro de 1965, o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, esteve em São Caetano. O motivo da visita foi a inauguração do Ginásio de Vila Gerty (hoje Escola Estadual Professor Alfredo Burkart) e o lançamento da pedra fundamental da Delegacia de Polícia e do Conjunto Educacional Di Thiene. Uma das maiores realizações da primeira administração de Braido, esse conjunto foi constituído pelo antigo Ginásio Vocacional (onde, atualmente, encontra-se instalada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Eda Mantoanelli), escola para crianças deficientes audiovisuais (atual Fundação Municipal Anne Sullivan) e Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho. Da esquerda para a direita, Walter Braido, Maria Braido, Adhemar de Barros e Leonor Mendes de Barros

jamento urbano que criou condição para a reestruturação da cidade em aspectos diversos. Com o crescimento brusco do município, problemas relacionados, sobretudo, ao aumento desordenado das demandas atinentes a serviços básicos passaram a compor o cotidiano local. Em virtude disso, inúmeros equipamentos urbanos se tornaram insuficientes, endossando a necessidade urgente de medidas para sanar tal situação. Diante

so de investimentos permitiu ao governo inaugurar um grande número de estabelecimentos de ensino nos diferentes cantos da cidade. Por isso São Caetano do Sul se notabilizou como *um município onde escola não é problema*. Tama- nha foi a repercussão proveniente dessa política educacional que a cidade foi convidada para participar, em fevereiro de 1967, da Conferência Internacional de Planejamento Governamental,

em Bangkok, na Tailândia. Único representante do Brasil e da América do Sul, o município sul-são-caetanense apresentou experiências e resultados obtidos a partir do planejamento que vinha empreendendo junto ao setor da educação, dando origem a uma tese que, já em sua parte introdutória, deixa transparecer o cenário que estava sendo construído na cidade:

Além de imprimir um modelo de gestão ao município, o governo de Walter Braidó promoveu o delineamento de uma política cultural que foi decisiva para a idealização de projetos e ações na área. A organização de um aparato burocrático para gerir e respaldar os assuntos de interesse foi também providencial para a viabilidade de tal política. Assim, por força do artigo 40 da lei nº

Maestro Walter Lourenço, diretor da Escola de Música da Fundação das Artes em seu primeiro ano de existência. Foto do final da década de 1960



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Desde a posse do Prefeito Hermógenes Braidó, vem ganhando o Município de São Caetano do Sul uma justa notoriedade pelo arrôjo com que sua Prefeitura vem se lançando no rumo de soluções novas, notadamente nas áreas do Planejamento Administrativo, da Educação, da Saúde, no Saneamento e da Higiene Urbana e Reestruturação Física da Cidade.¹¹

1.489, de 29 de agosto de 1966, foi organizado o Departamento de Educação e Cultura (Depec), com o propósito de melhor articular as iniciativas dos dois setores. Isto posto, seria possível promover a expansão integrada de ambos os segmentos, criando condição não só para o surgimento e a difusão de estabelecimentos da rede oficial de ensino, mas também para a incorporação de instituições encarregadas da transmissão de con-

teúdos e currículos extraoficiais, nas mais diversas especialidades. Distintas modalidades do vasto leque artístico, tais como a dança, a música e as artes plásticas, foram privilegiadas.

Para acompanhar todas essas ações, a necessidade de criação de uma estrutura condizente que pudesse viabilizar e alimentar a organização de números e apresentações da área tornou-se

abril de 1967, observou-se a criação do Salão de Arte Contemporânea, por meio da lei nº 1.560. Marco para o desenvolvimento das artes plásticas no município, tinha como intuito abrigar exposições de trabalhos de artistas da cidade, anualmente, como parte da programação dos festejos de aniversário de São Caetano. Sua proposta era a de que compreendesse as seguintes



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Milton Andrade, diretor da Fundação das Artes, durante aula inaugural em uma das classes de iniciação musical, em fevereiro de 1969. As atividades dos cursos livres de música da instituição começaram, naquele período, com 140 alunos, entre crianças e jovens. Nessa época inicial, a escola de música da Fundação das Artes estava instalada nas dependências do antigo Ginásio Vocacional

latente. A construção de teatros, auditórios e outros espaços afins passou, desse modo, a aparecer como pauta na agenda política local.

Em 1965, a prefeitura instituiu, a partir do decreto nº 2.603, de 16 de dezembro, o Curso Municipal de Balé (atual Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, denominação adquirida em 2008), a cargo da então Seção de Educação e Cultura. Menos de dois anos depois, no dia 27 de

manifestações: pintura, escultura, artes gráficas e artes decorativas, com previsão de premiação em dinheiro (além de medalhas e troféus) para cada uma delas. As obras premiadas deveriam integrar o acervo da municipalidade.

No final de 1967, outro importante passo seria dado pela prefeitura no sentido de reforçar a política de expansão cultural que vinha promovendo na cidade. Em meio a eventos lite-

Prédio onde está sediada a Fundação das Artes de São Caetano do Sul, na Rua Visconde de Inhaúma, nº 730. Em tal endereço, a instituição se encontra desde março de 1969. Projetado por Luiz Gobeth Filho e Luiz Guaraldo, o edifício fora construído para abrigar a Faculdade Municipal de Ciências Políticas e Sociais (entidade gênese do Instituto Municipal de Ensino Superior – Imes – do qual proveio, anos depois, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul). Como a ocupação do prédio pela mencionada faculdade não se verificou, a Fundação das Artes o pleiteou e acabou nele se instalando, após acordo realizado com Braido nos bastidores

rários, teatrais e de balé clássico, mais uma iniciativa do então Depec surgiria para incrementar a efervescente cena cultural local.¹²

Tratava-se do I Festival de Música Coral. Realizado entre os dias 14 e 23 de dezembro daquele ano, na Paróquia Sagrada Família, o evento contou com a participação de conjuntos corais renomados de São Paulo, e ainda promoveu palestras sobre temas correspondentes ao universo musical na sede da Acascs (então localizada no Edifício Vitória, na Rua Santo Antônio, nº 500). Essa ação desencadearia, quatro meses depois, a criação da Fundação das Artes. Neste sentido, o relato de Oscar

Garbelotto, na época diretor do Depec, é bastante minucioso e elucidativo:

Enquanto ocorria o I Salão de Arte, a música necessitava de atenção especial. Em meados de 1967, Walter Braido e eu conversamos sobre a possibilidade de criar um Conservatório Musical. Reunido com Milton Andrade, vislumbramos a oportunidade de apresentar um projeto de maior grandeza: uma escola de música, associada a curso de teatro e artes plásticas. Ao anteprojeto denominamos Fundação das Artes, que seria organizada como autarquia.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



(...) O departamento viu-se diante da necessidade de oferecer ao prefeito justificativas que pudessem demonstrar a viabilidade e o sucesso cultural e político do empreendimento. A ideia foi utilizar a música como argumento para produzir as provas necessárias. Se o que se almejava eram público e aplausos, iríamos demonstrar que a arte musical daria tudo isso. Assim, surgiu o I Festival de Música Coral (...) ¹³

Em razão da atenção reservada pelo governo Braido à educação, o segmento cultural foi favorecido pelo delineamento de uma política que não só dinamizou a área, como também marcou a efetivação da municipalidade como empreendedora de ideias, projetos e ações culturais. O contexto histórico era, portanto, propício para o surgimento de uma instituição com a natureza da Fundação das Artes. Sua proposta pioneira e inovadora dialogaria, com muita peculiaridade, com o horizonte cultural que vinha sendo projetado no cenário da cidade naquele final de década.

A criação da Fundação das Artes – A Fundação das Artes é fruto das articulações de idealistas que vislumbraram, motivados pelo quadro conjuntural favorável, em vista da onda de realizações culturais no município, tanto por iniciativa do poder público municipal, quanto em virtude de ações oriundas de particulares, a possibilidade de reunir várias

modalidades artísticas em um único espaço cultural encarregado de ensiná-las, aprimorá-las, promovê-las e difundi-las. Por ocasião dessa proposta, chegou a circular na época, nos bastidores,

(...) o sentimento de que, a partir da consolidação das atividades da Fundação das Artes, não seria mais necessária a existência de um setor de cultura na administração pública, uma vez que esse papel estaria sendo cumprido pela Fundação. ¹⁴

O contexto histórico era, portanto, propício para o surgimento de uma instituição com a natureza da Fundação das Artes. Sua proposta pioneira e inovadora dialogaria, com muita peculiaridade, com o horizonte cultural que vinha sendo projetado no cenário da cidade (...)

Mote daquela ideia inicial de constituição de uma escola de música em São Caetano, o Festival de Música Coral, pelo sucesso e visibilidade que conseguiu alcançar, alavancou a proposta, abrindo caminho para que a prefeitura a abraçasse e tomasse as providências necessárias para a sua oficialização. Conforme endossou José Armando Pereira da Silva, a intenção da abertura de um estabelecimento desse molde

(...) combinava com o empenho do prefeito em destacar a cidade como polo de ensino. No encerramento do Festival ele anunciou uma nova Escola de Música e indicou para dirigi-la o maestro Walter Lourenção, atuante no Festival como regente de dois conjuntos e animador de debates. Membro da Comissão Estadual de Música da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado e professor, o convite vinha ao encontro de seus anseios. ¹⁵



Os professores Roberto Manzo (sentado) e Baldur Liesenberg, em foto de junho de 1969. Manzo substituiu Milton Andrade na direção da Fundação das Artes, a partir de 1983

Sendo assim, antes mesmo da aprovação e constituição por lei da escola, o maestro Lourenção considerou como contratados os integrantes do conjunto Musicâmara, “sociedade de músicos já existente, que abrigava uma orquestra com membros de várias partes do Brasil,”¹⁶ para constituir o corpo docente do futuro estabelecimento de música. A partir de então, iniciou-se a campanha de divulgação da escola com a realização de concertos didáticos e a coleta de folhetos de pré-inscrição de interessados aos cursos de música. O grande número apurado de inscritos era mais uma constatação acerca da viabilidade do empreendimento. Não demorou muito para que a proposta recebesse respaldo legal. A lei nº 1.671, de 25 de abril de 1968, autorizou o Executivo a criar a Fundação das Artes.

A Escola de Música seria um primeiro passo, objetivando-se colocar sob a mesma instituição uma Escola de Artes Plásticas e uma Escola de Teatro. Foram indicados para o Conselho de Curadores Verino Segundo Ferrari (presidente), Oscar Garbelotto, Alarico Suhadolnik, Urames Pires dos Santos, Santo Crepaldi, Leo Pastore, Alberto Aliberti, Ivo Pellegrino, Keisen Matsudo e Benito Musumeci.¹⁷

Após a criação da instituição, observou-se a inserção de membros da Comissão Estadual de Música na empreitada. Contudo, a incompatibilidade entre suas propostas e as advindas do Depec ocasionou, depois, a saída do Estado, cuja ideia era a de direcionar o projeto rumo à organização de uma escola superior de música. Em face das inúmeras demandas do público, captadas pelas pesquisas promovidas durante a fase de divulgação da escola, prevaleceu a propositura que mais se adequava aos objetivos da municí-

palidade, optando-se pela organização de cursos livres de música. No início de 1969, o maestro Walter Lourenção é afastado, sendo nomeado em seu lugar Milton Andrade,

que garantiria a implantação do verdadeiro ideal que impulsionou a criação da Fundação das Artes. O objetivo era tornar a instituição um centro irradiador cultural de São Caetano do Sul.¹⁸

Com a direção sob a responsabilidade de Andrade, coube a Moacyr Del Picchia, *spalla* e diretor artístico da Musicâmara, a coordenação da escola de música.

Posteriormente, a criação das escolas de teatro, artes visuais e dança contribuiu para a consolidação da novata Fundação das Artes, tornando-a uma aglutinadora do intenso movimento cultural verificado, no município, a partir da segunda metade da década de 1960. Na qualidade de espaço para onde convergiam diferentes expressões artísticas, um misto de centro de ensino e de entidade difusora de tais manifestações, a Fundação das Artes responderia, a contento, ao que vinha sendo posto pela administração de Walter Braido, no que se referia às esferas cultural e educacional, firmando-se como um dos ícones das transformações trazidas pela modernidade em São Caetano do Sul.

No decorrer dos anos, a Fundação das Artes passaria por inúmeros desafios, mudanças e redefinições. No início de 1983, a instituição chegou até a enfrentar boatos relativos a um possível fechamento, assunto reverberado e polemizado, na época, pela imprensa da região.¹⁹ Com uma trajetória cinquentenária, sua caminhada atravessou ainda contextos conturbados e incertos da história nacional, como o regime de exceção instaurado pela ditadura militar (1964-1985) e os períodos de crises políticas e econômicas subsequentes à redemocratização do país. No tocante a São Caetano do Sul, não foi diferente. Testemunhou o desenrolar de várias administrações municipais, a mudança

no perfil econômico da cidade, com a desmontagem de seu vasto parque fabril e a consequente entrada no segmento de prestação de serviços. Isso sem falar da emersão de demandas, reivindicações e lutas, que constituem a outra face da modernidade. Na qualidade de uma de suas protagonistas e testemunhas, a Fundação das Artes pôde vivenciar e acompanhar toda a efervescência reinante no cenário de São Caetano do Sul, a partir da segunda metade do decênio de 1960, época intensa e densa, de impasses, conflitos e incertezas. Mas também de muita esperança frente à arte e à vida. **R**

NOTAS

¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *São Caetano do Sul planeja seu desenvolvimento*. São Caetano do Sul, 1968.

² JORNAL DE SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.184, primeira página, 30 jul. 1967.

³ Para mais informações, consultar: CARVALHO, Cristina Toledo de. A dança e um ideal de município: suas interfaces e personagens. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, p. 8-17, jul. 2014; CARVALHO, Cristina Toledo de. Acascs: marco da cultura musical em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 6-14, dez. 2014; CARVALHO, Cristina Toledo de. O desenvolvimento das artes plásticas no município (1962-1967). Por uma proposta de abordagem histórica do tema. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 51, p. 6-15, jul. 2015.

⁴ CARVALHO, Theophilo de Souza. Em defesa da cidade. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 165, última página, 20 jan. 1951.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 299-300 apud SANTOS, Guilherme Ferreira; SILVA, Otávio Guimarães Tavares da. Conceito de "Modernidade Líquida": revisão teórica e implicações para a prática de vida, p. 43. Disponível em: www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1490/2555. Acesso em: 11 set. 2017.

⁶ MONTERO, Paula. Dilemas da Modernidade no Mundo Contemporâneo. Disponível em: www.sociologias.tumblr.com/post/18026607111/textos-sobre-a-modernidade. Acesso em: 11 set. 2017.

⁷ Disponível em: www.mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm. Acesso em: 11 set. 2017.

⁸ Para mais informações, consultar: MARTINS, José de Souza. O 3º Centenário da Capela de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 55, p. 6-28, ago. 2017; e MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

⁹ CARVALHO, Theophilo de Souza. Em defesa da cidade. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 165, última página, 20 jan. 1951.

¹⁰ CONCHA Acústica. Abandonada, a mais linda concha acústica do Brasil não está sendo utilizada. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XVII, n. 962, p. 3, 20 abr. 1963.

¹¹ INTRODUÇÃO. In: *Planejamento Municipal de Educação: uma experiência com resultados propositivos relativa ao planejamento de educação no âmbito Municipal*. 1967. Tese (Delegação Brasileira) - Contribuição da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, à Conferência Internacional de Planejamento Governamental de Bangkok, Tailândia, 1967.

¹² A cena cultural local, no final de 1967, foi contemplada também com o Ciclo Natalino, iniciativa que contou com a colaboração do Depec. Entre os eventos que integraram sua programação, estavam: concurso literário, encenações representativas de passagens alusivas ao Natal, a cargo do grupo de teatro A Turma, na Praça dos Estudantes, e, na antiga Concha Acústica, apresentações folclóricas relativas a culturas de variadas nacionalidades. CICLO Natalino em São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.202, p. 3, 2 dez. 1967.

¹³ GARBELOTTO, Oscar. A música superando obstáculos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 15-22, dez. 2014, p. 16-17.

¹⁴ GARBELOTTO, Oscar apud SILVA, José Armando Pereira da. *Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (1969-1982)*. Santo André: Alpharrabio Edições, 2011, p. 11.

¹⁵ SILVA, José Armando Pereira da, *op. cit.*, p. 14.

¹⁶ MENEGUELLO, Daniel Volpin. A Escola de Música da Fundação das Artes. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 23-31, dez. 2014, p. 23.

¹⁷ SILVA, José Armando Pereira da, *op. cit.*, p. 15.

¹⁸ GARBELOTTO, Oscar. A música superando obstáculos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 15-22, dez. 2014, p. 20.

¹⁹ Para mais informações sobre a polémica instaurada em torno do assunto referente ao possível fechamento da Fundação das Artes, em 1983, no início do terceiro mandato de Hermógenes Walter Braido, consultar: SILVA, José Armando Pereira da, *op. cit.*, p. 81-83.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP), COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MEMBRO DE SEU CONSELHO EDITORIAL. É AUTORA DO LIVRO *MIGRANTES AMPARADOS: A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950-1965)*, PUBLICADO, EM 2015, PELA REFERIDA INSTITUIÇÃO.

“Artista já nasce pronto?”

Vocação (ou dom, talento, etc.) é algo real e importante. Só isso, porém, não garante carreira artística ou sucesso. A arte exige dedicação, estudo, humildade e disciplina, em grande quantidade. E, desde 1968, a Fundação das Artes de São Caetano do Sul, com competência técnica e experiência de ensino, recebe quem realmente quiser dedicar-se ao estudo e à prática artística, seja por prazer ou necessidade profissional; ou apenas, para visitá-la e respirar arte”.

(trecho extraído do livreto *Fundação das Artes de São Caetano do Sul muito prazer*, editado pela Fundação das Artes em 2011)

Hoje podemos desfrutar da Fundação das Artes de São Caetano do Sul de forma plena. Bem estruturada, é formada por quatro Escolas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, que se dedicam ao ensino da arte e prestam serviços à comunidade. Mas nem sempre foi assim, inúmeras dificuldades marcaram a trajetória da instituição.

Inicialmente instalada em caráter provisório em algumas salas do Ginásio Vocacional (atual EMEF Eda Mantoanelli), a instituição começou suas atividades com uma infraestrutura inadequada para a administração dos cursos. Em seu primeiro ano foram implantados, aos poucos, os cursos de música, teatro e artes visuais. Havia uma insatisfação geral sobre as condições técnicas das salas, que não ofereciam, por exemplo, acústica própria para aulas de música e de teatro, o que gerou reclamações dos professores e alunos, bem como por parte do diretor.

E, em 1969, Andrade mudou a Fundação das Artes para um imóvel que estava desocupado, na Rua Visconde de Inhaúma, nº 730, no Bairro Oswaldo Cruz. Oscar Garbelotto, em seu

artigo *A música superando obstáculos*, publicado na revista *Raízes* de número 50, de dezembro de 2014, explica este processo:

Ao final de 1968, a prefeitura tinha duas construções destinadas a atender a Faculdade Municipal de Ciências Políticas e Sociais e a seção municipal da Escola Superior de Negócios (ESAN). A primeira ocuparia um prédio na Rua Visconde de Inhaúma e a segunda, um edifício na Avenida Goiás. Mudanças ocorridas neste período alteraram a situação: a prefeitura, atendendo reivindicação dos alunos da ESAN, amparados pelo DEPEC e pelo então diretor da Faculdade Municipal, Claudio Musumeci, rompeu convênio com a instituição, sendo todos os alunos transferidos para a escola do município. Como resultado da unificação, o prédio da Rua Visconde de Inhaúma ficou sem ocupação, sendo prontamente solicitado pela Fundação das Artes.

Os boatos do início de 1969 eram de que a futura administração cederia o prédio a um grupo privado, a fim de instalar uma nova escola superior no município. Na verdade, o local já havia sido nega-

do ao grupo pela não concordância do DEPEC, amparado na decisão do prefeito.

Em breve conversa com Walter Braido, recebemos autorização para ocupar o prédio da Visconde, porém sem o seu “conhecimento oficial” para evitar atritos políticos. Na data escolhida, Vitório Marcucci, chefe da garagem, cedeu caminhão para transportarmos os móveis da Fundação de sua sede provisória, situada em ala do Colégio Vocacional (hoje EMEF Eda Mantoanelli), até o prédio da Visconde.

Uma vez que a mudança foi finalizada, o prefeito mostrou “contrariedade” com o fato sem, no entanto, tomar qualquer atitude a respeito. É neste local que a Fundação das Artes se encontra até os dias atuais.

Na década de 1970, a Fundação das Artes enfrentava problemas financeiros de grande porte. A falta sofrida pela Escola de Teatro, com a morte, em 1975, do professor Eugênio Kusnet, autor do importante livro *Ator e Método*, aliada à falta de verbas, acabou por paralisar as atividades da escola durante todo o ano de 1976, retomando somente em 1977.

Na década de 1980, outra crise assola a instituição, desta

vez gerada pela falta de interesse de novos alunos matricularem-se nos cursos, mas, ainda assim, o objetivo central, de criar e manter escolas de arte, foi mantido. Em 1983, com a saída de Milton Andrade, foi nomeado para a direção geral da Fundação o professor de música Roberto Manzo. Para amenizar todas as dificuldades, foram promovidos eventos com o propósito de atrair atenção para a escola. Foram realizadas apresentações de espetáculos, filmes, oficinas teatrais, concertos e debates. O resultado foi positivo, e a procura pelos cursos aumentou.

Outra estratégia da instituição para superar a crise foi a criação de cursos profissionalizantes, em 1985. Na Escola de Música foram instituídos dois cursos: habilitação em instrumento e canto. Na de Teatro, habilitação de ator (hoje técnico em arte dramática).

Após Roberto Manzo (1983 a 1989), seguiram-se, na direção da instituição: Dulce Junquetti (1989 a 1996), Maribel Marana (1997 a 1999), Antonio Carlos Neves Pinto (1999 a 2008), Adriana Sampaio (janeiro a agosto de 2009), Liana Crocco (setembro de 2009 a 2012), Wagner Pertone (2013 a 2016) e atualmente, Ana Paula Demambro (desde o início de 2017).

Importantes ações e novas diretrizes foram adotadas



Prédio da recém-criada Fundação das Artes de São Caetano do Sul, localizado na Rua Visconde de Inhaúma, nº 730, no Bairro Oswaldo Cruz. Foto do final da década de 1960

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Interior da Fundação das Artes em foto do final da década de 1970. A instituição ocuparia este prédio no ano de 1969

Fundação exhibe número recorde de estudantes

A Fundação das Artes de São Caetano, criada em 1968, iniciou o segundo semestre do ano letivo, com um número recorde de alunos que cursaram as quatro escolas da entidade. No semestre passado a escola contava com 1031 alunos; hoje os 1331 representam um acréscimo de 30% em relação ao primeiro semestre e 75% em relação ao ano passado.

Primando pela qualidade de ensino, a escola realizou teste aos 1430 candidatos inscritos que concorreram às 300 vagas oferecidas para os cursos de livres e profissionalizantes, uma vez que desde o ano de 1986, a entidade vem oferecendo cursos profissionalizantes reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação.

Segundo o professor Roberto Manzo, diretor da entidade, a Fundação das Artes tem procurado melhorar as atividades das escolas que mantém, visando atingir verdadeiramente seus objetivos, ou seja, a divulgação do aprendizado das Artes Plásticas, Dança, Música e teatro para a comunidade.

Recorte da Folha do ABC, de 11 de setembro de 1988, destaca alta procura de estudantes pela Fundação das Artes

em 2009, quando o então prefeito, José Auricchio Júnior, implantou uma reforma administrativa, criando a Secretaria Municipal de Cultura, centralizando todas as ações da área. Com isso, a instituição ganha uma feição mais profissional e competitiva no mercado de arte, conectando-se com outras esferas de poder (federal, estadual, municipal) e outros órgãos gestores de cultura.

A Fundação das Artes é voltada para um público interessado no ensino de artes. É regida por um Conselho de Curadores e sua administração direta fica a cargo da direção geral. Seus objetivos se abrem em duas vertentes: a iniciação artística e a formação artística. A primeira busca o aprimoramento de crianças de 5 a 10 anos, por meio do autodomínio e do desenvolvimento da percepção, do controle motor, da criatividade e da convivência grupal. A segunda visa à orientação para preparar artistas nos seus vários campos de atividade.

“Com total apoio na ética e tendo como método a disciplina, utilizamos de forma igual e consciente tanto a prática quanto a teoria para, por meio do constante jogo entre o ensino e o estudo, participarmos decisivamente da formação do artista-cidadão”. Esta é a missão da instituição. Dentro desses princípios, desde sua inauguração, formou diversos profissionais da arte. Em 1992, por exemplo, a Fundação das Artes contava com 1.120 alunos, de acordo com o número 1 da revista *Vida em São Caetano do Sul*, editada pelo governo municipal. Já em 2002, outra publicação da administração, a revista *São Caetano*, em sua primeira edição, indica mais de dois mil alunos. Atualmente são cerca de quatro mil pessoas atendidas em seus cursos.

Dentro da estrutura administrativa da instituição, destaca-se a Escola de Artes e Ofícios de São Caetano do Sul, instalada em 25 de junho de 1986, responsável pela administração dos cursos profissionalizantes.

Em 1990, o prédio da Fundação das Artes,

considerado como tendo uma das mais modernas arquiteturas da cidade, passou por reforma geral, o que incluiu a revitalização do auditório, que recebeu uma mesa de som com 40 canais, equipamento moderno para a época.

O final da década de 1990, quando a instituição completava 30 anos de atividades, marca a criação de grupos profissionais de teatro e dança, formados por alunos e ex-alunos, para montar espetáculos. Nessa época, a Fundação já mantinha, na área musical, a Orquestra Filarmônica de São Caetano, o Quarteto de Cordas e a Big Band. Em 1998, o prédio da instituição foi reformado novamente e reinaugurado, em 25 de março. No ano de 2002, a Fundação das Artes realizava cinco eventos anuais: festivais de dança, teatro e música, o Circuito de Artes Visuais e o Concerto Nacional de Piano.

Atualmente, cada Escola (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) possui um ou mais coordenadores. O trabalho de coordenação envolve a administração de cada escola, abrangendo aspectos humanos, pedagógicos, logísticos e estratégicos.

Escola de Artes Visuais - Composta pelos ateliês infantil, de crianças, de adolescentes e de adultos. Os pequenos iniciam contatos com diversos materiais e suas linguagens. Eles interagem, de uma forma lúdica, experimentando em pinturas, desenhos, colagens, modelagem e cerâmica, acompanhados por professores formados em artes plásticas.

Na fase final de artes visuais, no ateliê de adultos, os alunos trabalham com experimentações nas linguagens de desenho, gravura (xilogravura e gravura em metal), aquarela e técnicas de impressão.

Escola de Dança - Como parte do sistema educacional, a dança contribui para o desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. A Escola promove espetáculos e participa de eventos e festivais de dança do país, representada por grupos de dança infantil, júnior, juvenil,

adulto e contemporâneo. A formação tem início no *baby class*, seguindo para iniciante e preparatório, oferecendo técnica de balé clássico, que visa ao trabalho de coordenação motora, desenvolvimento musical e expressão corporal, de uma forma lúdica.

Nos 1º e 2º anos, além da técnica clássica, inicia-se a exploração de inúmeros movimentos, comunicação e expressão de emoções, por meio de estímulos diferenciados. Nos 3º, 4º, 5º e 6º anos, balé de repertório, dança contemporânea, aulas teóricas, alongamento e fortalecimento para uso de sapatilhas de ponta. E finalmente nos 7º e 8º anos, inclusão de práticas pedagógicas, tornando o aluno apto a atuar em diversos setores da dança.

Escola de Música - Referência nacional no ensino de música, tem suas aulas ministradas por professores com vasta carreira musical, com títulos de especialista, mestre ou doutor, em aulas que visam à plena realização da formação profissional.

Inicia-se com musicalização, seguindo para iniciação musical, básico e introdução musical, formação musical e profissionalizante (técnico em música e técnico em canto). A escola oferece os seguintes cursos de instrumento: bateria/percussão, clarineta, contrabaixo, eufônio, fagote, flautas doce e

transversal, guitarra, oboé, piano clássico/popular, saxofone, trombone, trompa, trompete, viola, violão, violino e violoncelo.

Escola de Teatro - Oferece formação nas modalidades livre e técnico, levando em consideração a faixa etária, a modalidade do curso, conhecimento técnico do ofício do ator, incentivo à liberdade e à autonomia criativa.

A escola permite a formação livre, para crianças e pré-adolescentes (teatro infantojuvenil, teatro adolescente e iniciação em teatro). A formação técnica é dirigida a maiores de 18 anos, em um curso que contribui para a formação técnica de ator, privilegiando a ética, a rotina do ofício, a criação artística e os meios de produção para a existência da arte. Ao final do curso, há a prática de montagem de espetáculo e temporada de dois meses no Teatro Timochenco Wehbi, localizado nas dependências da Fundação das Artes. **R**

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
 DURAN, Sérgio. Aos 30, Fundarte quer ênfase na produção. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 27 mar. 1998.
 FUNDAÇÃO das Artes, 25 anos de atividades. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 52
 FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL. *Fundação das Artes de São Caetano do Sul, muito prazer*. São Caetano do Sul, 2011.
 GARBELOTTO, Oscar. A música superando obstáculos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 15-22, dez. 2014, p. 16-17.
 REVISTA SÃO CAETANO. São Caetano do Sul, ano 1, n. 1, 2002.
 REVISTA VIDA EM SÃO CAETANO DO SUL. São Caetano do Sul, ano 1, n.1, 1992.



Fachada da Fundação das Artes no início da década de 1990

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Parte da fachada da Fundação das Artes, após a reforma ocorrida em 1998, quando a instituição comemorou 30 anos

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Concerto da Orquestra Filarmônica, regida pelo maestro Antonio Carlos Neves Pinto, durante cerimônia de reinauguração em 25 de março de 1998

Os primeiros acordes de uma instituição

Em sua edição de número 50, de dezembro de 2014, *Raízes* trouxe como tema da seção *Em Foco* a música em São Caetano do Sul. Em virtude de sua abrangência, o tema em questão foi abordado pela perspectiva do ensino, abrindo espaço para artigos e matérias que concederam destaque a escolas, iniciativas e personagens dedicados à difusão pedagógica da arte musical. Entre essa gama de textos que compuseram a dita seção, encontra-se o de autoria de Daniel Volpin Meneguello. Intitulado *A Escola de Música da Fundação das Artes*, aborda detalhes de sua fase inicial e aspectos que marcaram sua estruturação, ao longo dos anos. Atenta à proposta que ora se encaminha, que é a de fazer memória a todos os núcleos artísticos da Fundação, *Raízes* apresenta uma versão editada da narrativa feita por Daniel Volpin Meneguello (cumpre es-

clarecer que, mesmo em um formato conciso, o texto não sofreu nenhum tipo de adaptação ou atualização de informações). Na qualidade de professor da instituição desde 2000 e de coordenador de sua Escola de Música desde 2012, Meneguello tem muito o que compartilhar neste momento especial das comemorações do cinquentenário da Fundação das Artes. Embora seu relato não seja inédito, continua, mesmo depois de três anos de sua publicação original, rico e importante para a valorização da história da instituição.

Daniel Volpin Meneguello

A Escola de Música da Fundação das Artes

“**F**undação começa com música”. Com esta manchete, o *Diário do Grande ABC*, no dia 19 de maio de 1968, anunciou a oficialização da criação da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, ocorrida no dia 25 de abril do mesmo ano. De fato, a história da instituição começa um pouco antes. No final da década de 1960, a situação econômica da cidade era muito boa, e a política do então prefeito, Hermógenes Walter Braidó, era favorável a investimentos na área de educação. (...)

Vários foram os envolvidos nas ideias e conversas para a criação de uma escola de artes. Além do próprio prefeito, estava Milton Andrade, da área teatral (posteriormente, o primeiro diretor da Fundação das Artes). As condições eram propícias à formação de uma instituição com foco no ensino artístico. O objetivo original, jamais concretizado, era a criação de uma Escola Superior de Artes.

Nair Romero Matos, uma das primeiras professoras da Escola de Música da Fundação das Artes

O primeiro fato significativo na história da Escola foi o I Festival de Música Coral, que aconteceu na Igreja Matriz Sagrada Família, em dezembro de 1967. Constatado o sucesso desse festival (e a capacidade da cidade em produzir eventos culturais), foi feita uma proposta a Walter Lourenção, então membro da Comissão Estadual de Música, para assumir a direção da nova Escola. Convide aceito, Lourenção convidou o maestro Moacyr Del Picchia para participar do trabalho com a Musicâmara, sociedade de músicos já existente, que abrigava uma orquestra com membros de várias partes do Brasil, incluindo alguns que faziam parte da Orquestra Sinfônica Estadual (à beira da paralisação).

(...) O grupo tinha o objetivo de divulgar a arte musical. Seus integrantes apresen-



cos para a realização dos testes. Mas, devido ao formato e à pretensão dos organizadores, que tinham em mente um curso superior, apenas uma candidata estava apta a ingressar no novo curso. Seriam necessárias uma reavaliação e adaptação da ideia original, pois não havia público para tal concepção, e então os esforços foram concentrados em realizar um trabalho de formação musi-



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Reprodução da matéria publicada na edição de 10 de novembro de 1969, de *O Repórter*, sobre a doação de instrumentos feita à Escola de Música da Fundação das Artes pelo governo alemão

taram-se como futuros professores da Escola, e também realizaram muitos concertos pela região para divulgar o novo curso (ainda pensado como Curso Superior de Música).

As inscrições foram anunciadas no final de agosto. O número de inscritos foi maior do que se imaginava – mais de 2,7 mil candidatos! - e foi necessário requisitar outros prédios públi-

cal de base. Esta mudança de foco não foi consensual entre todos os envolvidos e, no início de 1969, a esfera estadual se desligou do trabalho, ficando a Fundação das Artes a cargo do município. Assim, Milton Andrade assumiu a direção-geral e o maestro Moacyr Del Picchia, *spalla* e diretor artístico da Musicâmara, passou a responder pela coordenação da Escola de Música.

Em fevereiro de 1969, a Escola recebe 140 alunos para os cursos livres de música. Eram 12 classes, sendo quatro de iniciação musical, sete de formação musical e uma de educação musical. A Orquestra de Câmara ainda existia e exercia intensa atividade, mas, aos poucos, seus músicos foram absorvidos como professores ou desligados do trabalho.

(...) Os princípios da Escola de Música consistiam em ideias que priorizavam a formação do músico não apenas como um instrumentista com técnica apurada, mas também como profissional que conhecesse demais áreas, como pesquisa e interpretação, e que interagisse com outras artes, como literatura, poesia e, posteriormente, teatro e outras manifestações cujas Escolas foram sendo criadas na Fundação.

Um exemplo dessa ousadia foi a criação de um Laboratório de Desenvolvimento Auditivo que servia de apoio aos estudos. Pioneiro no mundo, contava com aparelhagem para treinos de percepção musical, encomendada exclusivamente para a Fundação das Artes, por meio da qual os alunos podiam estudar com dois geradores de som e um osciloscópio acoplados. A partir de símbolos que apareciam no osciloscópio, o estudante podia aprimorar sua percepção melódica, trabalhando com intervalos musicais, sons simultâneos ou sucessivos, direcionalidade, precisão na afinação, dentre outras possibilidades (...) Quanto ao laboratório, funcionou durante poucos anos.

(...) Em março de 1969, a Fundação das Artes passa a ocupar o prédio no qual está instalada até hoje, na Rua Visconde de Inhaúma. No segundo semestre do citado ano, quando é instituída a Escola de Teatro, o número de turmas da Escola de Música aumenta para 14. Neste ano inicial, alguns dos professores são: Nair

Romero Matos, Suzy Chagas Botelho, Maria Amália Del Picchia, Moacyr Del Picchia, Guido Bianchi, Paulo Afonso de Moura Ferreira, Eládio Pérez Gonzales, Joaquim Thomas Jayme, Roberto Manzo, Ida Meireles, Pietro Maranca, Walter Pontuscka, José Antonio de Almeida Prado e Rufo Herrera, além dos assistentes Baldur Liesenberg e Silvia Tessuto. Ainda em 1969, a Escola recebe do governo da Alemanha uma primeira doação de instrumentos musicais da marca *Orff*, para o curso de musicalização (...) As doações continuaram a ocorrer por mais alguns anos, incluindo também instrumentos de sopro e de cordas.

Ainda no final de 1969, a Fundação promove seu primeiro festival, chamado *Arte pra Frente*, entre 13 e 20 de outubro, com intensa atividade artística, incluindo apresentações de professores, alunos e grupos convidados. O evento marca o início das atividades do Coral da Fundação, que se apresenta no encerramento do festival, junto da Orquestra de Cordas, composta por professores e alunos. No dia seguinte ao término do festival, o conhecido maestro Diogo Pacheco inicia um curso de regência coral na instituição. Os pianistas Eda Fiore e Amilson Godoy apresentam-se no auditório da Fundação nos dias 29 de novembro e 6 de dezembro, respectivamente. No ano seguinte, os dois músicos tornam-se professores da casa.

(...) Nos anos subsequentes, muitos são os nomes que se destacam em festivais, concursos, apresentações e como profissionais respeitados no meio artístico. O mesmo acontece com alguns de seus professores mais jovens, como José Eduardo Gramani e Marília Pini, integrantes da Musicâmara, inicialmente técnicos do Laboratório de Desenvolvimento Auditivo, e, mais tarde, docentes da Fundação das Artes.

(...) Em 1971, estreia, pela Escola de Teatro, a montagem de *A Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, na qual a parte musical é composta de peças da renascença alemã, com arranjos de Roberto Manzo, executados ao violão por Henrique Pinto, outro grande professor de relevância nacional, que atuava na instituição desde o ano anterior.

(...) Inicialmente, a instituição se empenhou na formação de um coral composto por alunos, do qual saíram também alguns assistentes e professores. Em 1971, contou com uma Orquestra Sinfônica. Um quinteto livre de música de câmara chamado Musicart, formado por Silvia Tessuto, Antonio Rafael dos Santos, Flávio Florence, Gerson Frutuoso (contrabaixista e, ainda, professor da Fundação) e José Eduardo Gramani (curiosamente na bateria, apesar de sua formação como violinista) foi constituído em 1973. No ano seguinte, a instituição montou um Quinteto de Cordas, formado por José Eduardo Gramani, Shinobu Saito, Marília Pini, Maria Elisabeth Guimarães Rosa e Guido Bianchi, que participa do IX Festi-

val de Inverno de Ouro Preto. Roberto Manzo, Carmo Bartoloni e Mario Fernandes formam um trio vocal em 1975 e, no ano seguinte, foi criado um grupo de percussão, dirigido por Carmo Bartoloni (e, mais tarde, por Javier Calvino).

Em 1977, Nelson Ayres é contratado para cuidar da formação de conjuntos musicais, e, em junho do mesmo ano, estreiam o Quarteto de Flautas Doces, a Big Band, o Conjunto Barroco e a Orquestra de Câmara, regida por Flávio Florence (mais tarde, também regida por Lutero Rodrigues e Marcos Pupo Nogueira). Rodrigues também rege o Coral da Fundação em dezembro de 1977 (e que, em 1981, seria comandado por Paulo Rydlewski).

Em 1978, iniciam-se os trabalhos do Salada Mista, grupo dirigido, inicialmente, por Amilson Godoy, mais tarde por Roberto Sion (professor da Fundação das Artes desde 1977), do qual podiam participar alunos de todos os instrumentos, eruditos ou populares, já que os arranjos eram escritos por seus orientadores, especialmente para a formação que se apresentava. Nesse

período, a instituição também contou com excelentes professores, dentre os quais podemos destacar, além dos já citados, Glória Gramani, Jácomo Bartoloni, Ricardo Rizek, Carmen Silvia Garcia, Marisa Lacorte, Ulisses de Castro e Yara Scaglia - os dois últimos até hoje em intensa atividade pedagógica na Fundação das Artes.

(...) Em 1985, os cursos profissionalizantes são instituídos. Futuro diretor, Antonio Carlos Neves Pinto assume, em 1986, a direção da Big Band e, em 1991, também sob sua direção, é reativada a Orquestra Sinfônica Jovem. Em junho de 1989, começa o trabalho do Quarteto de Cordas (com Marley Chamorro Las Casas Junior, Alberto Labrada, Marília Pini e Alexandre Scoss Nicolai - os dois últimos professores da instituição até hoje).

Em 1992, o grupo de percussão é reativado pelo professor Sérgio Gomes (que, em 2003, passa a ser comandado por Dinho Gebara). Nos anos seguintes (1993 e 1994), têm início os trabalhos do Quinteto de Sopros (com Gabriela Machado, Fabio Flatschart, José Edgar Rosas Neto, José Ivo da Silva e Mary Macedo Rodri-

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Moacyr Del Picchia (regente) e Marília Pini (violinista, última à direita) em apresentação no teatro da Fundação. Foram identificados, ainda, José Eduardo Gramani (o primeiro à esquerda) e Shinobu Saito (a terceira)

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Milton Andrade ministrando aula na fundação das Artes na década de 1970

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Carmo Bartoloni regendo o grupo de percussão da instituição. Foto da década de 1970

gues - os dois últimos atualmente professores da Fundação), e o coral volta a funcionar sob a regência de Paola Picherzky (passando a ser conduzido, em 2001, por Laércio Resende, e, em 2002, por Daniel Volpin).

(...) Em 1997, durante a gestão de Maribel Marana como diretora-geral, a Orquestra Filarmonica de São Caetano do Sul é reativada sob a regência de Antonio Carlos Neves Pinto (que assumiria a direção-geral da Escola em 1999). Este organismo conseguiu uma produção de relevância, incluindo a gravação de um CD (1998), apresentações no *Festival de Inverno de Campos do Jordão* e na Sala São Paulo, e concertos junto a nomes como Iara Bernette, Davi Graton e Eduardo Monteiro (no terreno da música erudita) e Toquinho, Ivan Lins e Gal Costa (no terreno da música popular), dentre muitos outros.

Na sequência, alguns grupos se estabilizam e outros são criados. Assim, a Escola ganha suas cameratas de cordas, dirigidas pelos então membros do Quarteto de Cordas Alexandre Scoss Nicolai, Carmem Borba, Enaldo Oliveira e Marília Pini (e, mais tarde, por Dorothéia Gruber e Geraldo Olivieri Jr.). Em 2003, começam as atividades da Orquestra de Violões, dirigida por Paola Picherzky. Ulisses de Castro orienta grupos de alunos em Música de Câmara (e, mais tarde, também Rosimary Parra); Renato Santoro conduz os Combos, grupos de música popular (hoje conduzidos por Ogair Júnior e Rodrigo Braga); José Ivo da Silva orienta o Quarteto de Clarinetas; Fábio Ramazzina dirige o Quarteto de Violões; Patricia Michelini conduz o Grupo de Flautas Doces (atualmente dirigido por Maurílio Silva); e Tatiane Santos lidera o Grupo de Flautas Transversais.

Em 1999 e 2000, a Fundação das Artes promove duas edições do *Concurso Nacional de Piano de São Caetano do Sul*, que obteve bastante êxito ao trazer concorrentes de vários Estados do Brasil, com nível técnico bastante elevado. Entre 1999 e 2005, a Fundação das Artes promove sete Festivais de Música, realizados no mês de julho, os quais contaram com a presença de inúmeros professores e especialistas do mais alto gabarito, como Francisco Formiga, Carmo Barbosa, Lillian Carmona, Edmundo Hora, Osmar Barutti, Fernando Barba, Marco Pereira, José Eduardo Nazário, Carlos Vial, David Castelo, Sidney Molina, Paulo Tiné e Marcos Sadao (o festival voltou a ser produzido em 2013 e 2014). De 2000 a 2002, foram produzidos três Seminários de Educação Musical, os quais também contaram com a participação de grandes nomes na área, como Isa Poncet, Cássia Doninho, Fernando Sardo, Isamara Carvalho, Ilza Joly e Lisbeth Soares.

Em 2009, acontece nova mudança de direção e a Big Band passa a ser coordenada por Sérgio Gomes (e, mais tarde, em 2013, por Ogair Júnior). O Coral sofre uma reformulação e passa a se chamar Coro de Repertório, e conta também com a direção de Maria Cecília de Oliveira. (...)

Em 2010, é realizada a primeira ópera da Escola com produção própria. *Dido e Enéas* contou com as professoras Patrícia Michelini e Maria Cecília de Oliveira no elenco, além da direção cênica de Haydée Figueiredo, fundadora da Escola de Dança da Fundação das Artes na década de 1970. A produção teve ainda a participação do Coro de Repertório e de grupos da Escola de Dança.

Em 2012, são criados os Grupos de Trompas, sob a orientação dos professores Deusenil

Santos e Nikolay Genov, e, no ano seguinte, Valdir Ferreira inicia as atividades com o Grupo de Trombones. (...)

(...) A Fundação das Artes concilia tradição e ousadia, produzindo eventos da mais alta qualidade artística e preparando profissionais para o mercado de trabalho. É hoje uma das principais Escolas de São Paulo e do Brasil no que concerne à formação de músicos e artistas, sendo um dos poucos locais no país onde se faz arte mesmo com pessoas que não tenham experiência. Dessa forma, alunos aprendem e praticam um novo ofício (e, por vezes, fazem dele sua profissão), estabelecem contato com outras linguagens artísticas (até então desconhecidas), convivem com pessoas de realidades muito distintas, e estabelecem relação aluno-professor não apenas acadêmica, mas de companheirismo (algumas vezes até profissionalmente, trabalhando juntos). Assim, além das obrigações acadêmicas, muitos sentem-se em casa, encontram amizades duradouras, e frequentam o prédio em horários extras para estudar, ensaiar, planejar, e assistir apresentações. Uma experiência marcante, lembrada e guardada com carinho. **R**

DANIEL VOLPIN MENEGUELLO

É FORMADO EM REGÊNCIA PELA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (ECA/USP) E LECIONA NA FUNDAÇÃO DAS ARTES DESDE 2000. É COORDENADOR DA ESCOLA DE MÚSICA DA INSTITUIÇÃO DESDE 2012. DESDE 2009, TAMBÉM LECIONA NA EMESP (ESCOLA DE MÚSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO) TOM JOBIM.

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Flagrante de apresentação musical no teatro da Fundação, com José Eduardo Gramani (ao violino), Eda Fiori (ao piano) e Marília Pini (à direita). Foto da década de 1970

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Regente Nelson Ayres durante apresentação, na década de 1970. De camisa xadrez, foi identificado Roberto Sion



ESCOLA DE TEATRO

Celso Correia Lopes

Moto-contínuo

A Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul está em constante movimento. Esta é uma marca que a acompanha desde sua criação. Lá em 1968¹, quando a Escola surge do desejo de pensar e ensinar teatro além das esferas da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD-USP), se pensava: Quais caminhos seguir? Os caminhos eram muitos e optou-se por caminhar primeiro, elaborar seus objetivos e escolhas estéticas em funcionamento. Nasceu, assim, uma Escola que não para.

Das escolhas surgiram artistas, pensadores e críticos que fizeram uma Escola ser construída de sonhos e arte. Os sonhos destes artistas somaram-se aos de muitos jovens, os de fazer da arte seu trajeto de vida. O encontro dessas pessoas definiu o que a Escola de Teatro é hoje.

Milton Andrade, Antonio Petrin, Ruslan Gawilujik, José Armando Pereira da Silva, Mariângela Alves de Lima, Jefferson Del Rios, Timochenco Wehbi (que dá o nome ao nosso teatro) e Jonas Bloch, todos eles nomes consagrados do cenário artístico e com destacada passagem pela história da Fundação, deram os primeiros passos da Escola e já pensavam em como prosseguir. Enfim, pensaram a Escola trabalhando nela.

Logo adiante, Eugênio Kusnet, considerado o mais importante ator de formação stanislavskiana do teatro brasileiro, a convite de Milton Andrade, junta-se ao grupo e dedica-se a investigar seus métodos na prática com os alunos. Essa experiência intensa, registrada no livro *Ator e Método*², em 1975, marca a trajetória da Escola e continua, até hoje, a ser a base prática e ética na formação de nossos atores. Kusnet caminha conosco e, por meio de seu livro, encontrou sua forma de não parar.

Seguimos. Ora contra, ora a favor do vento, enfrentando geadas de inverno e brisas da primavera e entramos



Alice Harranek, como a bruxa, personagem do espetáculo *O Cágado e a Fruta*, de 1979, encenado por alunos da Fundação das Artes

na década de 1980 com montagens que marcam a história do teatro brasileiro. É a hora de *O Coronel dos Coronéis*, espetáculo baseado na obra de Maurício Segall, e dirigido por Ulysses Cruz, em 1980, que toma proporções inimagináveis, com direito a apresentações na Bahia e no Rio de Janeiro, além de catapultar os atores Cássia Kiss e Marcos Frota.

O espetáculo alicerça o nome da Escola de Teatro não somente como um espaço formador, mas também de produção e circulação artística. Nestes mesmos moldes, o diretor e dramaturgo Carlos Alberto Soffredini realiza sua obra *Minha Nossa*, de 1984 (Soffredini fundou, em 1985, o Núcleo de Estética Teatral Popular – Núcleo Estep, com alunos da Fundação das Artes. A estreia do grupo se deu com *Minha Nossa*, que já havia ganhado os palcos com uma encenação do Grupo Mambembe no ano anterior).

Estes modelos de realização e produção ainda reverberam, atualmente, no curso técnico em teatro. Como parte da formatura, são realizados dois meses de temporada teatral, que congregam duas formações: a primeira é a do próprio aluno, que tem a experiência de realizar uma temporada teatral. A segunda é a formação de público, que tem a possibilidade de prestigiar uma produção de alta qualidade realizada no próprio município.

Na região do Grande ABC, São Caetano torna-se referência ao realizar duas produções teatrais com temporada de dois meses, ou seja, dos 12 meses

do ano, quatro são dedicados às temporadas, movimentando profissionais das mais diversas áreas e artistas das mais diferentes frentes criativas.

Continuamos caminhando - Em 1986, a Escola de Teatro recebe autorização para abertura do seu curso técnico e marca, definitivamente, sua vocação para a formação de atores.

Nessa época, dois mestres, que marcaram gerações de atores que aqui se formaram, passam a atuar como docentes. Alexandre Dressler, que se no-



Lídia Zózima, professora de expressão corporal

tabilizou como preparador vocal, e Lídia Zózima, professora de expressão e preparação corporal na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), dedicaram-se à Escola por mais de 30 anos. Quem teve o privilégio de experienciar aulas de corpo, voz e interpretação, com estes professores, tem na memória o respeito e amor à arte que eles carregam.

Lídia, que nos deixou no verão de 2016, encontrou sua forma de não parar, imprimindo nas paredes, nos professores que lá estão, e nos alunos que

por lá passaram, sua forma de ver e ser teatro. Do nosso querido Dressler, que se aposentou no ano passado, fica a certeza de que seu trabalho infalível, de repertório e de pesquisa em voz, continua no programa de aulas dessa disciplina. Às vezes, alguns dizem ouvir uma voz forte ecoando das paredes do prédio da Fundação das Artes. Com certeza, sua voz está gravada na alvenaria da Escola.

Dressler introduziu os cursos livres para adolescentes e Lídia, quando coordenadora da Escola, ampliou o atendimento para novas faixas etárias. Atualmente, esses cursos representam dois terços do corpo discente da instituição. E, assim, a Escola de Teatro continuou seu caminho, sem cessar.

Quando nos aproximamos do século 21 uma nova proposição surge para o aprimoramento do ensino técnico. A extensão da matriz de aulas é proposta a partir do aprofundamento dos conceitos, ampliação de possibilidades e modernização do perfil do aluno que pretende se formar. A Escola de Teatro se reinventa para formar atores com experiências am-

plas, incluindo vivências artísticas e técnicas, apresentando outras possibilidades de atuação nas artes cênicas.

Definitivamente somos um moto-contínuo. Moto-contínuo é o desejo de construir uma máquina que nunca para. Somos esse anseio de estar em constante movimento. Um movimento realizado em espiral. Voltamos ao início para seguir adiante. Caminhamos para que a Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul seja sempre construída a partir dos sonhos e da arte de artistas e alunos que ali frequentam. E também daqueles que vieram antes de nós. **R**

NOTAS

¹ A Escola de Teatro da Fundação das Artes teve sua criação prevista pelo parágrafo 1º, do artigo 3º da lei nº 1.671, de 25 de abril de 1968, que criou a instituição. Essa escola foi fruto do intenso movimento que envolveu as artes cênicas em São Caetano, no segundo semestre daquele ano, por ocasião do VI Festival Estadual de Teatro Amador, que, além de ter contado com a participação de grupos sul-são-caetaneses, teve sua fase eliminatória sediada aqui na cidade. Em 1969, a Escola de Teatro da Fundação das Artes deu início às suas atividades já no prédio que abriga a sede da entidade, na Rua Visconde de Inhaúma, nº 730.

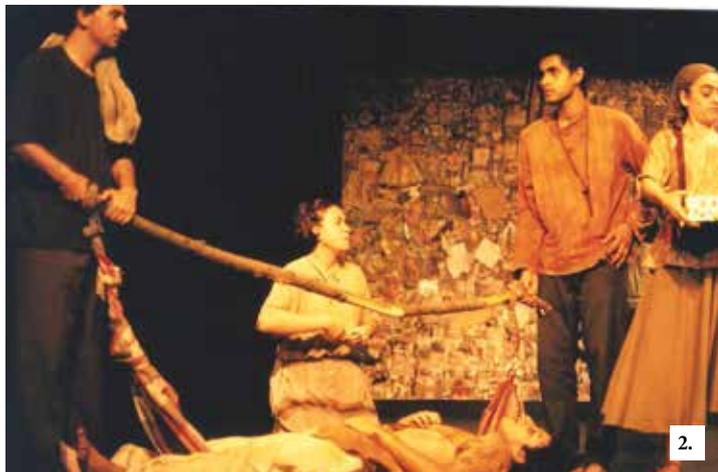
² Livro que expõe a metodologia interpretativa do ator, diretor e professor de teatro Eugênio Kusnet (1898-1975), artista russo radicado no Brasil a partir de 1926. Kusnet tornou-se também reconhecido como professor de interpretação, devido a suas habilidades na direção de atores. Neste livro (preparado pelo autor, porém publicado postumamente), a metodologia que desenvolveu está explicitada em duas partes: *Iniciação à Arte Dramática* e *Meios de Comunicação Emocional*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/bctb/obra.php?cod=17993> (Bibliografia Crítica do Teatro Brasileiro). Acesso em: 9 out. 2017.

CELSO CORREIA LOPES

É ATOR, FORMADO PELA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL, E DIRETOR TEATRAL, PELA ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA. ESCREVEU VÁRIOS TEXTOS PARA O TEATRO INFANTIL E ADULTO, DESTACANDO-SE: *MEU AMIGO INVENTOR*; *HUGO, OS IMAGINÁRIOS E A CIDADE DO MEDO*; *SUB-POP-ÓPERA DOS MENDIGOS*; *LÁ FORA E MULHERES DE FASES*, *HOMEM DE LUA*. É PROFESSOR DE INTERPRETAÇÃO, MONTAGEM TEATRAL E VOZ NA FUNDAÇÃO DAS ARTES DESDE 2003, ALÉM DE SER O COORDENADOR DA ESCOLA DE TEATRO. É ORIENTADOR DO PROJETO *ESPETÁCULO DAS FÁBRICAS DE CULTURA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO*.



1.



2.



3.



4.



5.



6.

1. ELENCO DO ESPETÁCULO *CALA A BOCA*, *ETELVINA*, ENCENADO EM 1984, COM DIREÇÃO DE AMILTON MONTEIRO DE ANDRADE

2. *A REVOLUÇÃO DOS BEATOS*, ESPETÁCULO DA VIGÉSIMA TURMA FORMADA NO CURSO PROFISSIONALIZANTE DA ESCOLA DE TEATRO, EM 1997. A DIREÇÃO FOI DE TIN URBINATTI

3. PAULO ARCURI, EM FLAGRANTE DA PEÇA *A VIDA É SONHO*, DE 2004. DIREÇÃO DE SERGIO DE AZEVEDO

4. FORMANDOS DA ESCOLA DE TEATRO NO PALCO, APRESENTANDO *ARRITMIA*, EM 2011, QUE TEVE DIREÇÃO DE SERGIO DE AZEVEDO

5. A TURMA 40 DA ESCOLA DE TEATRO ENCENOU *ASSIM QUE PASSAREM CINCO ANOS*, DE GARCIA LORCA, EM 2009. DIREÇÃO DE CELSO CORREIA LOPES

6. PARTE DO ELENCO DE *OS RIDÍCULOS*, A MAIS NOVA PRODUÇÃO DA ESCOLA DE TEATRO DA FUNDAÇÃO DAS ARTES, DA TURMA DE FORMANDOS DE 2017

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



ESCOLA DE DANÇA

Morisa Garbelotto e Caren Polido Ferreira

Dos primeiros passos aos grandes palcos

Atualização, evolução e compromisso sério com o ensino é o principal objetivo da Escola de Dança da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Em 1969, inicia-se a primeira fase com curso de dança moderna, ministrado por Rosa Koshiba. Em 1986, durante a gestão de Roberto Manzo, a Escola passou por uma reestruturação, coordenada pela professora Denise Namur, recebendo uma nova diretora, desta vez com um novo curso, o de balé clássico, que passou a contar, inicialmente, com 17 alunas.

Duas professoras de clássico foram contratadas, Caren Polido e Márcia Vicário, além de uma professora de jazz, Cattia Cardenuto. Já no ano seguinte, como a procura pelo curso de balé clássico foi grande, decidiu-se manter somente essa linguagem na Escola. Foi então que Morisa Garbelotto,

Fátima Silva e Claudia Hirota passaram a integrar a equipe do corpo docente da Fundação das Artes.

Em 1991, Denise Namur deixa a coordenação da Escola de Dança, assumindo Morisa Garbelotto, que permaneceu no cargo até junho de 2003. Na sequência, assume o comando da Escola, ocupando a função até hoje, Caren Polido.

Durante um tempo, outro curso, o de dança moderna, seguia paralelamente com quatro módulos semestrais, e tinha o objetivo de atingir um público diferenciado que buscava outra linguagem corporal, visando à expressão livre do movimento. No ano 2000, esse curso, já com a denominação de dança contemporânea, foi integrado à grade curricular do balé clássico, seguindo um modelo que já estava sendo usado em escolas europeias e que surtia grande efeito na composição e compreensão corporal do aluno. Essa inclusão foi de

muita valia para a formação completa do bailarino e as aulas começaram a ser ministradas por duas ex-alunas, que se desenvolveram e se formaram na própria Fundação, Alessandra Fioravanti e Daniella Rocco.

Como parte da filosofia da Escola de Dança, começou-se a focar nas práticas pedagógicas, por meio das quais as alunas passaram a acompanhar as aulas das professoras, recebendo orientações para a elaboração de um plano de aula e estudando as fases de aprendizagem. Essa prática colabora, com responsabilidade, para a formação bem estruturada de professores. Um exemplo disso é a grande quantidade de ex-alunas que hoje trabalham como professoras ou montaram suas próprias escolas.

Fabíola Bittar é professora de dança no Colégio Eduardo Gomes; Tania Liberato atua como professora, bailarina e coreógrafa de balé clássico e contemporâneo; Maria Fer-

nanda Garcia é professora registrada pela Royal Academy of Dance¹; formada pela Fundação, Simone Xavier é proprietária do Centro Cultural Grand Dance, localizado em Santo André; Jacqueline Paola atua como professora de balé clássico, inclusive em projetos sociais; a ex-aluna Patricia Pressutti é proprietária e diretora, há dez anos, da Oca Oficina Corpo e Arte, escola com várias unidades no ABC e em São Paulo. Atualmente, também é bailarina da Dias & Cia, de dança contemporânea; Karen Horn é professora universitária em curso de educação física, ministrando as disciplinas de danças e ritmos e psicomotricidade e aprendizagem motora; Nathalia Raineri atua como professora de dança e expressão corporal da rede municipal de São Caetano do Sul; e, finalmente, Fernanda Bianchini, presidente da Associação Fernanda Bianchini, mantenedora da única companhia de balé de cegos no mundo, que atualmente atende gratuitamente 350 alunos carentes e com diversas deficiências, de 3 anos até a terceira idade.

Em 1996, percebeu-se a necessidade de oferecer novas linguagens na Escola, com profissionais diversificados na área de dança e uma experimentação de integração com as outras escolas da própria Fundação das Artes, como música, teatro e artes visuais. Foram três anos consecutivos de workshops variados e espetáculos de encerramento com escolas convidadas. A grande procura pelos cursos fez com que fosse idealizado, em outros moldes, o I Festival de Dança, em 2000, com duração de quase um mês. A assessora artística desse evento foi Toshie Kobayashi².

A partir daí, o Festival de Dança de São Caetano do Sul se tornou uma tradição anual. Desde sua primeira edição, proporciona espetáculos de diversas companhias nacionais e internacionais, workshops de

dança com renomados professores da área, atividades que se integram a outras artes e, em vários anos, foram realizados também concursos e mostras de dança, com a participação de escolas do ABC e da Grande São Paulo. Durante esses anos todos de festival, alunos da instituição e convidados de outras escolas tiveram a oportunidade de receber ensinamentos valiosos de professores consagrados da dança em vários estilos. Estiveram presentes em nossos festivais: Roseli Rodrigues, Toshie Kobayashi, Miriam Druwe, Luis Ferron, Miti Warangae, Andrea Thomioka, Fabiana Villas Boas, Marcelo Cirino, Fernando Miranda, Lars Van Cauwenbergh, Neide Rossi, Ilara Lopes, Eduardo Bonnis, Valeria Mattos, Ady Addor, Andrea Pivatto, Betina Zacharias,



Edson Santos, Edy Wilson, Ivan Bernardelli, João Pirahy, Ricardo Scheir, Andrea Sposito, Paula Sanches, Paula Firetti, Sandro Borelli, Claudia de Souza, Vanessa Macedo, Robson Ferraz, Mauricio de Oliveira, Renata Melo, entre outros.

Nomes ilustres da dança vieram também para abrilhantar nosso festival de 2006: Ana Botafogo e Marcelo Misailidis, ambos primeiros bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 2008, os dois retornaram e dançaram a abertura de *Romeu e Julieta*, ao som da Orquestra Filarmônica de São Caetano do Sul.

Cecília Kerche, que foi a primeira bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, veio em 2007, nos contemplando com a obra *Cisne Negro*. Companhias de todo país se apresentaram

no Teatro Paulo Machado de Carvalho, fazendo parte da programação dos festivais organizados pela Fundação das Artes, dentre elas podemos citar: Companhia de Danças de Diadema, Balé Teatro Guaíra (Paraná), Companhia de Danças da Bielorrússia, Balé da Cidade de São Paulo, Companhia de Dança da Fundação das Artes, Companhia de Dança Tradicional Coreana, Ballet Clássico de Madri, Dança de Rua do Brasil (Santos), Raça Companhia de Dança de São Paulo, Distrito Cia de Dança (Ribeirão Preto), Companhia Jovem de Ballet e Companhia Antonio Nóbrega de Dança (São Paulo), em parceria com o Serviço Social do Comércio (Sesc).

O autoconhecimento e a competição são fatores benéficos para a formação da personalidade do bailarino. Pensando nisso a Escola de Dança criou, em 1998, a Companhia de Dança Juvenil, mantendo como integrantes alunas ainda em formação. Era um grupo clássico que desenvolvia trabalhos livres e de repertório, e que alcançou muitos primeiros lugares em grandes festivais de dança, incluindo, logo de início, a conquista de uma bolsa de estudos em Viena (Áustria), para uma das integrantes.

O Núcleo Adulto da Companhia de Dança, que, posteriormente, tornou-se a Staccato Companhia de Dança, também criado em 1998, com integrantes já formados pela Fundação das Artes e convidados, partiu para uma linha contemporânea. Teve como diretora artística Caren Polido e era formado por sete bailarinas, entre elas as atuais professoras Daniella Rocco e Alessandra Fioravanti. Foi a principal companhia de dança de São Caetano do Sul, com reconhecimento nacional, tendo se apresentado em diversas cidades do país. Foi também o único grupo de São Caetano a ser convidado a participar do Festival de Dança de Joinville³.

Grupo de Dança da Fundação das Artes, durante apresentação de *As Fadas*; do Ballet *A Bela Adormecida*, no Festival de Dança de Joinville, em 2005

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Natália Gil, do Grupo Institucional de Dança, apresentando *Variação de Chamas de Paris*

Entre os coreógrafos que passaram pela Stacatto, destacamos: Luis Ferron, Miriam Druwe, Ivonice Satie, Anselmo Zolla e Sandro Borelli. Este grupo se desligou da instituição em 2002, sendo acolhido pela Escola de Ballet Toshie Kobayashi.

Em 2006, criou-se o Grupo Infantil e, dois anos depois, o Júnior. Todos eles representam a escola e, porque não dizer, São Caetano do Sul,

glês e Thais Parente (atuações em musicais); Liana Atan (bailarina do Roberto Leal); Ana Paulino (bailarina, contratada pelo Joburg Ballet, na África do Sul); Daniela Vega (trabalhou em grandes produções musicais em São Paulo, sendo protagonista em: *O Fantasma da Ópera*, *West Side Story*, *A Bela e a Fera* e *O Rei e Eu*. Em Berlim, participa e cria espetáculos de música e dança, inclusive em festivais de arte por toda Europa).

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Glauca Rocha, em destaque, no espetáculo *La Fille Mal Gardée*, apresentado pela Escola de Dança em dezembro de 2016

em importantes festivais e mostras de dança pelo Estado e pelo país. A Escola de Dança, que formou mais de 150 alunos, sempre priorizou o ensino com qualidade e proporcionou aos formados uma vida profissional dentro da área, mesmo sem ser profissionalizante. Citamos aqui algumas alunas que integram ou integraram companhias de pesquisa e dança contemporânea: Elisângela do Carmo (Cia. de Dança de Manaus e Cia. Borelli de Danças); Juliana Alves (Cia. de Dança de Diadema); Adriana Gerezani (bailarina contemporânea, pesquisadora de dramaturgias do corpo, dança-educação, expressões populares e danças brasileiras); Renata Peraso e Paula Alves (São Paulo Cia. de Dança); Thais Santhiago e Priscila Pressutti (bailarinas na Rede Globo); Renata In-

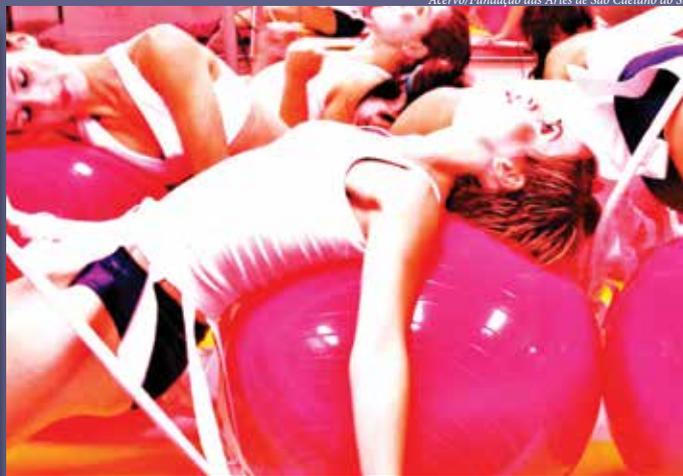
Grupo Institucional de Dança – A Escola de Dança conta com vários grupos. O Grupo Institucional de Dança da Fundação das Artes iniciou seus trabalhos em 1997 e, desde então, sua produção artística tornou-se importante para a Escola de Dança por conta da qualidade dos trabalhos produzidos. Ele é oferecido para alunos, ex-alunos e convidados, possibilitando a descoberta de novos talentos, oferecendo um trabalho mais aprofundado com diversas linguagens: clássica, contemporânea, clássico de repertório, jazz e outros estilos. Além disso, o grupo tem experiência em produção e criação, e participa de eventos diversos na cidade, em festivais nacionais e internacionais, promovendo a instituição.

Ao longo de seus 20 anos de trabalho, o grupo tem uma história muito rica, com a criação de diversos trabalhos originais e remontagens. Em seu repertório incluem-se trabalhos coreográficos elaborados por profissionais de renome no mundo da dança (Ricardo Scheir, Boris Storjkov, Toshie Kobayashi, Henrique Talmah, Jhean Alex, entre outros). Já participou de eventos de diversas naturezas (mostras, encontros e festivais)

Festival de Dança de Joinville. Em 2015, participou, com o *Grand Pas de Deux de Paysant*, do Festival Tanzolymp, em Berlim (Alemanha). Este ano, com o Grupo Institucional de Dança, participou do Festival Norte Dança, na cidade do Porto (Portugal), trazendo três primeiros lugares, incluindo um solo. Apresentou ainda, na Paula Castro Cia. de Dança, o balé *O Lago dos Cisnes*.



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

e foi premiado em variados concursos (Festival de Dança de Joinville, Festidança - São José dos Campos, Festival Bravos, Passo de Arte, Dança Ribeirão, Mapa Cultural Paulista, Festival do Conselho Brasileiro da Dança, Tanzolymp - Alemanha, Festival Norte Dança - Portugal, entre outros). Atualmente, integram o grupo as bailarinas: Natalia Gil, Gláucia Rocha, Rachel Nicolau, Beatriz Lima e Thaís Oliveira.

Natalia Gil iniciou os estudos na Fundação das Artes em 2000. Aos 13 anos, como solista, adquiriu vaga para dançar no Festival Danza-mérica, na Argentina. Em 2009, formou-se e tornou-se professora de ballé clássico. Em 2011, conquistou o primeiro lugar para a Fundação, com *Grand Pas de Deux de Harlequinade*, no

A bailarina Gláucia Rocha obteve premiações e indicações em festivais de grande importância, como o de Joinville. Em 2014, foi selecionada em uma audição para integrar a Cia. de Ballet Cisne Negro, e participar do balé *O Quebra-Nozes*, realizado todos os anos no Teatro Alfa. Foram quatro intensos meses de ensaio com a bailarina Ana Botafogo, a professora Toshie Kobayashi, entre outros. Logo se destacou e representou o papel de Clara, personagem principal da montagem. Em 2015, foi selecionada para participar do festival Tamzolymp. Obteve bolsas para cursos em cidades como Nova Iorque.

Rachel Nicolau iniciou na Fundação das Artes em 2002 e em 2004 já fazia parte do grupo infantil, representando a escola nos festivais,

incluindo o Festival de Dança de Joinville. Formou-se em 2012. Com o seu trabalho coreografado em 2015, representou a escola no Festival Norte Dança, obtendo o primeiro lugar. Produziu para o Grupo Institucional o espetáculo *Corpos que falam*, que estreou em setembro.

Formada em 2012 pela Fundação das Artes, Beatriz Lima integrou desde cedo todos os grupos de dança da escola e hoje faz parte do Grupo Institucional de Dança, como bailarina e coreógrafa. Estuda educação física na Universidade de São Paulo (USP) e pesquisa sobre desenvolvimento motor em crianças. Esse ano, participou do Festival Norte Dança, obtendo o primeiro lugar. Como coreógrafa, participou do Festival Tamzolymp. Em setembro, apresentou o espetáculo *Corpos que Falam*, que produziu e coreografou para o Grupo Institucional de Dança.

Thaís Oliveira formou-se pela Fundação das Artes em 2014. Participou dos grupos de dança e obteve muitas premiações em importantes festivais, incluindo participação no Tanzolymp, em fevereiro de 2017. Também em abril deste ano, participou do Festival Norte Dança, obtendo primeiro lugar em duas categorias, junto ao Grupo Institucional de Dança da Fundação das Artes. Cursa faculdade de educação física na Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e é professora de balé clássico.

Grupo Juvenil da Fundação das Artes - O Grupo, dirigido pela professora Marcia Vicário, conta com a participação de alunas do 5º ao 8º ano. Em seu repertório, apresenta muitas coreografias, todas com

alto índice de complexidade, técnica e variedade de estilos, o que garante a participação em festivais, espetáculos e outros eventos, dando visibilidade à Fundação das Artes no panorama da dança nacional, abrindo caminho para a participação futura em eventos internacionais.

A diversidade de estilos apresentados engrandece o desenvolvimento artístico e o aprimoramento técnico de todos os componentes, possibilitando ainda atender a todos os convites de São Caetano do Sul, demais municípios e entidades filantrópicas.

Grupo Júnior da Fundação das Artes - O grupo, dirigido pela professora Morisa Garbelotto, é composto por alunas em formação do 2º ao 4º ano. O desenvolvimento de coreografias de estilos diversos e as várias apresentações, durante o processo,

são importantes ferramentas para o desenvolvimento artístico e aprimoramento técnico das alunas. Por meio de um repertório de coreografias ampliado, é possível atender aos convites recebidos para apresentações, dentre outras oportunidades, como a participação em festivais competitivos, com o objetivo

de projetar o nome da Fundação no cenário da dança nacional, sempre priorizando os inúmeros eventos da cidade de São Caetano do Sul.

Grupo Infantil da Fundação das Artes - O grupo, dirigido pela professora Marcia Vicário, conta com a participação de alunas do iniciante ao 2º ano. Seu repertório de estilos variados possibilita a participação em festivais de caráter competitivo, mostras, espe-

Rachel Nicolau, do Grupo Institucional de Dança, apresentando *Grand Pas de Deux de Don Quixote*, no Teatro Ítalo-brasileiro, em 2014



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

táculos e outros eventos, garantindo à Fundação das Artes visibilidade no contexto da dança nacional.

A graciosidade, técnica e o desenvolvimento artístico de crianças tão pequenas mostram o quanto a escola se preocupa com a base do ensino e o desenvolvimento da dança desde o início do aprendizado.

Rodopio Cia. de Dança - Grupo de pesquisa em dança contemporânea criado em 2010, é dirigido pela professora Daniella Rocco. Propõe a criação de espetáculos temáticos dirigidos ao público infantil, o trabalho direto com crianças em oficinas de dança criativa, a composição de coreografias curtas para os outros grupos de dança da escola e o envolvimento com projetos que tenham como assunto a corporalidade infantil.

O trabalho de ação está contido no interesse de despertar na criança a imaginação, a curiosidade, a ação autônoma, a criação espontânea e o envolvimento com a arte por meio da dança, contribuindo dessa forma para a sua sensibilidade e formação. Além do trabalho técnico aprimorado, a interação com o público, a ludicidade, a ação direta e a improvisação são fatores predominantes nos trabalhos do grupo.

Núcleo de Pesquisa em Dança Contemporânea - A vontade de fundir a dança com outras linguagens artísticas criou condição para o surgimento do Núcleo de Pesquisa em Dança Contemporânea. Por meio de vivências e experimentos diversos, os integrantes participam de processos colaborativos que resultam em espetáculos que propõem uma fusão de dança, teatro, performance e outras formas de expressão artística que contribuem para o desenvolvimento da obra. Desde 2015, desenvolvem esse estudo, tendo já criado dois espetáculos: *Toc Toc...Anjo?* e *Duelo de Egos*.

Produções da Escola de Dança - Quanto às produções, além dos espetáculos de pequeno porte, dentre

as grandes produções ao final de cada ano, vale destacar quatro balés de repertório clássico, que foram remontados, em suas primeiras versões, pela professora Valéria Mattos, com a participação de toda a Escola de Dança e ainda convidados especiais, entre bailarinos e atores. Foram eles: *Coppélia*, *O Quebra-Nozes*, *A Bela Adormecida* e *La Fille Mal Gardée*.

É importante mencionar que a Escola de Dança desenvolve um ensino de excelência e tornou-se reconhecida e respeitada nacionalmente dentro do cenário da dança. Tudo isso por manter um compromisso sério e estar sempre se atualizando, sem deixar a disciplina e a técnica tradicional, atingindo assim os objetivos e expectativas individuais de cada aluna que ingressa na escola. **R**

NOTAS

¹ Fundada em 1920 para definir padrões para o ensino de dança no Reino Unido, a Royal Academy of Dance está presente em 85 países, inclusive no Brasil. É uma organização de educação de dança, que oferece programas e qualificações para professores da área, além de conferências, oficinas e cursos de treinamento. Disponível em: <https://www.rad.org.uk/about/about-the-rad>. Acesso em: 19 out 2017.

² Um dos principais nomes da dança clássica no Brasil, Toshie Kobayashi era professora, jurada e promotora de diversos cursos, workshops e competições no país. Teve uma rápida carreira como bailarina clássica, mas foi como mestra que ela realmente ficou conhecida. Toshie souou mais de 40 anos como professora. Foi membro da Royal Academy of Dance, de Londres, e madrinha da Escola do Teatro Bolshoi, no Brasil. Era proprietária da Escola de Ballet Toshie Kobayashi, em São Caetano. Faleceu no dia 17 de maio de 2016. Disponível em: www.spdrj.com.br/blog/?p=224. Acesso em: 19 out 2017.

³ Evento pioneiro na área, foi criado em 1983 e se tornou referência mundial no campo da dança. Desde sua primeira edição, já contou com a participação de 4,5 milhões de pessoas. Em 2005, o *Guinness Book*, publicação que registra os recordes mundiais, incluiu o Festival de Joinville no tópico maior festival de dança do mundo. As premiações do Festival de Dança de Joinville no currículo têm um significado especial, que podem ajudar os bailarinos a serem contratados por grandes companhias nacionais e fazer grupos de dança independentes conseguirem convites para apresentações com cachê. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/anexo/noticia/2017/07/entenda-por-que-o-festival-de-danca-de-joinville-e-o-mais-importante-do-brasil-9844381.html>. Acesso em: 19 out 2017.

MORISA GARBELOTTO

É FORMADA EM BALÉ CLÁSSICO PELA ESCOLA DE BALLET TOSHIE KOBAYASHI. PARTICIPOU DO PRINCIPAL GRUPO DE DANÇA DA ESCOLA POR 11 ANOS E FOI PROFESSORA DURANTE 20 ANOS. FOI PROFESSORA DA ROYAL ACADEMY OF DANCE EM VÁRIAS ESCOLAS E OBTVEU SETE DIPLOMAS. PROFESSORA DESDE 1988 NA FUNDAÇÃO DAS ARTES, COORDENOU A ESCOLA DE DANÇA POR 12 ANOS, REALIZANDO OS PRIMEIROS FESTIVAIS DE DANÇA DE SÃO CAETANO DO SUL. É BACHAREL E LICENCIADA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC-SP) EM LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA E É PROFESSORA NA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS).

CAREN POLIDO FERREIRA

É FORMADA EM BALÉ CLÁSSICO PELA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADOS E PELA FUNDAÇÃO DAS ARTES. GRADUADA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PÓS-GRADUADA EM GESTÃO ESCOLAR, FREQUENTOU CURSOS DA ROYAL ACADEMY OF DANCE NA ESCOLA DE BALLET TOSHIE KOBAYASHI. FOI DIRETORA ARTÍSTICA DA STACATTO CIA. DE DANÇA. MINISTRA AULAS DE BALÉ CLÁSSICO DESDE 1985 NA FUNDAÇÃO DAS ARTES E COORDENA A ESCOLA DE DANÇA DESDE 2003. DENTRE OUTRAS FUNÇÕES, ORGANIZA OS FESTIVAIS DE DANÇA E AS REMONTAGENS DOS BALÉS DE REPERTÓRIO.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS

URBANO



Valdo Rechelo

Como contar a história da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul? Esta foi a primeira pergunta que me fiz. Essa trajetória tem início em outubro de 1968. Com sua inauguração, a Fundação das Artes passa a oferecer cursos nas quatro linguagens, música, teatro, artes visuais e dança. Esta configuração se mantém até hoje. Em um momento difícil da história do país, o projeto de criar um polo cultural na cidade de São Caetano era ousado.

Quando inaugurada, a Escola de Artes Visuais contava com quatro ateliês, sendo os maiores destinados à linguagem da gravura e escultura. Os outros dois eram dedicados a aulas de desenho, pintura e história da arte. Nesses espaços sempre foram valorizadas experimentações, pesquisas e projetos como forma do aluno descobrir a própria poética e, assim, passar a ter autonomia na criação artística.

A Escola de Artes Visuais passa a ser um novo espaço de formação, de caráter mais amplo e democrático, até mesmo por sua estrutura de cursos livres, abertos ao ingresso de público com diferentes níveis de instrução. Os cursos oferecidos nos ateliês representavam uma das poucas opções na região, para quem pretendia estudar arte e se desenvolver na linguagem visual. Tendo como principal objetivo a experimentação do fazer, certamente, a Escola foi responsável pelo aparecimento de uma nova geração de artistas no quadro da arte contemporânea.

Apostando na formação de um novo público, a Escola de Artes Visuais passa a oferecer cursos para o público infantil e juvenil, a partir do início da década de 1970. Nesse momento os

Pesquisa, criatividade e criação em um só lugar

Alunos participam de aula em ateliê da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes. Foto da década de 1970



Artes/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

curso passam a se desenvolver em três turnos: manhã, tarde e noite. Independente da faixa etária, o trabalho nas aulas se desenvolve de forma bastante flexível, possibilitando ao aluno traçar seu próprio caminho, sem um currículo que o pressione. Esta postura é mantida até hoje, o que torna muito mais agradáveis as descobertas na arte. Nos ateliês, são as linguagens expressivas e criativas que serão exploradas e não as respostas prontas, estimulando a criatividade.

A Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes é um lugar onde a pesquisa de materiais é ponto fundamental para um amadurecimento artístico. É também o local onde lidamos com o desconhecido, com as ideias que ainda não tivemos e com as descobertas. Neste espaço de criação são as perguntas, os acasos, as brincadeiras e as estranhezas que estimulam e movimentam o aluno. Independente de suas instalações, o ateliê de Artes Visuais é um recorte no tempo e no espaço cotidiano, oferecendo a aventura da pesquisa e da criação.

Todos os que procuram os cursos de artes visuais têm o desejo de descobrir seu projeto pessoal e se expressar através dele. Nesse momento é a presença do orientador que irá auxiliar o aluno nesta busca. Os orientadores da Escola de Artes Visuais são artistas com assídua produção e pesquisa constante, que se tornam, assim, peça fundamental no processo de descoberta. Neste aspecto, o artista orientador tem papel fundamental no desenvolvimento do projeto do aluno. É ele que, com sua sensibilidade, poderá indicar o melhor caminho a seguir. Ele carrega sua experiência particular, vivenciada na realização de sua obra. É sua produção que irá alimentar e reforçar o conteúdo de suas aulas.

Outra vertente no processo acadêmico são as exposições. Elas servem para apresentar o resultado das pesquisas realizadas no ateliê e também como suporte didático para as aulas.

As mostras ocorrem como encerramento de um ciclo da produção desenvolvida em aula. Nesse momento passa a ser um precioso instrumento de desenvolvimento, muito diferente do processo de realização dos trabalhos. O foco agora será a forma como serão apresentados. Para se estabelecer uma relação entre as obras e o espaço expositivo é necessária a ajuda técnica do curador, que irá auxiliar neste diálogo.

A realização de uma exposição envolve diversos fatores que vão do planejamento teórico, que compreende toda concepção e fundamentação, estendendo-se aos fatores técnicos, que estão relacionados com montagem, iluminação, projeto gráfico e expografia.

Não somente exposições de trabalhos realizados em aula são apresentadas. Vários artistas renomados no cenário das artes plásticas expuseram na Fundação das Artes, entre eles Evandro Carlos Jardim, Iole Di Natale, Rubens Matuck, Antonio Carlos Rampazzo, Antonio Valentim Lino, Daniel Melim e outros. Essas mostras têm a finalidade de ampliar o repertório dos alunos, assim como do público que frequenta a Fundação. Ter contato com a produção dos artistas sempre resulta em saldo positivo.

Com o aspecto cada vez mais profissional das exposições, fez-se necessário formar um grupo de apoio constituído por alunos que cumprem a função de monitor. A monitoria não é somente uma prestação de serviço, ela também tem função pedagógica. As experiências vivenciadas na monitoria foram importantes na opção das futuras áreas de atuação profissional de muitos monitores, que acabaram encontrando, por meio dessa atividade, caminhos para dar continuidade ao seu projeto artístico.

Como resultado, podemos criar critérios, comparar, refletir, respeitar e não só ampliar conhecimentos, mas desenvolver, também, sutilezas no campo da sensibilidade, pois é o que

a linguagem artística propicia. Dessa forma, a Escola de Artes Visuais cumpre seu papel social, que, além de colaborar na formação artística e profissional, promove ainda o desenvolvimento pessoal, cultural e o autoconhecimento. Mais do que formar pessoas, enriquecemos a vivência de toda comunidade. **R**

VALDO RECHELO

É ARTISTA PLÁSTICO, FORMADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PELAS FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'ÁVILA (FATEA). PÓS-GRADUADO, É ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DA ARTE PELA FATEA, EM LINGUAGEM DA AQUARELA PELA FACULDADE SANTA MARCELINA (FASM), E EM GRAVURA, PELO ATELÊ IOLE DE NATALE. PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NAS FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS (FAINC), É COORDENADOR E CURADOR DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

1. FLAGRANTE DE EXPOSIÇÃO DE ARTE NA FUNDAÇÃO DAS ARTES, NA DÉCADA DE 1970. À PARTIR DA DIREITA, VEMOS: HELENINHA PETRONILHO E CLAUDIO MUSUMECI, ENTÃO DIRETOR DA FAZENDA

2. EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS E ITALIANOS NA FUNDAÇÃO DAS ARTES, REALIZADA EM JULHO DE 1992

3. ALUNOS DURANTE AULA NA ESCOLA DE ARTES VISUAIS. FOTO DE 2008

4. ESCOLA DE ARTES VISUAIS: PESQUISA É FUNDAMENTAL PARA UM AMADURECIMENTO ARTÍSTICO. ALUNOS DURANTE AULA NO ATELÊ, EM 2017

5. AULAS ESTIMULAM A CRIATIVIDADE NA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES. FOTO DE 2012



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul
Foto/Ana Paula Lazari



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul
Foto/Ana Paula Lazari



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul
Foto/Ana Paula Lazari

6. DETALHE DE OBRAS DO 15º URBANO – MOSTRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA, EXPOSIÇÃO REALIZADA NA FUNDAÇÃO DAS ARTES EM 2012, EM PARCERIA COM A FACULDADE INTEGRADA CORAÇÃO DE JESUS, QUE APRESENTOU TRABALHOS DE ALUNOS E EX-ALUNOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS

Dalila Teles Veras

DEPOIMENTO

Milton
Andrade em
foto de 1988

Nada mais oportuno, neste número da revista *Raízes*, que celebra os 50 anos da criação da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, lembrarmos de Milton Andrade, seu criador, também à frente dessa instituição de 1968 a 1983, período em que, graças a um notável e ousado trabalho para a época, a Fundação angariou prestígio e reconhecimento nacional, pela excelência de seus inovadores cursos livres de formação artística.

Conheci pessoalmente Milton Andrade no ano de 1983, justamente durante a polêmica gerada pela notícia de sua demissão da direção da Fundação das Artes, pelo então prefeito Her-

Milton Andrade, ilustre cidadão sul-são-caetanense

Andrade (ao centro), participa de plenária sobre música, realizada no Sesc São Caetano, durante o 3º Congresso de História do ABC, realizado em 1994, em São Caetano, e que teve como tema *À Sombra das Chaminés – A produção da cultura no ABC*.

Ao seu lado estão Antônio Ireudo Assis (à esquerda), pesquisador e maestro de bandas marciais, e Flávio Florence, maestro da Orquestra Sinfônica de Santo André

mógenes Walter Braidó, que cumpria seu terceiro mandato. As notícias oficiais também davam conta da intenção de extinguir a própria Fundação e outras instituições da cidade. O caso obteve enorme repercussão nos jornais locais e deflagrou protestos da comunidade cultural regional, aos quais também aderi. Dentre os coletivos que se posicionavam contrários à demissão de Andrade e ao fechamento da instituição, encontrava-se o chamado *Trabalhadores de cultura*, que acabara de criar o Comitê de Cultura do ABC, dos quais participei.

Curiosamente, fora esse mesmo prefeito que, em 1968, durante sua primeira gestão, com o pretexto de “desenvolver um trabalho cultural na prefeitura”, pediu Milton Andrade “emprestado” à ZF do Brasil, empresa alemã, onde trabalhava como responsável pelo setor social, desenvolvendo elogiadas ações culturais, como a formação de um coral e de uma orquestra. De acordo com o próprio Andrade, em depoimento ao Portal Hipermemo, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), “esse planejamento foi feito e a cozinha desse projeto era um centro de formação de profissionais no campo da cultura, da arte, que



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Milton Andrade e Dalila Teles Veras, em julho de 2001, durante lançamento do livro *Inventor de Paisagens*, de autoria de Andrade, lançado pela Alharraibio Edições



Foto/Luzia Mombina

era a Fundação das Artes. Imaginei a Fundação para que pudesse ficar isenta, longe de correntes políticas, de grandes modificações bruscas da política, que sempre foram no Brasil algo destrutivo, responsável pela descontinuidade de muitos projetos interessantes”.

Eram tempos de lutas por eleições presidenciais diretas no Brasil e o povo finalmente experimentava, após 20 anos de ditadura, a liberdade de ir às ruas, protestar e reivindicar. Andrade foi exonerado, mas, graças à forte pressão que, inclusive, levou membros do próprio Conselho de Curadores a pedir demissão, a Fundação das Artes permaneceu, levando adiante um projeto que, entretanto, já não poderia ser extinto, uma vez que fora apropriado por alunos, ex-alunos e a própria comunidade.

Nessa altura, Milton Andrade já era uma respeitada figura no mundo das artes, como administrador de cultura, ator, criador e pensador, que muito contribuiu para a elaboração de políticas públicas culturais em toda a região.

A partir daí, ganhamos todos nós, que passamos a contar com mais um parceiro no ativismo cultural. Ganhei eu um amigo, com quem convivi durante 26 anos, quer seja por meio da participação em entidades associativas como a Pró-Música, programas como o RX das Câmaras, do *Diário do Grande ABC* e, sobretudo, na troca permanente de ideias e debates.

Com a abertura da Livraria Alpharrabio, em 1992, Andrade passou a frequentá-la, juntando-se a um grupo de artistas e intelectuais que fundaram seu quartel general naquele espaço físico. Ali, participou de palestras, debates, depoimentos, leituras dramáticas, leituras poéticas, apresentou seu espetáculo *Versos à Boca da Noite*, lançou seu livro *Inventor de Paisagens*, e integrou o Fórum Permanente de Debates Culturais. Foi um admirável homem de cultura, no seu mais amplo sentido.

Tive também a honra de, com ele, compartilhar textos em algumas coletâneas como *Nosso Século XXI - especialistas de diferentes atividades analisam Grande ABC de ontem, de hoje e de amanhã* (2001), organizada por Daniel Lima; *Guido Poianas - Retratos da Cidade* (2002), organizada por José Armando Pereira da Silva; e *As Cidades cantam o Tamanduateí que Passa* (2003), da Secretaria de Educação e Cultura de Mauá.

Em agosto de 2007, Milton Andrade recebeu o título de Cidadão Sul-são-caetanense, outorgado pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em cerimônia decorrida no teatro da Fundação das Artes, fato que conferiu àquele ato um comovedor simbolismo, ligando a sua cidadania à instituição por ele criada e dirigida por 15 anos.

Entre tudo que realizou (como advogado, professor, ator, administrador cultural, crítico de artes, escritor, dentre outras qualificações e méritos), Andrade soube, mais do que tudo, fazer amigos. E foram eles (algumas centenas, dos mais representativos em todas essas áreas) que lotaram o auditório da Fundação das Artes naquela noite para aplaudi-lo e retribuir a generosidade que a eles sempre dedicou. A meu convite, os poetas Tarso de Melo, Deise Assumpção, Margarete Schiavinatto e Zhô Bertholini compareceram para, juntos, lermos poemas de seu livro *Inventor de Paisagens*. Dentre outras manifestações de apreço e homenagem, a fala do diretor teatral Ulysses Cruz deixou comovida a plateia: “Como tantos, eu um dia cheguei à Fundação e fui recebido por Milton que me deu carta branca para desenvolver um trabalho na Escola de Teatro (...) ele não fez tudo sozinho, mas sua presença à frente da instituição foi indispensável. Estimulou e apoiou tantos que naquele espaço deixaram suas marcas de criação. (...) todo esse movimento de sons, cores, palavras e gente tinha um maestro dedicado a harmonizar, coordenar e, quando necessário, disciplinar os altos voos e delírios mansos tão próprios de gente que lida com arte. Era Milton Andrade”.

Na ocasião, ele convalescia de uma grave enfermidade. Ainda assim, mesmo fisicamente fragilizado, o seu bem-humorado discurso demonstrou a inteligência e o mesmo espírito de humanista que sempre pautou suas ações.

Todos os que o conheceram guardam dele a imagem de conciliador que, como ninguém, sabia criticar sem jamais ofender. Um gentil homem, de uma elegância sem afetação. Um erudito despido de arrogância do saber, humilde diante de qualquer um de seus pares, sem mistificação.

No dia 2 de dezembro de 2009, enquanto seu corpo era velado por familiares, amigos

e admiradores, circulou entre os presentes um abaixo-assinado, sugerindo que fosse dado o nome de Milton Andrade à Fundação das Artes de São Caetano. O documento foi imediatamente encaminhado ao então prefeito municipal de São Caetano, José Auricchio Júnior.

A promessa de então é agora cumprida e, finalmente, num gesto de justo e oportuno reconhecimento, Milton Andrade, ilustre morador desta cidade por mais de 40 anos, empresta seu nome à instituição a que se dedicou por 15 anos e que, tanto quanto ele, é motivo de orgulho para a cidade. **R**

DALILA TELES VERAS

É PORTUGUESA, MAS VIVE NO BRASIL DESDE SUA INFÂNCIA. RESIDE E TRABALHA EM SANTO ANDRÉ HÁ 45 ANOS. AUTORA DE DIVERSOS LIVROS DE POESIA, COMO *SETENTA ANOS POEMAS LEITORES* (ALPHARRABIO, 2016), *SOLIDÕES DA MEMÓRIA* (DOBRA/ALPHARRABIO, 2015), *ESTRANHAS FORMAS DE VIDA* (ALPHARRABIO/DOBRA 2013), *RETRATOS FALHADOS* (ESCRITURAS, 2008) E *À JANELA DOS DIAS – POESIA QUASE TODA* (ALPHARRABIO, 2002), PUBLICOU TAMBÉM LIVROS DE CRÔNICAS, ENSAIOS E DIÁRIOS. ATIVISTA CULTURAL, DIRIGE A ALPHARRABIO LIVRARIA, EDITORA E ESPAÇO CULTURAL, EM SANTO ANDRÉ, DESDE 1992.

MILTON ANDRADE – BREVE NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Nasceu em Itapira, interior de São Paulo, em 1937. Radicado no ABC desde 1960 até a data de sua morte, em 2009. Residiu em São Caetano do Sul por mais de 40 anos. Formado em direito e letras. De seu extenso currículo profissional, constam atividades ligadas às mais diversas manifestações artísticas, como música (coordenador geral do Festival de Inverno de Campos de Jordão, em 1980, criador da Orquestra Sinfônica Juvenil do Estado de São Paulo, e membro fundador da Associação Pró-Música do Grande ABC), artes plásticas (criador e organizador do Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, em 1967, e diretor técnico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1987) e, em especial, o teatro, quer seja atuando como diretor de importantes montagens, como *As Máscaras*, *A Mandrágora*, *A Ceia dos Cardeais*, quer seja como ator em espetáculos, como *Um Dia Muito Especial* (Ettore Scola), *Divinas Palavras* (Valle-Inclán), *Macbeth* (Shakespeare), *Rasto Atrás* (Jorge Andrade), *Ivanov* (Tchekhov), ao lado de atores do porte de Laura Cardoso, Rodrigo Santiago e Antonio Fagundes. Atuou ainda como membro de júri de importantes prêmios ou, ainda, assinando uma coluna de crítica teatral no *Diário do Grande ABC* (1985 e 1986).

Como dramaturgo, é autor de *Réquiem para um Louco*, *Garanto que uma Flor Nasceu* e *Versos à boca da noite* (texto teatral sobre a moderna poesia brasileira). Como ator atuou com regularidade também na TV, em novelas da Rede Globo como *Esperança*, *Os Maias*, *Terra Nostra* e outras, bem como participou, com frequência, de comerciais. Na área da literatura, foi membro do Grupo da Pedra, de Itapira, colaborou em diversos jornais, dirigiu revistas culturais e foi membro de júris de concursos literários. Publicou, pela Alpharrabio Edições, o livro de poemas *Inventor de Paisagens*. Dentre outras importantes atividades, foi criador e diretor da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, em 1968, e membro do Conselho de Curadores da Fundação Padre Anchieta. Reconhecido como homem de cultura, foi agraciado com importantes prêmios e honorarias como Cidadão Emérito de Itapira, Personalidade do Ano, na área de cultura, em São Caetano e, em 1999, a revista *Livre Mercado* outorgou-lhe o Prêmio Desempenho de Empreendedor Cultural. Em 2007, em memorável cerimônia realizada nas dependências da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, recebeu o título de Cidadão Sul-são-caetanense, outorgado pela Câmara Municipal da cidade.

Lutero Rodrigues: ensinamentos de um maestro

Lutero Rodrigues durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória, em 2017



Foto: Antonio Reginaldo Carboni (EPIMACS)

Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Nascido em Regente Feijó, cidade do interior de São Paulo, Lutero Rodrigues teve sua infância cercada de música e cultura. Seu pai era pastor protestante (daí a origem de seu nome) e sua mãe, professora de história, e também organista na igreja. Em virtude do trabalho de seu pai, a família mudava-se constantemente, passando por diversas cidades do país, fixando-se, mais definitivamente, no norte do Paraná.

Aos 16 anos de idade, Lutero Rodrigues veio sozinho para São Paulo. Morando em Paineiros, estudava na tradicional Escola Estadual Fernão Dias Paes, onde terminou o ensino médio. Nessa época, já estudava violino e piano, e começou a se interessar também pelo canto. Em 1973, deu início ao seu bacharelado em música, com habilitação em regência, na Universidade de São Paulo (USP), graduando-se em 1980.

E foi enquanto cursava a faculdade que teve contato com a Fundação das Artes. Na USP,

conheceu Marcos Fernandes Pupo Nogueira¹, professor efetivo do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) desde 2004, que havia estudado na instituição de São Caetano e que deu aulas na Escola de Música de 1972 a 1985. Nogueira o convidou a dar aulas na Fundação e Rodrigues logo aceitou.

As disciplinas ministradas eram de análise musical e percepção musical. Rodrigues foi professor da instituição de 1975 a 1981. Além da

Lutero Rodrigues (o terceiro, a partir da direita), ao violino, durante apresentação de grupo musical na Fundação das Artes. Foto do final da década de 1970





Acrivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Rodrigues na regência do Coro da Fundação das Artes, no final da década de 1970



Acrivo/Luterio Rodrigues

Maestro Luterio Rodrigues regendo a Sinfonia Cultura – Orquestra da Rádio e TV Cultura, no Sesc Belenzinho, em 2003

sala de aula, foi regente do Coro da Fundação das Artes, de 1977 a 1980, e da Orquestra de Câmara da instituição, de 1976 a 1978.

A Fundação das Artes foi a primeira escola de música na qual Luterio Rodrigues deu aulas (onde teve sua primeira carteira de trabalho assinada), cuja lembrança lhe dá um enorme carinho, porque foi onde começou sua carreira como professor. “Foi uma época muito produtiva, pois o ritmo de todas as atividades era intenso e a escola estava em permanente efervescência”, comentou.

Alguns de seus alunos fizeram carreira internacional, como Kátia Guedes, cantora lírica radicada atualmente em Berlim, e Celso Antunes, regente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, de 2012 a 2016, e que hoje realiza trabalhos internacionais de grande expressão. Este período

de docência na Fundação das Artes foi essencial para a carreira de Luterio Rodrigues, pois fez parte de uma equipe de alto nível, participantes do processo de formação de alunos que, de São Caetano, foram para renomadas universidades estaduais e federais e, atualmente, têm carreiras consolidadas na área musical. É o caso de Fábio Miguel, ex-aluno da Fundação das Artes (formado pela Escola de Música em 2001) e ex-professor (lecionando piano, de 2008 a 2009), hoje mestre e doutor em música e professor no Instituto de Artes da Unesp, nas disciplinas: técnica vocal, canto coral, coro de câmara e abordagens de técnica vocal para coro.

Paralelamente ao trabalho na Fundação das Artes, Rodrigues dava aulas também na Escola Municipal de Música, em São Paulo, e era o regente da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. Desde que entrou na faculdade, realizou diversos cursos na área, como regência coral e matérias técnicas, na Juventude Musical de São Paulo, em 1973; regência de orquestra, na Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado São Paulo, em 1974; iniciação à regência, na Pró-Arte do Rio de Janeiro, em 1975; regência coral, pela Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia de São Paulo, em 1976; e oficina de regência, na Escola de Comunicação

e Artes da USP, em 1978, entre outros. Depois de formado, em 1983, partiu para a Alemanha, onde realizou um curso de extensão universitária em fenomenologia da música, na Universidade de Johannes Gutenberg.

Quando retornou ao Brasil, em 1984, atuou como regente em diversas orquestras. Destaque para a Orquestra Sinfônica Juvenil do Litoral (1984 a 1991) e a Orquestra Sinfônica Jovem do Conservatório de Tatuí (1985 a 1987). De 1986 a 1998, foi regente da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, com a qual realizou apresentações em vários Estados brasileiros, no México e na Dinamarca. Em 1987, assumiu o cargo de diretor artístico dos Festivais de Inverno de Campos do Jordão, realizando a tarefa até 1991. De 1996 a 2003, foi regente titular e diretor artístico da Orquestra de Câmara Teatro São Pedro, de Porto Alegre. Como regente, priorizou o repertório da música erudita brasileira e por esse motivo foi eleito, em 2002, para a Academia Brasileira de Música, no Rio de Janeiro, onde ocupa a cadeira nº 36.

De 1997 a 2005, regeu a Sinfonia Cultura - Orquestra de Rádio e TV Cultura. Essa orquestra foi a que mais se dedicou à música erudita brasileira. Rodrigues aprofundou sua pesquisa aproximando-se, cada vez mais, da universidade, assim, quando extinta a Sinfonia Cultura, terminou seu doutorado em musicologia na USP, em 2009, apresentando uma tese sobre Carlos Gomes, o que veio a tornar-se, posteriormente, o livro *Carlos Gomes - Um tema em questão: a ótica modernista e a visão de Mário de Andrade*, publicado pela Editora Unesp, em 2011. O mesmo, na mesma área, já havia sido concluído na

Unesp, em 2001. Desde 2005 é professor nesta universidade, ministrando as disciplinas de regência orquestral e história da música brasileira. Atualmente, nesta instituição de ensino, rege a Orquestra Acadêmica de Música.

Sua ligação com a Fundação das Artes ainda é frequente. Fez concertos como regente da Orquestra Filarmônica, mantida pela instituição, ministrou palestras na escola e levou sua orquestra atual, a Orquestra Acadêmica de Música, para tocar na Fundação. Recentemente, em julho de 2017, dirigiu uma montagem da ópera cômica *Pedro Malazarte*, de Camargo Guarnieri e Mário de Andrade, com acompanhamento do coro e orquestra, solistas e cantores, todos alunos da Fundação das Artes, apresentando-se no São Caetano Esporte Clube.

Lutero Rodrigues sente-se realizado ao ser professor, paixão que deu seus primeiros sinais aqui na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Atualmente, desenvolve um trabalho de pesquisa junto a um grupo de alunos sobre o padre José Maurício Nunes Garcia, compositor do século 18, do gênero sacro, que neste ano completaria 250 anos de nascimento. **R**

(Texto, entrevista e pesquisa do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

NOTAS

¹ Livre-docente e pesquisador com bacharelado em composição e regência pela Faculdade de Artes Alcântara Machado (1985), mestre em música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2003) e livre-docente pela Universidade Estadual Paulista, desde 2014. Do início de sua carreira profissional, em 1972, dedica-se modo contínuo ao ensino de disciplinas teóricas e de análise musical tanto em instituições de ensino técnico de música, como a Fundação das Artes de São Caetano do Sul e a Escola Municipal de Música da cidade de São Paulo, quanto em instituições de ensino superior, entre elas a Faculdade de Artes Alcântara Machado. Desde 2004 é professor efetivo do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/9688096/fabio-miguel>. Acesso em: 20 out 2017.

FONTES

<https://www.escavador.com/sobre/5061809/lutero-rodrigues-da-silva>. Acesso em: 26 out 2017.
<http://www.abmusica.org.br/academico.php?n=rutero-rodrigues&id=875>. Acesso em: 26 out 2017.

Marcos Frota

Amor e gratidão à Fundação das Artes

Marcos Frota nasceu em São Paulo, em 29 de setembro de 1955. Dias antes de completar 62 anos, ele esteve em São Caetano do Sul para compartilhar suas lembranças, memórias e experiências alusivas ao período em que integrou o grupo de teatro comandado na Fundação das Artes de São Caetano do Sul por Ulysses Cruz, renomado diretor teatral e de televisão que, entre março de 1978 e maio de 1983, teve destacada atuação como diretor e coordenador da Escola de Teatro da referida instituição.

Para testemunhar os relatos e as muitas histórias narradas pelo ator, não poderia ter sido escolhido outro lugar que não fosse o palco do Teatro Timochenco Wehbi, da Fundação, onde, por alguns anos, ele interpretou personagens inesquecíveis, encantou plateias e

protagonizou uma parte da caminhada cinquentenária da entidade. Sua passagem pela Fundação das Artes coincide com a de uma das fases mais profícuas e efervescentes da história da instituição, sendo contemporâneo de outros nomes talentosos que, assim como ele, alcançaram projeção na cena artística nacional, chegando também ao estrelato.

A atriz Cássia Kiss (vide box) constitui o maior exemplo, sendo considerada por Marcos Frota como uma das melhores de sua geração. Também saído das fileiras da escola teatral da Fundação, Fábio Assunção foi lembrado em seu depoimento. Embora tenha feito parte de uma épo-



Flagrante da peça *O coronel dos coronéis*, um dos maiores sucessos da história do segmento teatral da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Em primeiro plano, sentada, a atriz Cássia Kiss, que interpretou Ana. Ao fundo, com o estandarte, aparece Marcos Frota, que deu vida ao personagem Bastião. Os demais atores são, a partir da esquerda, Rosália Petrin, Nelson Escobar, José Roberto Araujo e Célia Luca

ca posterior à de Frota, Assunção compõe, ao lado de Cássia Kiss e do próprio Marcos Frota, o trio de atores que é o mais lembrado pelo público, quando o assunto são as figuras reveladas pela instituição, que, atualmente, usufruem de um reconhecimento, nas respectivas áreas de atuação, por conta da excelência e qualidade de seus trabalhos.

O fato de os três terem, de um certo modo, se transformado em uma espécie de identidade ou referência popular da Fundação das Artes não anula a notoriedade conquistada por outros personagens que tiveram ou ainda têm ligação com a entidade. Os artigos apresentados nesta seção de *Raízes* atestam isso, mostrando um rol respeitável de nomes, cujos contributos para o cenário artístico da cidade, do Brasil e, por que não dizer, do mundo, são inquestionáveis.

Na sequência, segue um panorama do depoimento prestado por Marcos Frota à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, como uma forma de perpetuar suas lembranças entre as muitas outras que ecoam das comemorações do Jubileu de Ouro da Fundação das Artes.

O despertar para o teatro e a chegada à Fundação das Artes - Marcos Frota despertou para o teatro na época em que era aluno do Colégio Vocacional Oswaldo Aranha, em São Paulo, onde, em razão da proposta inovadora do estabelecimento¹, que estava em consonância com a de outras escolas vocacionais da época, teve oportunidade de dar seus primeiros passos rumo ao universo das artes cênicas. Ao falar desse período, o ator manifesta suas impressões: “Minha sensibilidade artística aflorou no colégio. Eu era de uma escola pública com uma experiência educacional muito ousada, dirigida por pessoas que pensavam a educação não só como forma-

ção, mas como forma de libertação. No meu colégio, tinha um teatro, e, todo final de ano, a gente fazia uma peça lá”.

A primeira peça em que atuou foi *Farsa de Inês Pereira*, do conhecido dramaturgo e poeta renascentista português, Gil Vicente. Pouco tempo depois, um salto maior foi dado e Frota passou a integrar o grupo de atores amadores de Ulysses Cruz, mantido em São Paulo, na então Faculdade de Turismo do Morumbi.² O ingresso na Fundação seria uma questão de tempo. “O Ulysses foi chamado para a Fundação das Artes pelo Milton Andrade e aí ele me trouxe, porque eu era um dos remanescentes do grupo dele (ligado àquela faculdade), para criar aqui um grupo de teatro (que pudesse) dar visibilidade para o projeto de formação artística da Fundação das Artes em todas as áreas. Na área de música, de dança, de artes plásticas. A função do grupo era essa: ir para São Paulo participar de festivais para dar visibilidade ao trabalho realizado aqui na Fundação.”

A proposta voltada para a formação de grupos que pudessem atuar no município e na região trouxe novos rumos e desafios ao segmento teatral da Fundação das Artes, a partir de 1977. Foi sob tal contexto que surgiram grupos como o *Cena*, o *Rasga Coração* e o *Eco*, comandados por Ulysses Cruz, Silnei

Marcos Frota durante seu depoimento, em 14 de setembro de 2017, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul

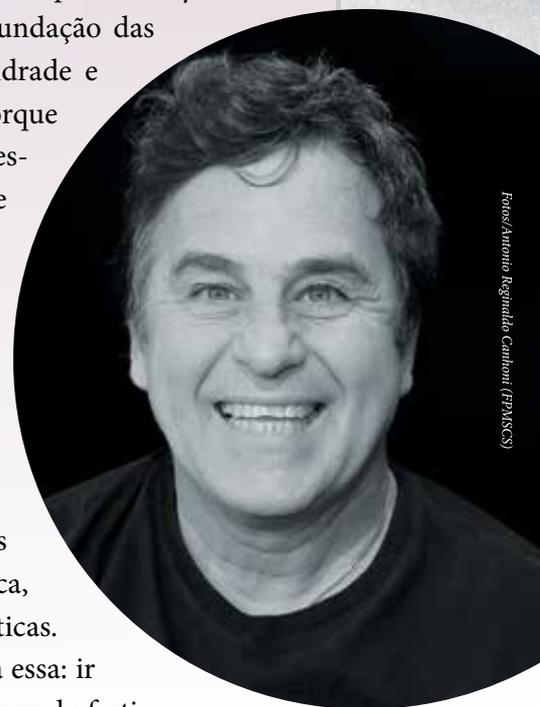


Foto: Antonio Reginaldo Canhoni (FP/MCS)

Siqueira (em parceria com Mariângela Alves de Lima) e Antônio Petrin, respectivamente, cujas peças foram patrocinadas pelo Serviço Nacional de Teatro, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura³. Foi este o cenário que Marcos Frota encontrou quando chegou à Fundação, entre o final de 1978 e o início de 1979.

Somadas ao objetivo de fomentar a organização de grupos e a montagem de peças, outras metas foram estabelecidas na transição para a década de 1980. A formação de animadores culturais e a realização de trabalhos destinados a envolver a comunidade se constituíram no grande desafio da área de teatro da instituição. Ao relatar suas primeiras experiências junto à Fundação, Frota endossa: “Eu nunca fui um professor da Fundação das Artes. Eu era muito mais um animador cultural. Eu dava aula para crianças a partir dos sete anos até o início da adolescência, então eu as envolvia em atividades lúdicas. O Milton (Andrade) que descobriu essa possibilidade, esse viés do meu trabalho, o dom que eu tinha para isso, para me envolver com as crianças e, ao mesmo tempo, para dramatizar as nossas atividades. Eu não fazia teatro com eles. Eu fazia uma parte lúdica, eu dramatizava,

então um pedaço de argila se transformava num personagem, que, depois, virava um teatro de bonecos (...) Então, as crianças se envolviam (...)”.

Com o repertório cultural proveniente da rica experiência junto às crianças e adolescentes, Marcos Frota se prepararia para integrar o elenco da peça *O coronel dos coro-*

“*Eu era muito mais um animador cultural. Eu dava aula para crianças a partir dos sete anos até o início da adolescência, então eu as envolvia em atividades lúdicas.*”

néis, um dos maiores sucessos da história da esfera teatral da Fundação das Artes. Essa montagem marcaria a sua carreira e a dos demais integrantes do elenco. O ano era 1980.

A peça *O coronel dos coronéis* – Com direção de Ulysses Cruz, a peça *O coronel dos coro-*

néis, de Maurício Segall, reuniu em seu elenco, além de Marcos Frota (no papel de Bastião), os atores Nelson Escobar, João Roberto Araujo, Cássia Kiss, Rosália Petrin, Célia Luca e Cláudio Louceiro. Conforme esclarece José Armando Pereira da Silva, a referida montagem “apresentava o desafio de transformar uma narrativa histórica – vista da perspectiva circense – em obra que expressasse a atuação (...)”⁴ de Delmiro Gouveia, o coronel a quem a peça faz referência. Sobre essa produção, Marcos Frota recorda: “Ela teve uma repercussão muito grande junto à crítica especializada da cidade de São Paulo. Em São Caetano, foi incrível, porque todo mundo correu para cá para ver a força criativa que tinha aquela equipe dirigida pelo Ulysses. Era interessante, a gente cantava, dançava, interpretava. (A peça) tinha um tom meio circense. Era uma peça que passeava pelas diversas possibilidades da expressão artística do ator, provocada pelo Ulysses Cruz. Ele não queria um grupo de teatro formal, previsível(...)”.

O coronel dos coronéis estreou em São Caetano no dia 17 de setembro de 1980, seguindo, depois, para outras cidades, dentre as quais algumas capitais como São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. Foi

sucesso de crítica e público. Na ocasião, *O Diário do Grande ABC* registrou:

As pessoas que deixaram de ver *O coronel dos coronéis* nos teatros da região, locomoveram-se até São Paulo para isso, e, quando não encontravam lugares disponíveis, davam como referência a origem: “eu sou de São Caetano” ou “eu sou de Santo André.”⁵

A repercussão positiva obtida pela peça não só serviu para colocar na vitrine o trabalho de Frota e dos outros atores integrantes do elenco, como também conferiu grande reconhecimento a Ulysses Cruz. Não demorou muito para que ele fosse convidado para trabalhar como assistente de Antunes Filho, saindo, depois, para formar o famoso grupo Boi Voador, referência da cena teatral da década de 1980. “O que eu me lembro é que, na saída do Ulysses aqui da Fundação, para ser assistente do Antunes Filho, ele formou um grupo chamado Boi Voador, que era o desdobramento do trabalho dele aqui na Fundação das Artes. Ele falava isso. Daí então veio toda uma geração importante de atores: Alexandre Borges (...), Antônio Calloni (...), Ângelo Antônio (...), todos eles com muita presença na cena artística brasileira (...) Todos eles respiravam o método, as possibilidades artísticas que o Ulysses desenvolveu aqui nesse palco. Todos eles têm a Fundação no seu raio de antena. Todos eles sabem que a Fundação das Artes foi a grande inspiração para o trabalho teatral (que desenvolveram).”

Marcos Frota, em meados dos anos de 1980, deixaria a Fundação para alavancar sua carreira na televisão e no circo, dois universos artísticos que o receberam de braços abertos, e por

meio dos quais ele vem mostrando toda a sua versatilidade, intensidade e talento como artista.

Televisão e circo – Após um período de muitas vivências e possibilidades na Fundação das Artes de São Caetano, Marcos Frota, que, entre o final do decênio de 1970 e o início da década de 1980, já havia integrado os elencos de algumas produções televisivas, retoma sua caminhada na teledramaturgia, projetando-se junto à Rede Globo. Era 1984 e a novela, *Vereda Tropical*, de Carlos Lombardi, exibida no horário das 19 horas. De lá para cá, vieram muitos outros papéis e uma efetiva participação nos elencos de muitas produções. Personagens como o Rick, de *Cambalacho*, Beto, de *Sassaricando*, e Tonho da Lua, de *Mulheres de Areia*, tornaram-se inesquecíveis e marcantes (este último é, aliás, o de maior destaque e o mais popular de sua carreira).



E foi interpretando o trapezista Rick, em *Cambalacho*, que Frota desenvolveu seu interesse pela arte circense. “Eu vivi um trapezista, e, em seguida, eu fiz o meu circo, o Grande Circo Popular do Brasil. Eu comprei uma lona, em São Bernardo, e levantei o Grande Circo Popular do Brasil, hoje Marcos Frota Circo Show (...).”

A visibilidade, nessa área, veio em pouco tempo, como relata o próprio ator: “Quando esse circo começou a ganhar evidência, eu fui chamado pela então primeira dama do país, Ruth Cardoso, para criar um programa de formação artística através do circo, para atender os alunos de baixa escolaridade, de baixa capacidade intelectual, de poucas oportunidades de formação (...) Aí então um diretor francês, (...), que estava dando um estágio na Escola Nacional de

Circo, do Rio de Janeiro, vendo eu falar sobre essa possibilidade, me disse: ‘Por que você não cria a Universidade Livre do Circo?’ (Esse nome deve-se) às possibilidades universais que o circo tem. O picadeiro do circo recebe a dança, recebe a música, recebe a mágica, recebe o teatro, recebe o cinema (...) Essa Universidade Livre do Circo foi lançada em 2000, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, com a presença de Ruth Cardoso. Hoje, 17 anos depois, (essa Universidade do Circo) tem 840 jovens da cidade do Rio de Janeiro”.

Marcos Frota reconhece que o amplo conhecimento artístico que adquiriu no período em que esteve na Fundação das Artes acabou qualificando-o para assumir um projeto dessa magnitude frente ao circo e à própria carreira na televisão. E, com a intensidade que lhe é peculiar, ele expressa seu amor e gratidão à instituição que fez parte de sua história: “Eu não seria ninguém se não fosse a Fundação. Eu tinha me casado muito cedo. Então, caí na necessidade de sustento da família e não teria a

menor possibilidade nesse universo tão mágico, tão bonito que é o universo artístico, se não tivesse sido acolhido pela equipe da Fundação das Artes (...) Eu acho que a gratidão, ao lado do perdão, são as grandes virtudes que a gente deve repassar e despertar nas novas gerações. Não há espiritualidade sem a gratidão”.

E é com o sentimento de gratidão que encerro este modesto registro sobre a trajetória artística de Marcos Frota. Do início ao fim de seu depoimento, muitos foram os momentos de emoção e lirismo, dos quais destaco um, em especial: a sua pungente interpretação de uma parte de um texto de Wladimir Capella (dramaturgo sul-são-caetanense por quem Frota nutre grande respeito e admiração), intitulado *Como a lua*. A encenação desse texto, aliás, rendeu-lhe, em 1981, o Prêmio *Molière*, na categoria de incentivo ao teatro infantil.⁶ Criado em 1963, o referido prêmio foi uma das maiores condecorações reservadas aos gênios dos palcos brasileiros. **(Cristina Toledo de Carvalho) R**



Elenco e equipe técnica de *O coronel dos coronéis*. Marcos Frota e Cássia Kiss estão em primeiro plano. Na ocasião em que esteve em cartaz, uma exposição fotográfica foi promovida, contendo 25 imagens, de autoria de Manuel Reis, alusivas às regiões destacadas na peça, além de 45 fotos de alunos do Museu Lasar Segall, as quais documentavam a vida dos circos de periferia de São Paulo

ALI FOI O COMEÇO

Estudei na Fundação das Artes que, na época, década de 1970, era considerada a melhor escola de música e artes da América Latina. Era emocionante, porque havia tanto aluno estudando no banheiro, nos corredores, nas escadas...

Fui parar na Fundação por causa de uma professora. Quando eu estava no colégio, mostrei à minha professora de literatura, Laila, que era formada em Arte Dramática pela EAD, um recorte de jornal sobre a minha cidade. A notícia informava que a Fundação estava abrindo um curso de teatro; não era formação de atores. O objetivo do curso, dirigido por Silnei Siqueira, era montar um espetáculo. Eu não o conhecia, não sabia nada sobre ele, na verdade não sabia nada sobre teatro. E a Laila me disse: “Vai correndo fazer.” Fiz um curso com Silnei Siqueira; a Mariângela Alves de Lima deu aula de História do Teatro. Formamos um grupo de teatro amador, uma companhia, que foi uma vitrine legal para as pessoas conhecerem o que estávamos fazendo. A gente apresentava o espetáculo nos teatros da periferia, participava de festivais amadores, e algumas pessoas me viram trabalhando.

O Ulysses Cruz me convidou para substituir na companhia dele uma atriz que trabalhava no espetáculo que ele tinha montado, chamado *Alice, o que uma menina bonitinha como você faz num país como este?* Era uma peça do Paulo Afonso Grisolli, um musical, e a Haydée Figueiredo, atriz que fazia o espetáculo, não sei o que aconteceu, se ela ficou grávida, teve de ser substituída. Entrei no lugar dela e foi

bárbaro, porque fiz tudo na intuição. Eu lia o texto e não entendia direito, porque não conhecia a história da Alice. Lembro de ter visto a Haydée fazendo o espetáculo. Tudo que eu estava sentindo na época, o meu desconhecimento, minha falta de informação, serviu para compor a personagem, uma menina que vive no mundo da imaginação e questiona tudo. E era isso que eu fazia, então encaixou direitinho. Eu cantava 15 músicas, com 15 coreografias, cercada de adultos. O espetáculo era mágico, lindo!

O Ulysses sempre foi um diretor de muito talento. Foi o primeiro passo para fazermos o trabalho que se seguiu: *O coronel dos coronéis*, uma peça do Maurício Segall, que contava a história do teatro através de uma companhia circense, que chegava numa cidadezinha do interior nordestino e montava um espetáculo. Era a história desta família. Fizemos muita pesquisa para conhecer o circo-teatro, que ainda existia na década de 1970. Em que consistia? O público ia ao circo e uma das atrações era uma companhia dramática que contava uma história. Tinha o ponto, que era uma caixinha no palco, e uma pessoa lia o texto para o ator, que o repetia. Para fazer este trabalho, conhecemos uma companhia que fazia circo teatro e montamos *O coronel dos coronéis* ainda como companhia amadora, da qual eu era a mascote. Depois fomos para São Paulo, capital, porque o espetáculo foi muito comentado. Quando estreamos no Teatro de Arena, o Sabato Magaldi publicou uma crítica cujo título era *Um espetáculo que recoloca o teatro no seu melhor caminho*. Passamos a ter uma importância muito grande no teatro paulista. Ali foi o começo.

Depoimento de Cássia Kiss para memoriaglobo.com. In: SILVA, José Armando Pereira da. *Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (1969-1982)*. Santo André: Alpharrabio Edições, 2011, p. 61.

NOTAS

¹ A proposta inovadora das escolas vocacionais residia no fato de as mesmas preconizarem finalidades que se distinguiam das preceituadas pelos estabelecimentos tradicionais de ensino. O objetivo de tais escolas, que se encontravam a cargo do Serviço de Ensino Vocacional, órgão subordinado ao Gabinete do secretário da Educação do Estado de São Paulo, era promover o desenvolvimento da personalidade do aluno, ajudando-o a descobrir o ramo de atividade para o qual teria aptidão ou vocação. Em São Caetano do Sul, a experiência com esse tipo de proposta pedagógica ocorreu por meio do Ginásio Vocacional Estadual de Vila Santa Maria, inaugurado em 1968. Entretanto, teve uma existência breve, por ocasião da repressão empreendida pela Ditadura Militar. Para mais informações sobre o assunto, consultar: GIANELLO, José Roberto. Ginásio Vocacional de V. Santa Maria, experiência fascinante mas reprimida. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 9, p. 34-36, jul. 1993.

² A Faculdade de Turismo do Morumbi surgiu em 1971, por iniciativa de um grupo de engenheiros e arquitetos. Em 1982, com a fusão junto à Faculdade de Comunicação Social Anhembí, deu-se origem à Faculdade Anhembí Morumbi, credenciada como Universidade em 1997. Disponível em: portal.anhembibr/institucional/. Acesso em: 3 out. 2017.

³ Para mais informações sobre a atuação desses grupos, consultar: SILVA, José Armando Pereira da. *Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (1969-1982)*. Santo André: Alpharrabio Edições, 2011, p. 57-64.

⁴ *Ibidem*, p. 74.

⁵ MILANI, Maurício. Quando ser palhaço é fundamental. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 21 jul. 1981 apud SILVA, José Armando Pereira da., *op. cit.*, p. 75.

⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Prêmio_Molière. Acesso em: 4 out. 2017.

Renata Peraso Alencar,

dos palcos da Fundação das Artes de São Caetano do Sul para o mundo

A bailarina na montagem *In The Middle Somewhat Elevated*, de Willian Forsythe, apresentada pela São Paulo Companhia de Dança em julho de 2014



Acervo/Renata Peraso Alencar
Foto/Michelle Molina

Renata Peraso Alencar nasceu em São Bernardo do Campo, em 19 de março de 1988. No ano 2000, aos 12 anos de idade, por influência de sua madrinha, Vivian Pereira, que era professora de dança, ingressou na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, onde iniciou seus estudos na área. Nessa escola foi aluna de Fátima Silva, professora e diretora do Grupo Juvenil de Dança. Permaneceu na instituição até 2003, aos 15 anos. Deu continuidade aos seus estudos na Escola de Dança Ballet Ismael Guiser, em São Paulo.

Aqui começa sua carreira profissional, no balé clássico e contemporâneo. Em 2006, foi para o Paraguai e ingressou no Ballet Municipal de Assunção (capital do país), cujo diretor e coreógrafo era Miguel Bonin. Morou na cidade, com sua madrinha Vivian Pereira, até 2008.

Sempre atrás de novos desafios, mudou-se para a cidade de Salta (Argentina), onde estava se formando uma nova e promissora companhia, de nome Ballet de La Província de Salta, dirigida por Leandro Regueiro. Começou a atuar nessa companhia em julho de 2008. Já em outubro do mesmo ano, ocupava o palco do Teatro Provincial de Salta, apresentando, ao lado de Alejandro Torres, *Bolero*, de Maurice Ravel.

Após três anos de permanência em Salta e almejando seu crescimento profissional, seguiu para Montevidéu (Uruguai), ingressando no Ballet Nacional Sodre, companhia fundada em 1935, que tem direção artística do renomado bailarino argentino Julio Bocca, que, em 1990, fundou sua própria companhia, o Ballet Argentino. Bocca foi sucessor de Mikhail Baryshnikov no American Ballet Theatre, em Nova Iorque, tornando-se primeiro bailarino da companhia e também diretor artístico.

No Ballet Nacional Sodre, Renata trabalhou com Natalia Makarova, bailarina russa, naturalizada americana, que montou o balé *La Bayadère*, levado para mais de dez países. Nessa companhia,

Renata apresentou também os clássicos *O Lago dos Cisnes* (2013) e *Gisele*.

Em busca de novas possibilidades, deslocou-se do balé clássico para uma abordagem contemporânea, trabalhando com a obra de Willian Forsythe, dançarino e coreógrafo americano, conhecido internacionalmente pelo seu trabalho com o Ballet de Frankfurt e pela reorientação que deu ao balé clássico. Um de seus grandes diferenciais é a abordagem contemporânea, com coreografias que utilizam a técnica do balé, mas que ultrapassam os espaços coreográficos e com o uso de tecnologia na composição de luz e música.

Com a remontagem, no Brasil, do balé *In the middle somewhat elevated*, de Willian Forsythe, pela São Paulo Companhia de Dança (SPCD), e a saída de uma bailarina do grupo, Renata volta ao Brasil, após oito anos fora, para ocupar a vaga disponível.

Desde 2014, ela está no corpo de baile da SPCD, sediada na Rua Três Rios, nº 363, no Bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Criada em janeiro de 2008 pelo Governo do Estado, é gerida pela Associação Pró-Dança. A diretora da companhia é Inês Borgéa, bailarina, doutora em artes, escritora e documentarista.

A SPCD é uma companhia de repertório que realiza montagens de peças clássicas e contemporâneas. Apresenta espetáculos de dança no Estado de São Paulo, em outras regiões do Brasil e no exterior, sendo considerada uma das mais importantes companhias de dança da América Latina. Tem programadas turnês de dois meses pela Europa e temporadas no Teatro Sergio Cardoso, em São Paulo. No final de 2017, a São Paulo Companhia de Dança apresentará o balé *Lago dos Cisnes*, na Sala São Paulo, com remontagem de Mário Galizzi e participação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp).

Tendo ainda entre seus mestres, Toshie Kobayashi, Ismael Guiser e Sasha Svetloff, a jovem aluna da Escola de Dança da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, Renata Peraso Alencar, alçou grandes e longínquos voos, ganhou experiência, aperfeiçoou sua técnica e hoje atesta seu talento em um dos maiores grupos de dança do país. **R**

(Texto, entrevista e pesquisa do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

FONTES

<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/b/bocca-julio>. Acesso em: 26 out 2017.
<http://www.spcd.com.br/pdfs/institucional-sao-paulo-companhia-de-danca.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

Renata Peraso Alencar em *O Lago dos Cisnes*, em montagem do Ballet Nacional Sodre, do Uruguai, em julho de 2013



Foto/Renata Peraso Alencar

Em primeiro plano, Renata, no elenco de *The Seasons*, de Édouard Lock, encenada pela São Paulo Companhia de Dança em março de 2016



Foto/Renata Peraso Alencar

Belo flagrante de *Petite Mort*, de Jiri Kylian. Renata Peraso Alencar aparece no palco da montagem realizada pela São Paulo Companhia de Dança. Foto de julho de 2015



Foto/Renata Peraso Alencar

Formandas da Escola de Dança da Fundação das Artes. Renata Peraso Alencar é a terceira, em pé, a partir da direita. Foto de 2003



Foto/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Elton Hipolito e a arte da terra

Elton Hipolito ao lado da obra que retrata o escultor José Rodrigues, no cineteatro do município de Vila Nova de Cerveira, em Portugal. Foto de outubro de 2016

Elton Hipolito nasceu artista. Desde a sua infância, tem a lembrança de sempre rabiscar, desenhar e pintar. Nascido em São Paulo, em 1983, cresceu com uma família de quatro irmãos, em São Bernardo do Campo. Como seus pais não dispunham de uma situação financeira satisfatória, não pôde frequentar escolas que lhe ensinassem o desenho, a pintura e outras técnicas artísticas. Somente aos 16 anos de idade ingressou em uma instituição que lhe proporcionaria o aprendizado tão sonhado.

Matriculou-se na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, em 1999, na Escola de Artes Visuais, no ateliê adolescente da instituição. Como era bolsista, tinha de auxiliar no ateliê, nas aulas e nas montagens de exposições. Naquele tempo, dedicava-se integralmente à Fundação. Com o professor Edmilson Kaloczy apurou sua sensibilidade para as técnicas do desenho e da pintura. Mais tarde, passou para o curso noturno, o ateliê livre, com módulos semestrais. Nessa época, seus professores eram Valdo Rechelo, Anete Nascimento, Edvânia Rego e Liliane Santos, que contribuíram muito em sua formação.

“A Fundação das Artes de São Caetano do Sul me deu a base, a estrutura e aguçou meus instintos, para que desenvolvesse minha própria linguagem artística. Cada pessoa tem sua característica pessoal definida e a escola respeita a individualidade de cada aluno, não impondo regras ou mandamentos”, relata Hipolito. O artista participou de diversas exposições coletivas na instituição e até 2002 fez da Fundação a “sua segunda casa”.

Depois dessa experiência na instituição, ingressou nas antigas Faculdades Integradas Teresa



Acervo/Elton Hipolito
Foto/Vitor Ferrazini (Blogs-Portugal)

D'Ávila (atual Faculdades Integradas Coração de Jesus), em Santo André. Ali, fez o curso de graduação em artes plásticas e educação artística, graduando-se em 2006. Novamente Valdo Rechelo, que atualmente é coordenador da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes, foi um de seus professores, e ministrava aulas de aquarela, gravura em metal e xilogravura. Para se manter financeiramente, Hipolito dava aulas de artes para crianças em um projeto da rede municipal de ensino de Guarulhos. Por volta de 2008, começou a focar seu trabalho na arte cenográfica, nas áreas de cinema e publicidade. Utilizava seus conhecimentos em arte para atuar em equipes de execução de cenografia.

Outro trabalho desenvolvido por Hipolito foi na área de montagens de exposições de arte, prática e gosto adquiridos na própria Fundação das Artes, aprendizado muito rico que o levou a realizar trabalhos de montagens de exposições para o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e para a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2010, mudou sua vertente artística e ingressou no curso técnico de conservação e restauro da Fundação de Arte de Ouro Preto (Faop), em Minas Gerais. Lá, ganhou uma bolsa de estudos, permanecendo na cidade por dois anos. “A restauração é uma área complexa

e complicada, que demanda dedicação contínua aos estudos, e envolve diversas áreas de conhecimento, como química, história e ciência, mas sempre com a arte em primeiro plano, ressaltando-se a habilidade para recompor uma obra”, explicou.

Em 2012, após concluir o curso de restauro, voltou para São Paulo e participou do trabalho de montagem da exposição *Impressionismo: Paris e a Modernidade*, no Centro Cultural Banco do Brasil. Foi quando conheceu Raul Carvalho, restaurador e conservador, que, na ocasião, fazia o laudo das obras da exposição. Carvalho o indicou para uma vaga no Museu Afro, localizado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Aprovado na entrevista, começou a atuar na conservação preventiva das obras do acervo do museu. Com um acervo de seis mil obras, o museu destaca a perspectiva africana na formação do patrimônio, identidade e cultura brasileira. Hipolito permaneceu nessa instituição até 2015. Em 2016, trabalhou no ateliê de restauro de Carvalho, mas por um curto período.

Com a vontade de retornar à área de arte e restauro, abraçou uma oportunidade e foi para Congonhas, em Minas Gerais, para um trabalho de restauro na Igreja Nossa Senhora do Rosário (templo construído por escravos no final do século 17). A empreitada consistia na restauração de elementos artísticos do altar, do retábulo e do coro da igreja, que é a mais antiga da cidade. No final de 2015 as obras foram interrompidas por falta de verba e, assim, Hipolito retorna a São Paulo depois de seis meses em terras mineiras.

Retomando a ideia de trabalhos artísticos, ainda em 2015, se inscreveu e foi selecionado para um trabalho de residência artística¹, contemplado pela Fundação Nacional de Artes (Funarte), que foi realizado em Cemitério do Peixe², povoado pertencente ao município de Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais). No local, realizou fotografias de

alguns dos antigos moradores e, utilizando o solo local (que apresentava pelo menos cinco tonalidades diferentes), preparou as tintas e realizou a pintura das imagens nas paredes externas das casas. No processo de preparação da tinta, utilizou um aglutinante de baixa intensidade, na intenção das pinturas desaparecerem com o passar do tempo, um processo intencional do artista que remete à “brevidade da vida”. Elton Hipolito, em seu site (www.eltonhipolito.com), explica sua proposta inicial do projeto, quando ainda seria realizada: “Realizar este trabalho será quase como um ritual de invocação aos antigos moradores, trazendo do etéreo (as imagens das pessoas que já faleceram) materializando estas figuras por meio da pintura. E o passar da ação do tempo sobre as imagens pintadas permitirá a liberação desta matéria novamente para o etéreo, um processo cíclico de transformações e ressignificações. As paredes das casas irão



Da série *Lacunas da Memória*,
a obra *Antonio Frederico 147*,
de Elton Hipolito, de 2015



Durante sua residência artística realizada no povoado de Cemitério do Peixe, em 2015, Hipolito retratou moradores do povoado em pinturas que utilizavam terra. Na imagem, Dona Lotinha, um dos nove moradores locais, aparece ao lado de seu retrato, em frente à sua casa



Painel, com mais de oito metros de altura, que retrata o escultor José Rodrigues, no cineteatro do município de Vila Nova de Cerveira, em Portugal. Foto de outubro de 2016



Acervo/Elton Hipolito

compor assim uma coleção de fragmentos dessas lembranças, na intenção de um registro passageiro destas histórias”. Durante o processo, a proposta mudou e o artista não utilizou imagens de falecidos, mas sim de moradores atuais do local.

No início de 2016, se inscreveu no 44º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto, de Santo André. Foi selecionado com duas obras: *Antonio Frederico 147* e *Pompeia 1023*. Para ele, “uma vitória conquistada”.

Em outubro de 2016, participou, como artista residente, da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, na cidade de Vila Nova de Cerveira, em Portugal (a mais antiga Bienal do país). Juntou tudo o que tinha e embarcou para o continente europeu. Seu trabalho *Lacunas da Memória* ocupou a parede externa do Cineteatro da cidade. Com mais de oito metros de altura, a obra retrata o escultor José Rodrigues (1936-2006), um ícone das artes plásticas em Portugal. Mais uma vez, seguindo a proposta de efemeridade, Hipolito utilizou tinta com pigmentos naturais e terra colhida no local.

Depois de 15 dias, terminou sua residência em Portugal debaixo de holofotes. Seu trabalho foi noticiado nos principais jornais de Braga, Porto Viseu, Vila Nova Cerveira, deixando-o surpreendido

com a repercussão. De volta ao Brasil, no final de 2016, seguiu para Mariana, em Minas Gerais, para um trabalho emergencial após o rompimento de uma barragem, ocorrido em novembro de 2015, que devastou o distrito de Bento Rodrigues. Como conservador e restaurador, atua com uma equipe de arqueólogos, na escavação de sítios históricos locais, aplicando ações de conservação preventiva no resgate de ob-

jetos devocionais, sacros e históricos.

O magnífico trabalho de Elton Hipolito consiste em utilizar a terra local na composição da tinta, que é preparada com um aglutinante de baixa intensidade. Com isso, a pintura se desvanece de forma mais acelerada. É intencional que a figura retratada permaneça apenas o período que durar. Afinal, sumir faz parte da natureza.

Também apresenta trabalhos que levam a uma reflexão sobre o esquecimento, a memória e a preservação. É a construção da memória. Atualmente, está finalizando um projeto para concorrer a mais uma residência, desta vez na Patagônia (Chile/Argentina). **R**

(Pesquisa, entrevista e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

NOTAS

¹ Residência artística significa habitar o lugar onde se desenvolverá o trabalho, em diálogo com os demais contextos e integrantes da residência (artistas locais, artistas visitantes, produtores, coordenadores, técnicos, programadores, curadores, público, etc.) a fim de produzir um trabalho artístico. Disponível em: [HTTP://corpomancia.blogspot.com.br/2012/11/o-que-uma-residencia-artistica-3.html](http://corpomancia.blogspot.com.br/2012/11/o-que-uma-residencia-artistica-3.html). Acesso em: 26 out. 2017.

² Pertencente ao município de Conceição do Mato Dentro, Cemitério do Peixe constitui-se de uma única igreja, e um cemitério. Tem-se ali um aglomerado de duzentas casas caídas. É banhado pelo Rio Paraúna, vizinho ao distrito de Capitão Felizardo. Com relação à igreja, a capela é votada a São Miguel Arcanjo, fica de frente ao cemitério, que é epigrafado pela seguinte placa: “Ó tu que vens a este cemitério, medita um pouco nesta campa fria: eu fui na vida o que tu és agora, eu sou agora o que serás um dia”. O lugarejo recebe cinco missas por ano, entretanto, essas missas acontecem por cinco dias consecutivos, dos dias 11 a 15 de agosto. Nesses dias o lugarejo se transforma em local de romaria. Disponível em: <http://cmd.mg.gov.br/povoados/cemiterio-do-peixe>. Acesso em: 26 out. 2017.

Fontes

<https://www.eltonhipolito.com/>. Acesso em: 26 out. 2017.
<https://bienaldecerveira.org/artista-brasileiro-dedica-residencia-artistica-a-jose-rodrigues/>. Acesso em: 26 out. 2017.
<https://www.linkedin.com/in/elton-hipolito-27309a31/>. Acesso em: 26 out. 2017.

Ana Paula Demambro

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Foto/Eric Romero

50 anos à frente

Ao longo dos seus quase 50 anos, a Fundação das Artes de São Caetano do Sul ocupa um espaço de imensurável relevância no que tange à formação artística, produção cultural e fomento à arte. Como mencionou o *Diário do Grande ABC*, ao retratar os 49 anos da instituição, em matéria publicada em 25 de abril de 2017, a Fundação das Artes “já é quase uma cinquentona” e, como tal, deve ser reverenciada pela importância da sua história e das conquistas trilhadas ao longo de todos os anos de dedicação e compromisso com a arte. Cinquenta anos abrindo as portas a alunos, artistas e comunidade em geral, que encontraram na instituição o lugar ideal para a busca de caminhos e oportunidades sólidas no fazer artístico, em meio a um país que ainda tem tanto a se desenvolver culturalmente.

Para olhar os 50 anos à frente, é preciso olhar os 50 passados. Anos construídos por meio da contribuição de cada um que aqui passou, e de cada um que aqui se encontra. São esses anos, somados um a um, que possibilitam à instituição ocupar o merecido lugar no qual se apresenta nos dias de hoje. Contribuição munida de muita dedicação e comprometimento por parte de todos que compõem a Fundação. Aqui se ultrapassa os limites do trabalho: há uma relação afetiva do profissional com a instituição. Aqui se constroem sonhos: os de fomentar a arte para todos e pro-



picar qualidade ao trabalho desenvolvido. Aqui se constroem possibilidades: onde tudo se torna possível aos olhos de quem aqui está.

A Fundação das Artes de hoje é grata a todos os que colocaram os primeiros tijolos nessa significativa construção. Foi por meio dessa construção sólida, de objetivos firmes, e, ao mesmo tempo, ousados, que Milton Andrade idealizou, em meados da década de 1960, a criação deste importante equipamento cultural com tamanha magnitude, e que ecoa há 50 anos. A partir de um olhar à frente de seu tempo, Andrade propôs ao então prefeito, Hermógenes Walter Braidó, que se criasse uma escola dedicada ao ensino de arte. O olhar à frente passou então a ser conjunto, tanto do artista, como do homem público, pois ambos enxergaram que a cidade de São Caetano do Sul poderia abrigar, em tempos tão distantes, uma instituição de ensino que se tornou referência artística de ensino.

Passado quase meio século, a administração atual confia a gestão desta Fundação das Artes a uma funcionária de carreira da instituição. Esta atitude, além de reconhecer e valorizar os servidores públicos do município, também proporciona à ins-

Fachada da Fundação das Artes, em foto da década de 2012

tuição a oportunidade de concretizar nossos reais anseios. O sentimento de gratidão por esta confiança é grande, e ultrapassa as expectativas individuais; é de ordem coletiva. Essa oportunidade requer responsabilidade e, acima de tudo, compromisso. Compromisso com uma instituição que necessita ser vista a partir de um olhar singular e cristalino em todas as vertentes e especificidades que a norteiam.

Fundação esta que é detentora de um respeito inigualável por parte de todos que nela vivenciam. O respeito a essa instituição é imenso e vem acompanhado de um amor que é de igual tamanho. E são esses sentimentos que nos fazem agir em prol da instituição e que direcionam nossos esforços. Os objetivos são muitos, mas se traduzem em uma única premissa: oferecer à Fundação das Artes maiores e melhores condições de mostrar seu imenso potencial. O compromisso que a instituição assume, nessa gestão, encontra-se com os anseios de todos que dela usufruem, alunos, servidores, funcionários, professores, colaboradores e apoiadores, e a comunidade que acompanha nossa programação artística. Para tanto, os objetivos de hoje são os objetivos sempre almejados, e são de todos.

Vivenciar este importante momento de celebração, no qual a Fundação das Artes completa 50 anos de existência, requer um olhar não só para o momento de festividade, que será de grande alegria e emoção, mas, principalmente, para a oportunidade de firmar compromissos maiores e que, efetivamente, resultarão em ações importantes e necessárias para um maior desenvolvimento da instituição. É desta forma que iremos festejar o nosso aniversário: celebrando nossas conquistas e almejando novas realizações.

Ao chegar ao seu Jubileu de Ouro, a Fundação das Artes investe sua energia em projetos que são realizados por meio das Escolas de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, bem como em ações importantes que projetarão os 50 anos à frente. Para tanto, nota-se que, no momento atual, a instituição passa

por um período de intensa reorganização, em todas as suas esferas: pedagógica, administrativa, orçamentária e institucional. Isso se faz necessário, e merecido, pois, somente por meio desse processo, a instituição encontrará caminhos para desenvolver-se em âmbitos maiores. Tal desenvolvimento refere-se a um olhar cuidadoso em resgatar os pilares da nossa história e, ao mesmo tempo, alcançar horizontes ainda não conquistados. Para celebrar a participação de todos os envolvidos neste cinquentenário, e projetar a instituição para o devir, a Fundação das Artes prepara um extenso calendário de ações comemorativas para que os 50 anos da nossa querida escola sejam celebrados à altura que ela merece.

Por fim, que o próximo meio século possa nos inspirar, a partir dos grandes feitos dos homens à frente de seus tempos que idealizaram e construíram a Fundação das Artes; do empenho de todos que dedicaram e dedicam esforços ao trabalho intenso prestado por suas atribuições e ofícios; do olhar de entusiasmo dos alunos que dia a dia cruzam os portões da Fundação em busca de seus sonhos, e do olhar daqueles que regressam à nossa escola com sentimento de orgulho e satisfação; e dos inúmeros exemplos de alunos que se formaram e se tornaram profissionais das artes, levando o nome da instituição para além dela. Que esta inspiração conduza os próximos 50 anos da Fundação das Artes, tornando-a detentora de inúmeras décadas de história, e que permaneça sempre atual e à frente aos que a ela se dedicam. Feliz 50 anos à frente! **R**

ANA PAULA DEMAMBRO

É ATRIZ E PROFESSORA DE TEATRO, CONCURSADA PELA FUNDAÇÃO DAS ARTES, DESDE 2002. É PÓS-GRADUADA EM DIREÇÃO TEATRAL PELO CÉLIA HELENA CENTRO DE ARTES E EDUCAÇÃO, LICENCIADA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM HABILITAÇÃO EM ARTES CÊNICAS PELA FACULDADE PAULISTA DE ARTES, BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, E ATRIZ PELO CURSO TÉCNICO DE TEATRO DO CÉLIA HELENA CENTRO DE ARTES E EDUCAÇÃO E PELO CENTRO DE PESQUISA TEATRAL - CPT DO SESC ANCHIETA, NO QUAL INTEGROU O GRUPO MACUNAÍMA, DIRIGIDO POR ANTUNES FILHO. ATUALMENTE É DIRETORA GERAL DA FUNDAÇÃO DAS ARTES.

Cristina Ortega

Como tudo começou

A formação da Câmara Municipal de São Caetano do Sul e suas primeiras proposituras

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Após o árduo movimento pela emancipação liderado pelos autonomistas para desvincular o então subdistrito de São Caetano da comarca de Santo André, ocorre a realização de um plebiscito, em 24 de outubro de 1948. Assim a população poderia votar a favor ou contra a concretização da autonomia político-administrativa de São Caetano. Foram apurados 8.463 votos a favor e 1.029 contrários. Após a conquista alcançada, uma comissão de autonomistas rumou em direção ao Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo, no dia 24 de dezembro do mesmo ano, para agradecer ao governador Adhemar de Barros o sancionamento da lei estadual nº 233, promulgada pela Assembleia Legislativa que, dentre outras coisas, criava o município de São Caetano do Sul.

A cidade esperava em festa a volta da comissão, que, ao chegar, percorreu em caravana todas as ruas e bairros de São Caetano, do antigo Barra Funda à Vila São José, do antigo Monte Alegre ao Barcelona, com 'gritos de vivas' dos populares. A festa foi encerrada na Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, sendo finalizada com as palavras do pa-



dre Ézio Gislimberti, que manifestou sua alegria pelo triunfo. No centro da cidade uma grande queima de fogos aconteceu.

A instalação do município deu-se no dia 1º de janeiro de 1949. Agora era chegada a hora da cidade tomar conta de si própria, "caminhar com suas próprias pernas". Assim, candidatos à prefeitura e à Câmara de Vereadores surgiram com seus discursos para uma vaga. O pleito foi marcado para o dia 13 de março daquele ano.

Foi escolhido um prédio da Rua João Pessoa, nº 121, onde funcionou o Ipê Clube, para o funcionamento da edilidade. Para isso, foram comprados cortinas, tapetes, mesas, cadeiras, a mesa da presidência, uma tribuna e todo o necessário para que as instalações ficassem semelhantes às da Câmara de Santo André.

SOLENIIDADE DE INSTALAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, EM 1949. FORAM IDENTIFICADOS, NA IMAGEM: GABRIEL MIGLIORI (DEPUTADO), PADRE ÉZIO GISLIMBERTI, ARTHUR ZAGO, OSWALDO BISQUOLO, ARLINDO MARCHETTI, GERALDO CAMBAÚVA, MÁRIO RADES, JORDANO VINCENZI, MOYSÉS CHAPEVAL, ANTÔNIO DARDIS NETTO, JACOB JOÃO LORENZINI, OSWALDO SAMUEL MASSEI E ALFREDO RODRIGUES

O engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino lançou-se candidato a prefeito da coligação autonomista, com o apoio dos partidos: Partido Republicano Progressista (PRP), Partido Social Progressista (PSP), União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD), Partido da República (PR) e Partido Trabalhista Nacional (PTN). Outro candidato, José Luiz Flaquer Neto, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), entrou também na disputa, apoiado pelo prefeito de Santo André, do qual era sobrinho.

Para a vereança, centenas de candidatos lançaram-se em campanhas com suas propagandas eleitorais para o preenchimento das 21 cadeiras na Câmara Municipal. Grandes comícios aconteceram na Praça Cardeal Arcoverde.

No dia 13 de março, as 36 seções para votação estavam abertas para os eleitores, mas no final do dia apurou-se que apenas 50% dos eleitores compareceram às urnas. Muitas teorias surgiram a respeito dessa grande abstenção. A mais corrente era a de que os comunistas não votaram, o que representou 20% a menos de eleitores no total de comparecimento às urnas. Os votos foram encaminhados para o Tribunal Regional Eleitoral, que ficava na Rua Sete de Abril, em São Paulo.

O resultado foi a vitória esmagadora de Pellegrino. Com 4.094 votos, foi eleito o primeiro prefeito de São Caetano do Sul. Seu oponente, José Luiz Flaquer Neto, obteve 1.017 votos. Nessa primeira legislatura não houve vice-prefeito. Para o cargo de secretário foi nomeado Paulo de Oliveira Pimenta.

Em ordem de número de votos, segue lista dos vereadores eleitos para a primeira Câmara Municipal:

Antônio Dardis Netto - 299 votos – Coligação PSP/PR (Funcionário público estadual, nasceu em 1º de junho de 1906 e faleceu em 1977);

Oswaldo Samuel Massei - 177 votos – PTB (Comerciante, nasceu em 27 de agosto de 1921 e faleceu em 22 de outubro de 1973);

Luiz Rodrigues Neves - 163 votos – Coligação PRP/PSD (Nascido em 11 de novembro de 1919 e falecido em 11 de julho de 2008, era administrador);

Jordano Pedro Segundo Vincenzi - 159 votos – UDN (Comerciante, nasceu em 29 de junho de 1917 e faleceu em 21 de dezembro de 2002);

Lauriston Garcia - 125 votos – Coligação PSP/PR (Contador, nasceu em 12 de janeiro de 1918 e faleceu em 13 de fevereiro de 2013);

Jacob João Lorenzini - 118 votos – Coligação PR/PSP (Nascido em 2 de setembro de 1904, era comerciante e faleceu em 16 de abril de 1988);

Geraldo Cambaúva - 108 votos – UDN (Farmacêutico, nasceu em 3 de julho de 1921. Faleceu em 5 de novembro de 1988);

Victório Marcucci - 107 votos – PTB (Comerciante, nasceu em 21 de abril de 1918. Data de falecimento desconhecida);

Accácio Novaes - 95 votos – Coligação PSD-PRP (Nascido em 9 de junho de 1890, o industrial faleceu em 3 de março de 1981);

Moysés Chapeval - 95 votos – UDN (Dentista, nasceu em 25 de julho de 1916 e faleceu em 24 de agosto de 1993);

Arthur Zago - 91 votos – Coligação PRP/PSD (Nascido em 2 de março de 1902 e faleceu em 15 de junho de 1967. Era comerciante);

Arlindo Marchetti - 88 votos – Coligação PSP/PR (Contador, nasceu em 1º de novembro de 1917 e faleceu em 12 de junho de 1951);

Bento Vellannes Regis - 84 votos – Coligação PTN/PRN (Era balconista. Nasceu em 21 de março de 1923 e faleceu em 8 de setembro de 1949);

Alfredo Rodrigues - 82 votos - PTB (Industrial, nasceu em 21 de setembro de 1904 e faleceu em 17 de julho de 1969);

vereadores eleitos para a primeira Câmara Municipal



15. **Oswaldo Bisquolo** - 81 votos – Coligação PR/PSP (Nascido em 11 de janeiro de 1919, o industriário faleceu em 7 de setembro de 2011);

16. **Giácomo Garbelotto Netto** - 73 votos – Coligação PR/PSP (Contador, nasceu em 11 de fevereiro de 1925 e faleceu em 23 de janeiro de 1970);



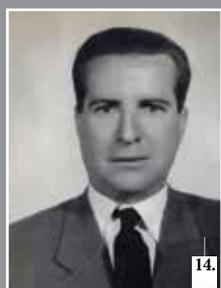
17. **Olga Montanari de Mello** - 70 votos – UDN (Professora, nascida em 1º de dezembro de 1920. Faleceu em 30 de novembro de 2013);



18. **José Lopes Filho** - 67 votos – Coligação PR/PSP (Comerciário, nasceu em 1º de novembro de 1923. Data de falecimento desconhecida);



19. **Mário Rades** - 65 votos – Coligação PTN/PRN (Ceramista, nascido em 8 de dezembro de 1915. Data de falecimento desconhecida);



20. **Concetto Constantino** - 54 votos – Coligação PSP/PR (Nasceu em 21 de agosto de 1918. Industriário, faleceu em 8 de janeiro de 1988);



21. **Genésio Carlos Alvarenga** - 51 votos – Coligação PR/PSP (Técnico em administração, nasceu em 24 de agosto de 1922 e faleceu em 16 de agosto de 1998).

Logo às 6h da manhã do dia 3 de abril, ouviu-se uma alvorada com 105 tiros, anunciando que este dia seria inesquecível para o povo sul-são-caetanense. O encontro da população com o prefeito e os novos idílicos foi marcado na Praça Comendador Ermelino Matarazzo. Dali saiu um desfile composto pelas escolas e clubes, tendo à frente os representantes do Cerâmica Futebol Clube e do Piratininga Esporte Clube, devidamente uniformizados. Seguiram em direção à Praça Cardeal Arcoverde, onde uma missa campal foi celebrada pelo padre Êzio Gislimberti, da Igreja Matriz Sagrada Família. No local, foi montado um palanque para que o prefeito e os vereadores eleitos pudessem fazer saudações ao povo ali presente.

No mesmo dia 3 de abril, às 15h10, no recinto da Câmara, totalmente lotado, tomaram posse os vereadores, prestando, um a um, juramento de fidelidade ao cumprimento do mandato. Accácio Novaes foi eleito presidente da Câmara para o exercício de 1949. Nos momentos seguintes, o prefeito eleito, Ângelo Raphael Pellegrino, foi chamado para compor a mesa. Após a solenidade, Pellegrino dirigiu-se, em companhia dos vereadores, ao prédio alugado para ser sede da prefeitura, localizado na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi, a fim de tomar posse de seu cargo.

As sessões na Câmara dos Vereadores - A primeira sessão ordinária da Câmara aconteceu no dia 6 de abril de 1949. Foi discutido o regimento interno e eleitos o vice-presidente e as comissões. Nessa sessão foi aprovada a colocação de um crucifixo nas dependências da sala de sessões, que, posteriormente, foi benzido pelo padre Êzio Gislimberti.

As comissões ficaram assim constituídas, com seus representantes: Comissão de Justiça - Bento Vellannes Regis; Finanças - Arlindo Mar-

chetti; Obras Públicas - Alfredo Rodrigues; Higiene - Geraldo Cambaúva; Redação - Giacomo Garbelloto Netto e Cultura - Olga Montanari de Mello.

Durante o primeiro ano dessa legislatura, várias propostas foram aprovadas e levadas ao Executivo, outras ficaram condicionadas a estudos e novas votações. Apresentamos algumas das proposituras deste primeiro ano de mandato:

- Uma das primeiras pautas foi a proposta de obtenção de um empréstimo de 150 mil cruzeiros, que o Estado oferecia aos municípios novos;
- Aprovada uma indicação do vereador Alfredo Rodrigues recomendando à prefeitura a celebração de contrato com algum hospital para os enfermos da cidade;
- O vereador Bento Vellannes Regis pedia a melhoria dos serviços de correios e telégrafos;
- Vários decretos da Câmara Municipal, transformados em leis pelo prefeito, visavam créditos para pagamentos de funcionários, aluguéis dos prédios das ruas João Pessoa e Pará e pagamentos de despesas para a instalação do município;
- Intercessão junto ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) para que se construísse uma escola em São Caetano;
- Obtenção de empréstimo para aquisição de veículos para a conservação das ruas;
- Solicitação de instalação de postes de iluminação e discos regulamentando a velocidade dos veículos;
- Início de estudos para a compra de um novo terreno para a construção de um terceiro cemitério;
- Locação de uma sala para a instalação de um centro de puericultura – autoria de Olga Montanari de Mello;
- Regulamentação dos feriados municipais - autoria de Concetto Constantino;

- Proposta de concessão de auxílio de 300 mil cruzeiros ao Hospital Beneficente São Caetano, que estava em construção;
- Realização de um concurso entre artistas para a confecção de um escudo e da bandeira de São Caetano Sul – autoria de Giacomino Garbelloto Netto;
- Redução de 50 por cento do custo das passagens de ônibus para estudantes – autoria de Genésio Alvarenga;
- Autorização ao comércio e indústria para a colocação de bancos com inscrições na Praça Cardeal Arcoverde – autoria de Accácio Novaes;
- Proposta de isenção de taxas e emolumentos para os templos de qualquer culto, imóveis ocupados por asilos, hospitais, entidades culturais e esportivas e os de assistência e filantropia - autoria de Oswaldo Samuel Massei;
- Aprovação de desapropriação de terreno destinado à estação de tratamento de esgoto;
- Aprovação da construção de um viaduto sobre o leito da Estrada de Ferro Santos-Jundiá – autoria de Jordano Pedro Segundo Vincenzi.

A respeito dessa última propositura, seu autor comentou: “Finalmente no dia 28 de setembro de 1949, é apresentado um projeto de lei (acompanhado de estudos com desenhos e detalhes) autorizando o prefeito a declarar de utilidade pública para desapropriação das propriedades situadas à R. Cons. Antonio Prado, esquina com a R. Manoel Coelho, e propriedades situadas à R. Perrella com frente para a Av. Cons. Rodrigues Alves, para futura construção de um viaduto e de uma estação rodoviária, onde localizam-se atualmente”.¹

Ainda no mês de julho de 1949 aventava-se a possibilidade de se adquirir um terreno

na Rua Goiás, entre as ruas Rio Grande do Sul e Manoel Coelho, para a construção do futuro paço municipal. O terreno pertencia ao espólio de Ernesto Giuliano. O valor era o de 250 cruzeiros o metro quadrado, sendo que a Câmara pagaria 300 mil no ato da escritura e o restante em dez parcelas de 195 mil cruzeiros. Nesse mesmo projeto de lei, tal área foi declarada de utilidade pública.

No período da primeira legislatura, foram realizadas 75 sessões na Câmara Municipal. O vereador que apresentou o maior número de proposições foi Oswaldo Samuel Massei.

Nesse primeiro ano de legislatura não foi considerada brilhante a atuação dos vereadores. Muito embora nenhuma sessão tenha sido deixada de ser realizada por falta de *quorum*, foi baixo o comparecimento dos vereadores às sessões, muitas vezes encontrando-se o plenário quase vazio. As sessões ocorriam no período noturno e também aos sábados, e os vereadores não recebiam subsídios. No dia 8 de setembro de 1949, com apenas alguns meses de mandato, falece, aos 26 anos de idade, o vereador Bento Vellannes Regis, perdendo a Câmara um valoroso idealista, baiano, mas de coração sul-são-caetanense.

E hoje, 68 anos depois daquela data histórica de 3 de abril de 1949, a Câmara dos Vereadores dá continuidade ao trabalho de prestar serviços à comunidade, visando, em primeiro lugar, ao interesse e ao bem-estar da população. **R**

NOTA

¹Vincenzi, Jordano Pedro Segundo. As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. Raízes. São Caetano do Sul, n. 11, p. 40-41, jul 1991

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCENCIO, Yolanda. Meio século de Legislativo em São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998
JORNAL DE SÃO CAETANO, edições de 1949.

CRISTINA ORTEGA

É PEDAGOGA E ADVOGADA. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, ATUANDO NA ÁREA DE PESQUISA.

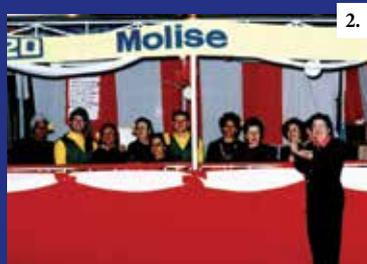
Caio Bruno

Festa Italiana:

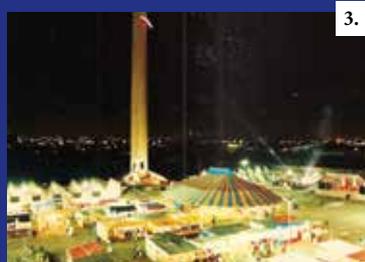
25 edições de alegria, lazer, tradição e boa comida



1.



2.



3.



4.

Se você mora em São Caetano do Sul, ou nas proximidades, com toda certeza já teve o privilégio de, em um fim de semana qualquer do mês de agosto, desde 1993, saborear um belo prato típico da Itália, ao som das tradicionais e animadas canções do país da bota, em um ambiente alegre, festivo e caloroso. Em outras palavras: você já foi à Festa Italiana.

O evento, que chegou a sua 25ª edição em 2017, foi criado no primeiro ano do governo do prefeito Antônio José Dall'Anese (1993-1996) como uma forma de reforçar os laços sempre presentes e fortes com a comunidade italiana e também resgatar a antiga tradição, datada ainda do século 19, da realização de festas em homenagem ao santo padroeiro da cidade, São Caetano Di Thiene (cujo dia é celebrado em 7 de agosto), realizadas no Bairro da Fundação, ao redor da antiga capela, mesmo local onde atualmente se encontra o templo da Paróquia São Caetano.

Após o anúncio da criação da festividade, chamada ainda de 1ª Festa Italiana de Rua de San Gaetano, enorme expectativa tomou conta de São Caetano. A atração fora anunciada como parte integrante do calendário de festejos dos 116 anos do município. Sua primeira edição foi realizada nos dias 31 de julho e 1º, 7, 8, 14 e 15 de agosto, sempre aos sábados e domingos, na Praça

Comendador Ermelino Matarazzo, no Bairro da Fundação, no local exato da antiga festividade em homenagem ao santo. A comissão organizadora do evento era composta pela Associação dos Amigos do Bairro Fundação, pelo Circolo Italiano de São Caetano do Sul e pela prefeitura municipal.

O conceito central da festa (e que permanece até hoje) era o de uma grande celebração típica, com muita música ao vivo e comida italiana, oferecida em 26 barracas de entidades assistenciais do município, cada uma representando uma região da Itália.

Na cerimônia de abertura, em 31 de julho de 1993, além da população e das autoridades civis municipais, quem marcou presença foi uma comitiva de Vittorio Veneto, cidade-irmã de São Caetano, formada, entre outros, pelo prefeito da localidade, Mario Botteon. Com o sucesso absoluto de público da primeira edição, a Festa se consolidou na agenda municipal e desde então é realizada todo ano, ininterruptamente. Mas nem sempre aconteceu no mesmo local.

Ao assumir a prefeitura em 1997, Luiz Olinto Tortorello (1997-2004) transferiu a festa para dentro das instalações das antigas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (o local ficou conhecido como Espaço Matarazzo), a poucos metros da praça. A mudança de sede, segundo informações oficiais da época, visava oferecer maior conforto, segurança e comodidade para os frequentadores. Neste período, o evento cresceu em número de barracas (chegando a 32 entidades), atrações e público. Inicialmente, neste espaço, era cobrado ingresso no valor

1 - I Festa Italiana de São Caetano do Sul, realizada no Bairro da Fundação. Vemos, na foto, o arco da entrada da rua e, ao fundo, a Igreja São Caetano. Foto de 31 de julho de 1993

2 - II Festa Italiana de São Caetano do Sul realizada na Rua Mariano Pamplona, no Bairro da Fundação. Vemos, na foto, a barraca da Igreja São Caetano

3 - Em 1997, em sua quinta edição, a Festa Italiana foi transferida para dentro das instalações das antigas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e permaneceu no local até 2004. No ano seguinte, retornou à Praça Comendador Ermelino Matarazzo

4 - VII Festa Italiana de São Caetano do Sul realizada no Espaço Matarazzo, no Bairro da Fundação. Vemos, na foto, a barraca da Igreja São Francisco de Assis. Foto de 29 de agosto de 1999

5 - Fred Rovella se apresenta no palco da XVII Festa Italiana, realizada na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, em 2009

6 - XIX Festa Italiana de São Caetano do Sul, realizada na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, em 2011. Vemos, na foto, a barraca da Creche Zilda Natel



5.



6.



7.



8.

de R\$ 1 (posteriormente aumentado para R\$ 2). A quantia arrecadada era revertida ao Fundo Social de Solidariedade de São Caetano. Da quinta até a 12ª edição, o evento seria realizado neste local.

Já em 2005, com a troca de comando do Palácio da Cerâmica, assumindo, assim, José Auricchio Junior (2005-2008), a Festa Italiana retornou ao seu lugar de origem, a Praça Comendador Ermelino Matarazzo. Na ocasião, a prefeitura declarou que a volta ao antigo espaço seria por “aconchego e tradição”. Naquela edição, a 13ª, 21 barracas, dispostas nas ruas 28 de Julho e Mariano Pamplona e na Praça Ermelino Matarazzo integraram o evento, com intensa participação popular e extensa agenda de shows. Desde então, a festa permanece em seu local tradicional e, ano a ano, aumenta o número de público e de atrações musicais.

Já pisaram no palco do evento diversos astros nacionais e internacionais como Agnaldo Rayol, Jerry Adriani, Mafalda Minnozzi, Ari Sanches e, claro, Fred Rovella, cantor e animador especializado em canções italianas, que bate cartão edição após

edição. Artistas da cena cultural sul-são-caetanense também são presença constante na festividade, como cantores e grupos de dança.

Quem frequentou e ainda acompanha o evento percebe que mais do que uma celebração à Itália, a Festa Italiana é um ponto de encontro e lazer para toda a família, e público em geral, que pode desfrutar de momentos agradáveis e com segurança, uma vez que a prefeitura e a Polícia Militar proporcionam estrutura visando ao conforto do visitante.

A caminho de sua 26ª edição, a ser realizada em 2018, a Festa Italiana de São Caetano transcendeu os limites da cidade e tornou-se referência na agenda cultural e gastronômica paulista. **R**

CAIO BRUNO

É JORNALISTA FORMADO PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, COM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM GESTÃO E CRISE EM REDES SOCIAIS PELO SENAC-SP E CURSOS LIVRES NA ÁREA DE GESTÃO CULTURAL. É PÓS-GRADUANDO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. ATUALMENTE É SUPERVISOR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

7 - As atrações musicais sempre foram prestigiadas pelo público do evento. Na foto, Rinaldo Viana se apresenta na XXIII da Festa Italiana, em 2015

8 - Vista panorâmica da XXV Festa Italiana de São Caetano, em 2017

Rodrigo Marzano Munari

História e memória de uma comunidade hospitalar:

os 60 anos da Capela do Hospital São Caetano¹

Interior da Capela do Hospital São Caetano. No presbitério, vê-se o Cristo crucificado ladeado por dois anjos, que outrora ficavam em um dos andares do hospital. Ao lado das duas portas que conduzem aos fundos da igreja, as imagens do Sagrado Coração de Jesus (a quem foi dedicada a capela) e, no lado oposto, da Imaculada Conceição. Simplicidade e acolhimento definem as linhas mestras da arquitetura e da ornamentação da capela



Foto: Sandra Castanhão

História e memória, a despeito de suas imbricações profundas, constituem duas vias distintas de acesso ao passado. Tanto num caminho quanto em outro, contudo, o passado não pode ser meramente resgatado ou trazido a lume, em sua integridade original, das profundezas do obscurantismo ou do esquecimento, “como a criança que caiu num poço e não consegue subir à superfície sem o auxílio providencial dos bombeiros”, ou “como o arqueólogo [que] desenterra os objetos retidos no solo”², nas expressões do historiador Ulpiano Bezerra de Meneses.

Diferentemente da memória, a história estabelece, logo de início, um distanciamento entre o investigador e o objeto investigado – mesmo que o assunto abordado tenha alguma relação com a vida do historiador. É preciso dizer que nessa última condição se encontra o caso da pesquisa que resultou no presente artigo.

Apesar do valor sentimental que para mim carrega o mencionado objeto de estudo – a Capela do Hospital São Caetano, comunidade da qual faço parte desde a infância, há cerca de 17 anos –, procurar-se-á aqui abordá-lo com o ri-



Foto: Sandra Castanhão

gor exigido pela pesquisa histórica, que não abre mão de diferentes fontes e testemunhos sobre o passado. Sobre os primeiros tempos daquela capela, o testemunho pessoal deste historiador, como é óbvio, nada poderia acrescentar. Sobre os últimos 17 anos, entretanto, e especialmente sobre acontecimentos mais recentes que levaram ao fechamento do hospital a que se liga a capela, não me furtarei a registrar algumas impressões de cunho pessoal.

Algumas vozes, além da minha própria, fizeram-se ouvir para fazer lampejar, como momentos significativos de tantas trajetórias indi-

¹ A capela foi erguida ao lado do primeiro bloco do Hospital São Caetano, inaugurado em julho de 1954. A pedra fundamental do templo foi lançada em janeiro de 1955. Em fevereiro de 1957, já construída, a capela foi dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, sob as bênçãos de Dom Jorge Marcos de Oliveira, e oficialmente aberta ao povo

viduais, uma pequena parte do emaranhado de experiências relacionadas à existência de uma comunidade religiosa, em um hospital – que tão profundamente marcara (e marca) a história da cidade de São Caetano do Sul.

Por último, é necessário que se faça uma observação a respeito da Capela do Hospital como objeto deste artigo. O referido templo nada tem de inestimável valor artístico ou cultural, excetuando-se a sua inegável relevância para a história da cidade. Não se trata de atentar para a construção e as transformações de um edifício; tijolos, telhas, concreto, vitrais, altar, imagens, objetos e ornamentos falam do templo material, mas também, e sobretudo, das relações sociais de que ele é originário, que o sustêm e que definem sua existência enquanto tal. Antes de fazer história (e memória) de uma capela, faz-se história de uma comunidade religiosa, erigida em torno da Capela do Hospital e intrinsecamente ligada à trajetória das Irmãs Clarissas Franciscanas na cidade de São Caetano. A força dessa comunidade é tão grande que, passados 60 anos de sua fundação, ela continua sendo um marco de *luta*, característica constitutiva das origens da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, e *resistência*, dado que a capela (como comunida-

de) sobreviveu ao fechamento do hospital e a todo tipo de força que já quis levar à sua extinção.

Prelúdio: a ereção da capela –

Em 1946, as páginas do *Jornal de São Caetano*, lançado naquele mesmo ano, semearam as bases de uma benemérita e, afinal, vitoriosa campanha para a construção de um hospital no então subdistrito de Santo André. Mário Porfírio Rodrigues e Walter Thomé, fundadores do jornal, percorreram as ruas de São Caetano a fim de indagar quais eram as prioridades da população para a sua localidade. O objetivo declarado daquele periódico era tornar o subdistrito um município independente. A pesquisa de opinião, no entanto, revelou pelo que mais ansiavam os moradores naquele contexto de carências estruturais: uma casa de saúde que atendesse, principalmente, os mais necessitados.³ Na medida em que encampou essa reivindicação, o *Jornal de São Caetano* conferiu legitimidade ao mote da autonomia, que foi enfim conquistada após plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948.

Com a criação, em 7 de dezembro de 1946, da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano (SBHSC), tiveram início os incessantes trabalhos de arrecadação de fundos para a construção da casa de saú-

de. Ergueu-se o Hospital São Caetano à base de sucessivas campanhas, chás beneficentes, shows, bailes, eventos que contavam com o apoio e a adesão da população local, além das subscrições de particulares. Nos primeiros estatutos da Sociedade Beneficente revelava-se o seu intuito, verdadeiramente louvável, de fornecer, “gratuita e indistintamente, os benefícios de assistência médico-hospitalar-odontológica-farmacêutica e maternidade”, visando especialmente socorrer os “desvalidos” e as “classes menos abastadas deste distrito”⁴ (depois município).

Esse caráter filantrópico do Hospital São Caetano, em seus primeiros tempos, encontrou seu complemento natural na vinda das Irmãs Clarissas Franciscanas para o âmbito de suas atividades. O presidente da Sociedade Beneficente Hospitalar afirmou, em entrevista publicada no *Jornal de São Caetano* de 15 de dezembro de 1954, que as Irmãs Clarissas estariam em atividade no Hospital São Caetano a partir do dia 7 de janeiro de 1955, dentro, portanto, de 20 dias. O mesmo artigo do jornal alegava que “o assunto já havia sido amplamente debatido em reunião do Conselho da SBHSC, tendo os defensores dessa ideia lido uma carta do padre Êzio Gislimberti em que prestava esclarecimentos defendendo essa



Arquivo/Sinhá Custódia



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Cerimônia da Coroação de Nossa Senhora, realizada na Capela do Hospital São Caetano em maio de 1962

Missa celebrada na capela pelo padre José de Souza Primo, no final da década de 1970

ideia”.⁵ Graças à sua atuação no campo educacional desde a fundação do Instituto Nossa Senhora da Glória (1953), a Congregação das Irmãs Clarissas tornou-se conhecida e admirada em São Caetano, o que motivou o convite da administração do hospital. Desde 7 de janeiro as irmãs Julieta e Rosália, auxiliadas por outras, cujos nomes não devem ser esquecidos⁶, estavam à testa da casa de saúde construída no alto da Rua Espírito Santo.⁷ Elas então passariam a atuar em diversas frentes, revezando as equipes religiosas nos setores de supervisão administrativa, enfermagem e pastoral dos enfermos. Impossível dissociar as atividades desenvolvidas pelas Irmãs Clarissas, no Hospital São Caetano, de seus aspectos espirituais; esse foi o

pressuposto da aceitação de uma comunidade religiosa católica no seio do hospital.

Todas as comunidades religiosas, ordens ou congregações, como “institutos de vida religiosa” ou “consagrada”, exigem espaços para o culto e o exercício de suas práticas espirituais, ao redor das quais se organiza toda a vida da comunidade. Como decorrência do estabelecimento das Irmãs Clarissas, a construção de uma capela anexa ao hospital foi uma necessidade quase obrigatória e imediata. Já em 23 de dezembro de 1954, antes mesmo que as Clarissas começassem a trabalhar no hospital, uma coluna no *Jornal de São Caetano* participava a “Construção da capela do Hospital de S. Caetano”; e informava ao público leitor que no dia 2 do próximo mês, um domingo, às 10h30, ocorreriam as solenidades de lançamento de sua pedra fundamental na Rua Espírito Santo, nº 277, com a presença de Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo da Diocese de Santo André. A diretoria do hospital, em nota publicada no jornal, convidou todo o povo para assistir a essas festividades.⁸

O evento acabou não ocorrendo no dia marcado, pois “chuvas implacáveis” caíram sobre São Caetano desde o início da manhã de 2 de janeiro, impedindo a realização da solene missa campal, que foi remarçada para o dia 16 e contaria, novamente, “com a presença honrosa de Dom Jorge”.⁹ Mas a primeira missa no Hospital São Caetano foi rezada alguns dias antes da solenidade de lançamento da pedra fundamental. Um dos cômodos foi utilizado para a instalação de uma capela provisória. No dia 11 de janeiro, uma terça-feira, às 5h30 da manhã, foi celebrada, pelo padre Êzio Gislimberti – o então vigário da Igreja Matriz Sagrada Família, à qual a Capela do Hospital estaria ligada desde sua origem –, a primeira missa nas dependências da nova casa de saúde.¹⁰ Nesse mesmo dia,

à tarde, teve lugar “uma reunião de senhoras da sociedade sancaetanense”, presidida por irmã Julieta, com o objetivo de organizar uma campanha para adquirir os aparatos (tapetes, objetos, ornamentos) necessários ao uso da capela.¹¹ No mês seguinte, o mesmo jornal noticiava que as esposas dos rotarianos, em visita ao hospital, efetuaram

a entrega à Irmã Julieta, superintendente do Hospital, de um cheque destinado a contribuir para a aquisição de pertences da Capela que está em construção na referida Casa de Saúde. A entregue (sic) do cheque foi feita pela sra. Maria José de Lima Durán, esposa do presidente do Rotary Club local.¹²

Assim como o hospital, a capela foi construída, assim como continuamente sustentada e ornamentada, graças aos esforços despendidos pelo povo da cidade que se unira à causa do hospital – e, posteriormente, pelo conjunto de fiéis que se tornariam frequentadores assíduos dessa capela. Essa fisionomia solidária do processo de construção da capela foi enfatizada por Helda Thereza Castello Campanella, mais conhecida como dona Zinha, que a descreveu com cores sentimentais e saudosistas, próprias da relação afetiva que ela tinha com o Hospital São Caetano:

A capela, por exemplo, foi doado o terreno, mas a construção foi [feita com] esmola de um, esmola de outro, quem dava 10 tijolos, quem dava 20, quem dava uma dúzia de tijolos, foi tudo feito assim. Então, isso é uma criança que a gente criou. Para mim, o Hospital São Caetano foi uma criança que a gente criou.¹³

Em julho de 1955, as obras da capela ainda não se tinham iniciado, por causa de dificuldades financeiras; o que, entretanto, não vinha prejudicando totalmente a celebração de cerimônias religiosas, as quais eram realizadas em determinada dependência interna do hospital, onde, quinzenalmente, “por confortadora gentileza do Reverendíssimo Padre Ezio”, era “possível às Irmãs e aos nossos doentes assistirem à Santa Missa”.¹⁴

A construção da Capela do Hospital São Caetano teve de fato início no ano seguinte. Em número de 28 de janeiro de 1956, a diretoria da Sociedade Beneficente fez publicar no *Jornal de São Caetano* um edital de concorrência, a fim de receber propostas para execução dos serviços de mão de obra da construção da capela e clausura do hospital. Estipuladas as condições, foi estabelecido um prazo para o recebimento das propostas.¹⁵ O resultado da concorrência foi apresentado pela diretoria em 12 de março e publicado no jornal de 17 do mesmo mês. Deliberou-se que ficariam encarregados da construção da capela e clausura, em primeiro lugar (conforme ordem de classificação), o engenheiro José Lorenzini (que estabeleceu preço de Cr\$ 265.000,00) e, em segundo lugar, a firma Gonzalo G. Gandara (Cr\$ 454.597,00).¹⁶ Lorenzini tomou a dianteira, projetando e acompanhando as obras da Capela do Hospital, uma das primeiras realizações de sua carreira.¹⁷

A capela ficou em construção durante o ano de 1956 e o prelúdio de sua história encerra-se no princípio de 1957, quando foi marcada a solene “Benção da Capela Sagrado Coração de Jesus do Hospital de São Caetano”. O registro dessa dedicação foi materializado pelo coração de gesso encimando o arco que separa o presbitério (espaço elevado onde fica o altar) da nave (o “corpo da igreja”, onde ficam os fiéis). Naquele 1957, a Comissão Feminina e a diretoria da Sociedade Beneficente convidaram os conselheiros, sócios e todo o povo da cidade para participarem da missa que seria realizada no dia 28 de fevereiro, às 19 horas, a ser presidida pelo Bispo Dom Jorge.¹⁸

A capela em atividade: tempo da história, tempo da memória – Erguido o templo físico de sua comunidade, as Irmãs Clarissas passaram a organizar a vida religiosa em torno da capela, que, em grande medida, existia em função do hospital e da necessidade de atender os enfermos e seus familiares. As

irmãs residiam no hospital e suas vidas orbitavam ao redor do atendimento material e espiritual dos doentes. Na parte espiritual, além das celebrações religiosas, elas o faziam, nas palavras da irmã Lydia Lopes de Assis, “ouvindo e confortando os enfermos, aconselhando os familiares, tornando o silêncio dos quartos em ambiente de paz, alegria e conforto para o espírito. Desde o início essa atitude foi de uma validade extraordinária, gerou respeito e a ordem em toda a casa”.¹⁹

Em 1978, a fim de favorecer as condições de vida religiosa e dar maior colaboração nas pastorais paroquiais (cursos, catequese, reuniões etc.), um grupo de irmãs passou a residir fora do hospital. Foi assim constituída a Comunidade São José, que atualmente se encontra (desde 1994)

na Rua Archinto Ferrari, nº 55. Eram como que duas comunidades, a de “dentro” e a de “fora” do hospital, mas ambas atuando na enfermagem e na pastoral da saúde²⁰, e tendo um centro religioso comum: a Capela do Sagrado Coração de Jesus – hoje também designada, pelas irmãs da comunidade, de Capela da Imaculada Conceição do Hospital São Caetano.

Nos idos da década de 1980, conforme registra o “livro de crônicas” das Irmãs Clarissas²¹, a capela tinha uma rotina intensa. Missas diárias às 6h15, exceto aos domingos, eram celebradas pelos padres da Matriz Sagrada Família. Missas vespertinas já aconteciam aos sábados, como até hoje, e muitas outras eram celebradas em ocasiões especiais: batizados, bodas, aniversários, sobretudo de funcionários da casa de saúde, festividades do calendário litúrgico e do próprio hospital. Antes disso, em fins da década de 1950, o *Jornal de São Caetano* não deixava de publicar notas em que se convidava o povo para “Missa em Ação de Graças

na Capela do Hospital”, quando do aniversário da Sociedade Beneficente, em louvor ao padroeiro São Caetano di Thiène ou, ainda, pelo término da gestão de uma diretoria e o início de outra. É natural que essa rotina sofresse modificações ao longo do tempo e que, em tempos mais recentes, as administrações do hospital paulatinamente se distanciassem desses compromissos religiosos, que eram também parte de suas obrigações para com a sociedade da época.

A comunidade religiosa da capela nasceu e cresceu sob o influxo do trabalho incessante desenvolvido pelas irmãs no Hospital São Caetano; e a comunidade fincou raízes, de tal modo que passou a ter um corpo permanente de fiéis, entre funcionários, voluntários e moradores das cercanias que participavam, assiduamente, das celebrações. O coral da capela, Grupo de Canto São Francisco, teve início com funcionários e irmãs; é o coral que até hoje anima as missas lá realizadas. Há vários exemplos de sintonia e intercâmbio entre a capela e o trabalho junto ao hospital nas crônicas das Clarissas. Intensamente ocupada, a capela tinha uma programação regular e atividades que variavam a cada mês, a cada semana. Nessa capela floresceu, inclusive, uma vocação à vida sacerdotal como a do padre Roberto Alves Marangon, que por doze anos (1999-2011) foi pároco da Paróquia São Bento:

A Capela do Hospital São Caetano foi sempre uma referência. Ali vivenciamos uma comunidade de fé que deu sentido à ação pastoral. Era local de muitas visitas. Os doentes e familiares gostavam de visitar a capela. Ali se realizaram batizados, casamentos, missas de formatura, dias especiais. O processo de humanização era o ponto fundamental a ser focado. A capela foi o espaço onde muitos se encontra-

Padre Emílio Rubens Chasseraux, em foto da década de 1970. Sua atuação benemérita no hospital e sua amizade com as Irmãs Clarissas fizeram dele uma presença constante na capela, onde celebrou missas e ministrou os sacramentos durante muitos anos



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

ram, médicos, enfermeiros e tantos outros profissionais. Lembro com carinho de muitos médicos participando ativamente, no coral, nas festas. Foi também um ambiente de discernimento vocacional. Posso dizer, com certeza, que foi ali o local do meu amadurecimento vocacional.²²

Esse espírito religioso que caracterizou o funcionamento do Hospital São Caetano desde seu nascedouro perdurou enquanto as Irmãs Clarissas estiveram envolvidas, de maneira global, nas atividades dessa unidade hospitalar. Muitos padres já passaram pela capela, que foi sempre atendida pelos sacerdotes estigmatinos da Paróquia Sagrada Família.²³ Há poucos registros a esse respeito, entretanto, nos livros de tomo daquela paróquia. Em setembro de 1964, o padre Êzio Gislimberti escreveu que as missas na Capela do Hospital seriam feitas, cotidianamente, em vernáculo, isto é, na língua falada no país, o português. A utilização da língua vernácula em substituição ao latim nas celebrações litúrgicas foi autorizada pelo Concílio Vaticano II (1962-65). Em janeiro de 1980, época em que era vigário da Sagrada Família o padre Paulo Campo Dall’Orto, um registro curioso referente à capela: por razões “pastorais”, foram suprimidas as missas que lá aconteciam aos domingos, às 17h, e “o descontentamento dos irmãos e de seus frequentadores foi geral”.²⁴ Essa simples frase é reveladora de que a Capela do Hospital, mais do que um lugar de visitas eventuais, mais do que um espaço público aberto a todos quantos desejassem, era já uma *comunidade* – tendo em vista o sentimento de pertencimento e as identidades compartilhadas pelos fiéis que a frequentavam. As missas dos domingos, a partir de então, seriam celebradas nas tardes dos sábados.

Alguns padres marcaram presença na capela por largo período de tempo. Padre José de Souza Primo lá celebrou missas durante 23 anos, entre 1978 e 2001.²⁵ Padre Emílio Rubens Chasseraux, por mais de 40 anos, exerceu um belo e nobre tra-

balho de voluntariado no Hospital São Caetano, onde fazia visitas regulares aos doentes, levando uma palavra de ânimo, consolando os familiares e ministrando os sacramentos àqueles que os desejassem; sem contar a assistência, social e psicológica, que prestava aos funcionários e aos enfermos mais necessitados. Naturalmente, sua presença era constante na capela, onde celebrava missas às segundas, quartas e sextas-feiras²⁶, celebrando, ainda, as missas vespertinas dos sábados por dilatados anos. A figura carismática do padre Rubens, sua simplicidade, sua dedicação aos pobres e desvalidos, sua atuação vigorosa e incansável no hospital fizeram dele uma pessoa conhecida e admirada por (quase) todos. Seguramente, não se poderia escrever a história da capela ou do próprio Hospital São Caetano sem mencionar o que ele foi – e o que ele significa – não só para aquela instituição, como para tantas e distintas trajetórias individuais, inclusive para quem escreve estas linhas.

Diversos grupos de oração, movimentos e pastorais já utilizaram (e utilizam) o espaço da capela. Durante vários anos, muitas crianças da cidade foram preparadas para receber, nessa capela, a primeira Eucaristia, após encontros semanais ministrados por Maria José Galvani, mais conhecida como Zezé, e, antes dela, pela ilustre irmã Julieta Ramos. As legionárias do Praesidium Nossa Senhora de Lourdes, o qual surgiu, em 1974, a partir do primeiro núcleo da Legião de Maria da cidade de São Caetano, até hoje fazem seus encontros numa sala atrás da capela, o que já acontece há 43 anos, em todas as segundas-feiras. Em meados da década de 1980, um grupo de jovens, denominado Luz de Deus, lá se reunia nas noites dos sábados. Vicente Rodrigues, que atualmente é coordenador do grupo de oração da Paróquia Santo Antônio e pregador na Diocese de Santo André, narra que o “Luz de Deus” foi o primeiro grupo da RCC (Renovação Carismática Católica) de São Caetano do Sul, contando, então, com o apoio do padre Paulo



Foto/Sandra Castanho



Foto/Maria Inez Bolognini

Missa celebrada na capela em 9 de setembro de 2017

Irmã Izalda de Souza (76 anos), à esquerda, padre Rubens (79) e irmã Lydia Lopes de Assis (91) em foto de 23 de setembro de 2017. Com a irmã Rita de Carvalho (70), as três irmãs constituem, atualmente, a Comunidade São José, e são responsáveis pela manutenção da capela

Campo Dall’Orto, em uma época na qual o movimento carismático era perseguido por várias alas da Igreja.²⁷

A Capela do Hospital São Caetano, além de ter acolhido a resistência (chegando, inclusive, a hospedar o padre Rubens nos tempos em que ele foi perseguido pelos agentes da ditadura, os quais confundiam o seu trabalho social com atuação político-partidária), foi ela mesma um *espaço de resistência*. Em 2006, as Irmãs Clarissas, depois de cinco décadas de trabalho, deixaram o hospital. Elas e o padre Rubens. Não o deixaram de próprio alvitre, mas foram, em realidade, expulsas daquela casa de saúde. Nessa época foram retiradas as imagens, crucifixos e todos os demais sinais religiosos do hospital – e é bom ressaltar que alguns foram, literalmente, jogados no lixo. Poderia ser somente uma tentativa de aparente laicização das atividades do hospital, não fosse o modo agressivo e desrespeitoso com que essa mudança foi efetuada. No entanto, não foi isso que ocorreu. O hospital apenas sobrevivia, pois já se encontrava em estado falimentar. Sucessivas administrações onerosas e perdulárias não só lhe

tiraram o caráter beneficente, como dilapidaram o patrimônio que deveria pertencer ao povo de São Caetano. As irmãs foram “convidadas” a se retirar também da capela, a não exercer mais nenhuma atividade pastoral. Mas lá permaneceram, porque os fiéis não abandonaram o barco.

Epílogo – “Os corredores estão escuros e as salas, lacradas”. Assim se referia ao hospital uma reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, de 24 de julho de 2010.²⁸ No dia 10 daquele mês, a direção abandonou a unidade sem dar explicações. Os pacientes que estavam internados foram recebidos por hospitais públicos da região. Mas a capela permaneceu de portas (parcialmente) abertas. As chaves estavam em poder das irmãs, e estas, aliadas a um grupo de frequentadores fiéis, impediram que a comunidade desmoronasse com o hospital. As missas continuaram sendo celebradas, regularmente, aos sábados. As orientações oficiais da Diocese de Santo André eram que as irmãs e o padre não se afastassem da capela; e assim eles procederam.

Sobreveio um tempo de adversidades, cuja memória é ainda viva para aqueles que o presenciaram. Após certo tempo, o fechamento do hospital afetou o funcionamento da capela; foram cortados o fornecimento de energia elétrica e o abastecimento de água. As missas aconteciam à luz de velas e, posteriormente, sob a luz difusa de lampiões a gás. Ainda assim, os bancos nunca estiveram vazios. O caráter aparentemente romântico desse cenário em nada condizia com a apreensão dominante a respeito do futuro, mais do que incerto, daquela comunidade. A sua sobrevivência perdia-se na mesma penumbra que tomava o ambiente. Sendo até então feitas às 17h30, as celebrações foram antecipadas para as 16h, a fim de se aproveitar a luz natural do dia. Para piorar o quadro, o padre Rubens encontrava-se, a essa altura, com sérias dificuldades para ficar em pé e manter-se em equilíbrio, devido a problemas de saúde. Como acólito,

lembro-me de tê-lo escorado, em várias ocasiões, enquanto ele celebrava as missas. Com sérios embaraços para andar e se expressar, padre Rubens presidiu as celebrações enquanto suas forças permitiram, com uma tenacidade impressionante e comovente. Dentro em breve, aquele sacerdote, que era um dos pilares da comunidade, seria definitivamente afastado. Mas os fiéis habituais, mais uma vez, não largaram o posto.

Em 2012, o edifício do Hospital São Caetano foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Caetano do Sul.²⁹ Dessa forma, o hospital e, por conseguinte, sua capela não poderiam ser demolidos nem terem suas estruturas alteradas. Em fevereiro daquele ano, as atividades da unidade hospitalar foram parcialmente reativadas. Na capela, os serviços de água e luz não foram mais interrompidos e os fiéis puderam respirar aliviados. Faltava apenas que o famigerado Hospital São Caetano voltasse a funcionar como nos tempos de antanho.

O sonho do hospital beneficente da Rua Espírito Santo foi reavivado neste ano de 2017. Em setembro, após revitalizadas e modernizadas, as instalações do Hospital São Caetano receberam todo o atendimento do Hospital de Emergências Albert Sabin, que passará por reformas.³⁰ Neste mesmo mês, como que por uma coincidência do destino, o padre Rubens, depois de longa ausência forçada e tanto sentida, veio visitar a comunidade, em uma missa de sábado, e manifestou sua alegria em poder compartilhar esse momento com tantas pessoas queridas, na sua capela do coração. Padre Rubens é sinal vivo de uma capela que simboliza o tempo da luta e da resistência na cidade de São Caetano do Sul, graças à força de uma comunidade; luta pela manutenção de sua fé, de seu culto, de seus vínculos afetivos e laços fraternos; resistência a todos quantos já desejaram que suas portas fossem definitivamente fechadas e a comunidade, dissolvida. Completando 60 anos de atividades

ininterruptas na cidade, a Capela do Hospital São Caetano é um patrimônio – mais do que material, imaterial – da população da cidade. As missas continuam sendo celebradas todos os sábados, às 17h, pelos padres estigmatinos da Matriz Sagrada Família. Todo o povo, ao qual sempre pertenceu essa comunidade, está convidado. **R**

NOTAS

¹ - Este artigo é dedicado à dona Zinha Campanella (in memoriam), que com sua costumeira alegria e com muito carinho me recebeu em sua residência, para uma entrevista, numa ensolarada manhã de agosto do presente ano. E ao Pe. Rubens, grande (e benéfica) influência de minha infância e juventude.

² - MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, 1992, p. 10. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>.

³ - A respeito da fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, ver: RODRIGUES, Mário Porfírio. *Um Jornal, uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005, especialmente capítulos III e IV. É artigo do mesmo autor: Como e por que foi fundado o Hospital Beneficente São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 52, dez. 2015, pp. 24-27.

⁴ - RODRIGUES, Mário Porfírio. Como e por que foi fundado o Hospital Beneficente São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 52, dez. 2015, p. 25.

⁵ - "Irmãs de Caridade no Hospital de São Caetano". *Jornal de São Caetano*, ano VIII, n. 482, 15 dez. 1954.

⁶ - Inúmeras Irmãs já trabalharam nesse hospital e seus nomes são mencionados no livro de RODRIGUES, Carmem. *Missão no Brasil das Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento*. Belo Horizonte: Telecart, 2003, pp. 185-187.

⁷ - "Irmãs de Caridade no Hospital de São Caetano". *Jornal de São Caetano*, ano IX, n. 487, 8 jan. 1955.

⁸ - "Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano – convite ao povo". *Jornal de São Caetano*, ano VIII, n. 485, 30 dez. 1954.

⁹ - "Será dia 16: O lançamento da pedra fundamental da capela". *Jornal de São Caetano*, ano IX, n. 486, 5 jan. 1955.

¹⁰ - "Rezada a 1ª missa". *Jornal de São Caetano*, ano IX, n. 489, 15 jan. 1955.

¹¹ - *Ibidem*.

¹² - As esposas dos rotarianos, nomeadas pelo jornal, eram as seguintes: sras. Maria José de Lima Durán, Aracy Torres Campanella, Yone Iabate Flaquer, Zuleika Barile, Iracema Vincenzi, Guiomar Lorenzini Luiz, Sílvia Arruda Santos, Ercília Cambaúva, Marta V. Costa Patrão, Guiomar Willo, Joana Ferrari e Mariana Caparrós Guevara. "Auxílios ao Hospital e a Creche". *Jornal de São Caetano*, ano IX, n. 499, 19 fev. 1955.

¹³ - Entrevista com dona Zinha Campanella, realizada em sua casa a 26 de agosto de 2017.

¹⁴ - "Presta relevantes serviços à cidade o hospital São Caetano". *Jornal de São Caetano*, ano IX, n. 542, 28 jul. 1955.

¹⁵ - Sociedade Beneficente Hospitalar "São Caetano": Edital – Concorrência para mão de obra – (Capela, Clausura e reforma do prédio). *Jornal de São Caetano*, ano X, n. 584, 28/01/1956.

¹⁶ - Sociedade Beneficente Hospitalar "São Caetano" – Concorrência para construção de Capela, Clausura e reforma de prédio. *Jornal de São Caetano*, ano X, n. 591, 17 mar. 1956.

¹⁷ - "O nosso casamento", relatou Celina de Almeida Lorenzini, esposa do engenheiro, "ele custeou com o trabalho que fez com a obra do Hospital São Caetano, onde ele fez a capela. A obra do "Lauro Gomes" (estádio), alguma coisa de terraplenagem. Foi com esse dinheiro que nós casamos". MEDICI, Ademir. *Construtora Lorenzini: 50 anos, 1956-2006. Uma história de trabalho, conquistas e realizações*. São Caetano do Sul: Lorenzini, 2006, p. 18.

¹⁸ - Convite – Benção da Capela Sagrada Coração de Jesus do Hospital de São Caetano. *Jornal de São Caetano*, ano XI, n. 640, 23 fev. 1957.

¹⁹ - ASSIS, Lygia Lopes de. Irmãs Clarissas Franciscanas no Hospital São Caetano. *Informativo do Hospital São Caetano – Edição Especial do Jubileu de Ouro*. São Caetano do Sul, 1996.

²⁰ - RODRIGUES, Carmem, op. cit., p. 228-229.

²¹ - Infelizmente, não pude dispor das crônicas anteriores a 1982, pois os livros não se encontram mais em poder das Irmãs Clarissas da Comunidade São José, em São Caetano do Sul. As crônicas que tive em mãos vão de 1982 a 2014, com algumas lacunas entre esses anos.

²² - Depoimento concedido pelo Pe. Roberto Alves Marangon, pároco na Paróquia São João Batista (Rudge Ramos, São Bernardo do Campo), set. 2017.

²³ - Apenas para citar alguns deles, que foram mencionados pelo Pe. Roberto Alves Marangon: "Pe. Devanir, Pe. Euclides, Pe. Romualdo, Pe. Primo, Pe. Paulo, Pe. José Luiz, Pe. José Mainardi, entre outros tantos. O Padre Rubens vinha celebrar em algumas ocasiões. Na década de oitenta a presença do Padre Rubens ficou mais intensa, atendendo os doentes do hospital. Acredito que por volta de 1990 ele começou a atender sozinho também as missas e que passaram a ser celebradas aos sábados". Depoimento concedido pelo Pe. Roberto Alves Marangon, pároco na Paróquia São João Batista (Rudge Ramos, São Bernardo do Campo), set. 2017.

²⁴ - Foram consultados os Livros de Tombo da Matriz Sagrada Família para os anos compreendidos entre as décadas de 1950 e 1990. Agradeço ao Pe. Rogério de Melo, pároco, que me cedeu a consulta a esses livros, e ao sr. João Tarcísio Mariani, que gentilmente me acompanhou e me ajudou nessa tarefa.

²⁵ - Conforme informado pelo próprio Pe. José de Souza Primo, com o qual me comuniquei por telefone em 9 de setembro de 2017.

²⁶ - GORZONI, Priscila. Uma trajetória de conscientização e solidariedade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 43, jul. 2011, p. 61.

²⁷ - Depoimento de Vicente Rodrigues, colhido em 23 de setembro de 2017.

²⁸ - "Hospital de São Caetano fecha sem dar explicações". *O Estado de S. Paulo* (online), 24/07/2010. Reportagem disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,hospital-de-sao-caetano-fecha-sem-dar-explicacoes-imp-,585509>

²⁹ - "Hospital São Caetano é tombado um dia antes da reinauguração". *Diário do Grande ABC* (online), 04/02/2012. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/17889/hospital-sao-caetano-e-tombado-um-dia-antes-da-reinauguracao>

³⁰ - "Revitalizado, Hospital São Caetano recebe emergências do Hospital Albert Sabin". *ABC Repórter* (online), 15 set. 2017. Disponível em: <http://www.jornalabcreporter.com.br/single-post/2017/09/15/Revitalizado-Hospital-S%C3%A3o-Caetano-recebe-emerg%C3%Aancias-do-Hospital-Albert-Sabin>

RODRIGO MARZANO MUNARI

É BACHAREL, LICENCIADO E MESTRANDO EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). É COLABORADOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, ATUANDO NA ÁREA DE PESQUISA.

Fariba Shaikhzadeh Vahdat

No ano de 2017, comemora-se, no mundo inteiro, o bicentenário do nascimento de Bahá'u'lláh, fundador da Fé Bahá'í. Ele é considerado por milhões de pessoas, das mais diversas procedências religiosas, culturais e étnicas, o precursor de uma era de paz, justiça e unidade entre as nações.

A comunidade Bahá'í está estabelecida no Brasil desde fevereiro de 1921, com a vinda de Leonora Holsapple Armstrong. Estabeleceu-se em São Caetano do Sul, inicialmente, com a

em seu interior, organicamente interdependente, dinâmico e vivo. É chegado o tempo de toda a humanidade reconhecer o laço profundo que a conecta, reconciliar suas diferenças e unir-se como um só povo. Para isso, a necessidade atual e urgente é encontrar uma visão unificadora da sociedade, da natureza, da vida e do seu propósito. Tal visão é descrita nos escritos de Bahá'u'lláh.

No decorrer da história, Deus enviou à humanidade uma série de manifestantes cujos ensinamentos serviram para elevar as relações humanas e fazer avançar a vida coletiva da hu-

Comemoração do bicentenário de nascimento de Bahá'u'lláh

chegada das famílias Sahihi e Soltani, nos anos de 1955 e 1956. Os bahá'ís do Brasil formam uma comunidade diversificada, com milhares de membros vindos das mais diversas origens sociais, econômicas, culturais, étnicas, residentes em todas as regiões do país e realizando atividades educacionais, sociais e espirituais com crianças, jovens e adultos.

Nascido na Pérsia (atual Irã), em 1817, Bahá'u'lláh assegurou que a humanidade avançasse agora para a sua maturidade coletiva. As mudanças revolucionárias e profundas que ocorrem atualmente são características desse período de transição. Pensamentos, atitudes e hábitos de estágios anteriores estão sendo descartados e novos padrões de pensamento e ação, que refletem sua iminente maturidade, estão criando raízes.

Bahá'u'lláh comparou a humanidade ao corpo humano: um sistema complexo, diverso

manidade. Esses manifestantes incluem Krishna, Zoroastro, Moisés, Buda, Jesus, Muhammad e outros. Bahá'u'lláh é o mais recente desses, o portador de uma revelação divina que cumpre as promessas feitas por todos os anteriores e que há de gerar a força e o vigor espiritual necessários para a união e harmonia de todos os povos do mundo. Ele explicou que as religiões provêm da mesma fonte e, em essência, são sucessivos capítulos de uma única crença, proveniente de Deus.

Desde o nascimento da Fé Bahá'í, no século 19, um crescente número de pessoas encontraram nos ensinamentos de Bahá'u'lláh uma visão motivadora de um mundo melhor. Muitos obtiveram *insights* desses ensinamentos e procuraram aplicar os princípios bahá'ís a sua vida e trabalho. Vemos isso refletido, por exemplo, na unicidade da humanidade, na igualdade entre homens e mulheres, na eliminação de precon-



Foto: Fariba ShaiKhzadeh Vahdat

ceitos e na harmonia da ciência e religião. Outros foram mais além e decidiram se unir à comunidade bahá'í, participando de seus esforços em contribuir diretamente para a concretização da estupenda visão de Bahá'u'lláh a respeito do amadurecimento da humanidade.

Os bahá'ís compartilham o objetivo comum de servir à humanidade e de refinar sua vida interior, de acordo com os ensinamentos de Bahá'u'lláh. A comunidade à qual pertencem é de aprendizagem e de ação, livre de qualquer senso de superioridade ou alegação de entendimento exclusivo da verdade. É uma comunidade que se empenha em cultivar a esperança pelo futuro da humanidade, em fomentar esforço resolutivo e em celebrar as iniciativas de todos aqueles que trabalham para promover a unidade e aliviar o sofrimento humano.

E não poderia ser diferente aqui em São Caetano do Sul, onde os bahá'ís promovem atividades direcionadas à educação de crianças na faixa dos 5 aos 10 anos, ao empoderamento de jovens adolescentes entre 11 e 14 anos e à preparação de jovens e adultos para o serviço à comunidade.



Três momentos da celebração da vida e obra de Bahá'u'lláh, realizada no dia 21 de outubro de 2017, no Cecape, em São Caetano, que contou com grande público

Celebração do bicentenário – No dia 21 de outubro de 2017, a comunidade Bahá'í realizou, no Teatro Vladimir Capella, localizado no Centro de Capacitação de Professores da Educação Dra. Zilda Arns, em São Caetano do Sul, evento comemorativo ao bicentenário de nascimento de seu fundador.

Na ocasião da celebração, a vida e a obra de Bahá'u'lláh foram apresentadas por meio de uma apresentação teatral e musical, sob a direção de Kleber Di Lázzare, e participação especial do coro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. **R**

FARIBA SHAIKHZADEH VAHDAT

É GRADUADA EM ENGENHARIA QUÍMICA PELA ESCOLA DE ENGENHARIA MAUÁ. POSTERIORMENTE, FORMOU-SE EM PSICANÁLISE E HOJE ATUA COMO EDUCADORA FAMILIAR E MATRIMONIAL. É MEMBRO DA COMUNIDADE BAHÁ'Í DE SÃO CAETANO DO SUL E DO CONSELHO DESTA ENTIDADE EM ÂMBITO NACIONAL.



Ben-Hur Produtos Alimentícios, um negócio de família

Pedro Martin, em foto da década de 1940. Em 1967, adquiriu a Padaria Ben-Hur

Registro fotográfico de parte dos filhos: a partir da esquerda, Ângelo, Terezinha (Nina) e Mário aparecem em primeiro plano. Atrás, Lourenço e Pedro. Foto de 3 de dezembro de 1961

Estamos em 1966, na Rua Visconde de Inhaúma, um local calmo, com muitas residências e pouco comércio, na antiga Vila Gerty. Ali, no número 673, um comerciante nordestino, morador de São Caetano, chamado Jonas Espiridião da Costa, montou seu comércio de pães, dando-lhe o nome de Ben-Hur, em referência ao filme de sucesso que havia sido lançado em 1960 nos cinemas. O negócio não prosperou e, no ano seguinte, em 1967, o vendeu para Pedro Martin, comerciante experimentado no ramo de vendas de carne.

Martin nasceu em Sertãozinho, interior de São Paulo, da família de Olinda Braguetto e Manoel Martins. Morando em Capivari (também interior do Estado), conheceu Therezinha Rocchi, filha de um padeiro da cidade, casando-se com ela em 1953. Os dois resolveram tentar a vida em São Caetano do Sul, instalando-se na Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação.

Empreenderam na área de venda de carne, montando um açougue na Avenida Industrial, na Vila Bela, em São Paulo. Depois abriram outros estabelecimentos na Rua Ibitirama e também na Rua Silva Bueno, no Bairro do Ipiranga. Conhecendo o ramo de carnes, Pedro Martin resolveu investir no transporte dessa carga para distribuição aos açougues. Comprou dois caminhões pequenos e iniciou sua empreitada. Começou a trabalhar com uma



Arquivo/Família Martin



Arquivo/Família Martin

grande empresa, que funcionava em Utinga (Santo André), passando a fazer a distribuição para as casas de carne de São Caetano e região. O negócio foi progredindo e ele chegou a ter seis caminhões, que levavam, inclusive, a carne para os portos de Santos.

O tempo foi passando e a família aumentando. Em 1954, nasce o primeiro filho do casal, Pedro Martin Júnior. Depois vieram mais seis: Lourenço Martin, Mário Adriano Martin, Ângelo Carlos Martin, Terezinha Natalina Martin (chamada de Nina), Anna Maria Martin e o caçula, João Francisco Martin.

Voltando aos idos de 1960, Pedro Martin mudou de ramo e comprou, em 1967, a Padaria Ben-Hur, em sociedade com Vitório Bonesso, desfazendo a mesma três anos depois. Para a compra foi necessário vender seus caminhões e uma chácara que tinha em Capivari.

Martin e seus quatro filhos maiores começaram a trabalhar arduamente no novo negócio. Tinha um coração frágil, vindo a fazer uma cirurgia com o cardiologista de São Paulo, Euríclides de Jesus Zerbini. A recomendação pós-cirúrgica era a de que levasse uma vida mais calma, sem atribulações ou correrias. Mas seu negócio demandava muito de si e, em 1970, faleceu abruptamente, aos 41 anos de idade. Em 2004, à praça que se encontra ao lado da Ben-Hur foi dado o nome do patriarca da família Martin.

A viúva Terezinha e os quatro filhos maiores, Pedro, então com 16 anos, Lourenço, com 14, Mário, com 12, e Ângelo, com 11, mergulharam na tarefa de fazer daquela pequena padaria um estabelecimento de grande porte, conhecida por todos em São Caetano.

Em 1977, a família fez a primeira reforma no imóvel, ampliando aquela que era apenas uma acanhada padaria. Em 1990, foi feita a segunda ampliação, deixando-a mais confortável para os clientes e com maior espaço para mostrar os seus produtos. Em 2012, mais uma vez o estabelecimento teve suas instalações ampliadas e melhoradas.

Cada filho tem uma função na padaria: Pedro é responsável pela contratação de funcionários; Mário é designado para as compras; Ângelo fica com as compras externas; João comanda a padaria no período da tarde; e as irmãs Nina e Anna trabalham na área administrativa, que funciona na parte superior do imóvel. Terezinha, hoje com 88 anos (completa 89 no dia 27 de dezembro), ainda vai, de vez em quando, à padaria, fiscalizar o trabalho de todos, encontrar-se com antigos funcionários e recordar seus dias de labuta.

Com uma memória privilegiada e grande lucidez, Terezinha lembrou-se dos tempos nos quais a Rua Visconde de Inhaúma era muito calma, com baixa circulação de veículos, poucos estabelecimentos comerciais e muitas residências. De frente para a padaria havia um grande terreno e, ao lado, ficava o Cine Átila, que aglomerava grande número de pessoas, que depois iam ao estabelecimento da família. Ao lado do cinema, uma barraca de tiro ao alvo. Alunos da Fundação das Artes (que se estabeleceu no terreno bem à frente da Ben-Hur em 1969) também eram e são assíduos da padaria. “O começo foi muito difícil, tivemos grandes dificuldades. Tínhamos uma camionete que eu dirigia para fazer compras. Sempre que uma máquina de panificação quebrava, tinha de levá-la para conserto até o Parque Novo Mundo, onde pegava outra enquanto a nossa não ficava pronta.” Hoje, Terezinha, moradora na Rua Castro Alves, frequenta a Igreja Nossa Senhora da Candelária e convive com sua secretária Maria Assunção, de 73 anos de idade.

Família com valores cristãos, honradez e caráter, permanece unida no trabalho e nos encontros familiares. A matriarca Terezinha Rocchi Martin hoje tem 19 netos e cinco bisnetos.

Em 2017, a Panificadora Ben-Hur recebeu o prêmio Pequeno Grande Empreendedor, da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, em reconhecimento à grande estrada percorrida pela família.

Ao entrar na Ben-Hur, sentir o cheirinho de pão saindo do forno, apreciar as vitrines com doces e bolos que nos “enchem os olhos”, tudo isso faz dela a referência do Bairro Nova Gerty. Gerações que por ali transitam conhecem a família que tanto se dedica a oferecer aos seus clientes o melhor em produtos e em atendimento. **(Cristina Ortega) R**



NA PEQUENA PADARIA, NA DÉCADA DE 1970, VEMOS, A PARTIR DA ESQUERDA: O FUNCIONÁRIO CAMÕES, JOÃO FRANCISCO MARTIN E OUTRO FUNCIONÁRIO, NÃO IDENTIFICADO



VEMOS NA FOTO, A PARTIR DA ESQUERDA, NA FILA DE TRÁS: JOÃO (7 ANOS), MÁRIO (14), ÂNGELO (13), THEREZINHA (44), PEDRO (18), LOURENÇO (16), NINA (12) E ANNA (9). FOTO DE 1972



PEDRO MARTIN É O PRIMEIRO, À ESQUERDA, JUNTO AO SEU CARRO E SUA FROTA DE CAMINHÕES DE ENTREGA DE CARNES. FOTO DA DÉCADA DE 1960



ANIVERSÁRIO DE 80 ANOS DE THEREZINHA ROCCHI MARTIN, EM 2008. DA ESQUERDA PARA A DIREITA, NA PRIMEIRA FILA, VEMOS: THEREZINHA NATALINA MARTIN (NINA), A MATRIARCA, E ANNA MARIA MARTIN CATALANO. NA SEGUNDA FILA, APARECEM: JOÃO FRANCISCO MARTIN, PEDRO MARTIN JÚNIOR, LOURENÇO MARTIN, MÁRIO ADRIANO MARTIN E ÂNGELO CARLOS MARTIN



NO BALCÃO DA PADARIA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, FORAM IDENTIFICADOS: PEDRO MANOEL MARTIN, ÂNGELO CARLOS MARTIN (CRIANÇA), PEDRO MARTIN E THEREZINHA ROCCHI MARTIN. FOTO DE 1967



THEREZINHA E PEDRO MARTIN EXPONDO BOLO FEITO NA PADARIA, NO FINAL DA DÉCADA DE 1960

Renato de Sá: o senhor dos bailes

Acada edição do baile a cena se repetia diversas vezes: o homem, sempre vestido na mais fina elegância, com traje social completo, que não estivesse acompanhado e quisesse dançar, se dirigia a uma das mesas do local em busca de uma dama disponível. Ao se aproximar, corpo curvado em sinal de deferência, lenço na mão direita e o convite para a moça. No caso de uma resposta positiva, o trajeto era feito rigorosamente como mandava a etiqueta. Uma volta completa no salão antes de se adentrar à coreografia ao lado dos demais casais. Após o término da canção, era de bom tom levar o par para sua respectiva mesa.

A situação descrita acima era corriqueira na década de 1960, no Baile da Saudade da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), e quem nos faz o relato é Renato de Sá, um dos fundadores da festividade e que tem um histórico de décadas de participação nos eventos sociais e musicais do município.

Renato de Sá, durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória, em 2017



Fotos: Antonio Reginaldo Calhori (FPMASCS)

Sul-são-caetanense, nascido em 12 de novembro de 1946, no Bairro Santa Paula, sua ligação com o *showbiz* e a música começa cedo, ainda adolescente, graças a uma coincidência de timbre vocal com um grande astro popular: “Como a maioria do pessoal daquela época, o rádio era muito presente em casa e, claro, o ídolo maior naqueles idos dos anos 1950 era Nelson Gonçalves (1919-1988). Eu tive a sorte de ter um timbre vocal – ao cantar – que lembra o dele, aí comecei a cantar em reuniões de amigos e de família”, relembra.

Em 1966, em uma festa de fim de ano da extinta loja de calçados Floreal, localizada na Avenida Doutor Augusto de Toledo, ocorre sua

Renato de Sá e sua esposa (então namorada) Maria Fortunata Maschetto de Sá (primeiro casal, da esquerda para direita) no baile comandado pela orquestra do maestro Waldemar Famula, no Clube da Rhodia, em Santo André, em 1968

Renato de Sá (à direita), ao lado Milton Pereira, presidente do Teuto, e de Nenê Benvenuti (de camisa cinza), baixista da banda Os Incríveis. Foto de 2000



Acervo/Renato de Sá



Acervo/Renato de Sá



Casados desde 1971, Renato e Maria Fortunata possuem um filho e duas netas. Foto da década de 2010

Renato de Sá comandando o palco em apresentação no Teuto, na década de 2000

Em uma das edições do programa Governo Itinerante, da prefeitura de São Caetano, no início da década de 2000. Da esquerda para a direita: Nelson Robles, Renato de Sá, Canhoto (integrante do grupo Demônios da Garoa) e Márcia Flores



primeira apresentação profissional. Mas, para sua decepção, o repertório não foi o de seu ídolo. “Me colocaram para cantar uma música do Roberto Carlos bem das fraquinhas, era aquele *iê-iê-iê* chamado *Pega Ladrão*”, recorda, referindo-se ao sucesso de então do astro da Jovem Guarda.

A partir daí o lado cantor deslança e, de exibição em exibição, Renato de Sá chega ao fim dos anos 1960 com a agenda lotadíssima. Cantava todos os dias da semana em diversos locais, trabalhava em uma metalúrgica e ainda sobrava tempo para assumir funções sociais na União Cultural de São Caetano do Sul, antigo Teuto. Em 1968, é eleito diretor-tesoureiro do clube. Em 2000, retornaria ao clube como vice-presidente.

A década seguinte começaria de forma transformadora para Sá. Em 1970, ele inicia uma longa parceria profissional com a General Motors do Brasil e no ano seguinte, em 1971, selaria o casamento com sua esposa Maria Fortunato Maschetto de Sá, que dura até os dias de hoje.

A cantoria foi deixada de lado após o casamento, mas a vida festiva não. Na montadora, além da labuta, Renato de Sá comandou, de 1972 a 1995, o Baile de Carnaval organizado pela Associação Desportiva Classista General Motors, como apresentador e, claro, dava umas palhinhas soltando a voz. “Era uma loucura. Iniciávamos os trabalhos na sexta-feira e só parávamos na quarta-feira de cinzas de manhã. Movimentávamos a cidade, levávamos diversão e lazer para as pessoas”, disse, destacando o seu famoso bordão

“Carnaval da GM, o melhor carnaval do ABC”.

Paralelamente, também organizava e comandava bailes nostálgicos e participava da vida social de diversos clubes da cidade como o Abrevb (atual Centro Esportivo e Recreativo Miguel Marcucci), o Gisela (Centro Esportivo e Recreativo Luiz Baraldi) e o Gonzaga (Centro Esportivo e Recreativo Santa Paula), sempre na promoção de eventos memoráveis.

Após a saída da GM e sua aposentadoria, sua proximidade com os clubes municipais e a vida cotidiana de São Caetano o levaram a trabalhar na prefeitura, em dois períodos (1995 a 2000 e 2008 a 2012). Na primeira vez, como coordenador do restaurante municipal e, na segunda, como administrador do Cemitério das Lágrimas.

Atualmente com 71 anos, um filho e dois netos, Renato de Sá teve trabalho voluntário em prol da vida social e recreativa da cidade reconhecido em 2017, com o recebimento da Medalha Di Thiene, em cerimônia realizada no mês de julho, no salão nobre da Câmara Municipal. A ação, organizada pela prefeitura e pela Fundação Pró-Memória outorgou a comenda para moradores ilustres do município. “Foi o coroamento de uma vida ser reconhecido pela cidade em que nasci, ao ganhar essa distinção. Todas as atividades que realizei, como bailes e festas, foi buscando sempre proporcionar momentos alegres e abstraídos de problemas para as pessoas”, finalizou o nosso senhor dos bailes. **(Caio Bruno) R**

Márcia Gallo

Lucila Coimbra: uma vida dedicada às crianças necessitadas

Uma figura pequena, inquieta e atenta a tudo e a todos que a rodeiam. Poderíamos definir assim Lucila de Lima Coimbra, mais conhecida como “Vovó Lucila”. Entretanto, esta pequenez se agiganta quando o assunto é sua obra de vida: o Lar Samaritano da Mãe Operária, uma creche fundada há 50 anos em São Caetano do Sul.

Voltando nosso olhar no tempo para a cidade de Franca (interior de São Paulo), nas primeiras décadas do século 20, registraremos o nascimento da pequena Lucila, exatamente no dia 31 de outubro de 1924. Sua mãe, Ana Luiza de Lima e seu pai, Jayme de Lima, tiveram mais um filho, José Benedito. Lucila conta que sua infância foi feliz e que o pai era farmacêutico conceituado na cidade. Sempre em busca de melhorar a vida, a família mudou-se para outras cidades do Estado de São Paulo.

Lucila fez os primeiros estudos em Presidente Bernardes, onde a família foi residir. Aos 8 anos, recebeu os primeiros ensinamentos do espiritismo, por meio de sua mãe, e esse aprendizado se tornou o pilar de sua existência, norteador suas ações pessoais e sociais. Quando completou 16 anos, um fato triste marcou a vida da família e, especialmente, a de Lucila: o falecimento da mãe, vítima de tuberculose, doença que, na época, era fatal em muitos casos. Em virtude da viuvez, seu pai realiza um segundo e, posteriormente, um terceiro matrimônio, aumentando a

família com a vinda de mais dois filhos.

As transferências de cidade continuaram e Lucila completou os estudos do curso preparatório para o magistério no Colégio Batista Brasileiro, em São Paulo. Em Limeira, conhece um jovem contador de 23 anos, Hermínio Assumpção Coimbra, iniciando um namoro que resultou na união matrimonial no ano de 1945. Tiveram dois filhos: Ana Luiza, nascida em 1946, e Hermínio Filho, em 1952. Depois de casada, Lucila concluiu o curso de formação de professores. Formou-se em primeiro lugar e ingressou no magistério estadual.

Tal como seu pai, o seu marido, Hermínio, também não se fixava em uma cidade por muito tempo. Em Alfredo Marcondes, ela exerceu seu primeiro emprego como professora. A chegada dos Coimbra a São Caetano, no início da década de 1960, foi motivada pela remoção de Lucila da cidade de Martinópolis, onde era professora primária.

Ela lembra com orgulho e saudade do tempo em que lecionou na Escola Estadual Dr. Artur Rudge Ramos, no Bairro Santa Maria. Com a desativação da escola, por volta do ano 2000, foi acomodada ali a sede da Guarda Civil Municipal, que funcionou no local até 2012.

Foto/Márcia Gallo



Vovó Lucila, uma pequena mulher e uma grande obra

Com a demolição do prédio, instalou-se, no local, a Praça Profª Maria Salete Bento Cicarone.

A São Caetano dos anos 1960 seguiu a tendência populacional de muitas cidades do Sudeste do Brasil, recebendo levas de migrantes provenientes, principalmente, da região Nordeste. Segundo dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de São Paulo (SMDU), em 1950, a população da cidade era de 59.832 pessoas. Em apenas 20 anos, ela quase triplicou passando para 113.200, em 1960, e 150.100, em 1970. Essas pessoas vinham para São Caetano com esperança, preocupadas com a subsistência de suas famílias e encontraram no desenvolvimento da cidade, politicamente independente desde 1948, as oportunidades que procuravam. Em meados da década de 1960, a cidade contava com quatro unidades de ensino infantil públicas apenas e o Lar Menino Jesus, de orientação católica.

Lucila conta que, em 1964, no município, havia dificuldades para aceitação das pessoas que praticavam o espiritismo, pois não eram bem vistas pela população de maioria católica. Entretanto, desde 1953, existia a União Municipal Espírita de São Caetano do Sul (UME), depois denominada União das Sociedades Espíritas (USE), que aglutinava os centros espíritas e outras instituições da mesma fé. O movimento espírita, por meio das entidades associadas, promovia vários trabalhos ligados à área da assistência social no município. Uma dessas ações solidárias culminou, em 1969, com a criação do Lar Samaritano da Mãe Operária, “cuja finalidade era de oferecer aos filhos de mães operárias carentes educação integral e harmônica que envolva aspectos físicos, culturais e morais”.(PEREIRA, Adilson J.J. e PEREIRA, Luciana C., 2003)

Perante a observação de tantas mães que trabalhavam fora e não tinham com quem deixar seus filhos, Lucila, Coimbra e companheiros do Centro Espírita Caminho da Luz pediram ao prefeito da época, Anacleto Campanella, a doação, por 99 anos, de um terreno alagadiço, situado entre as ruas Pernambuco e Profª Maria Macedo, no centro de São Caetano, para a construção de uma creche.

A resposta da municipalidade levou cinco anos para ser dada e, enquanto aguardava, esse grupo de pessoas, capitaneado pelo casal Coimbra e apoiado pelos representantes de entidades espíritas do município, iniciou a coleta de doações para a construção da futura creche. Lucila relembra que recolhiam sucata,

com um caminhão que passava pelas ruas da cidade e que realizavam algumas campanhas, como a do cimento, em parceria com os Lions Clubes, e outras. Coimbra sempre acompanhou a trajetória da esposa, auxiliando-a também nas obras sociais, vindo a falecer em 1984, aos 62 anos.

Desta forma, as obras começaram a ser realizadas, mas somente em 1970, com a doação do terreno de 1.250 metros quadrados, pelo empresário Manoel de Barros Loureiro Filho, presidente da Companhia Agrícola Comercial e Industrial (Caci S.A.), foi possível a regularização da creche, que iniciou suas atividades com uma turma de 12 crianças.

Nos quase 50 anos de existência do Lar Samaritano, milhares de crianças tiveram a oportunidade de receber educação em período integral, assistidos pelo grupo espírita. No começo da década de 1990, a prefeitura estabeleceu parceria com o Lar Samaritano. Dessa maneira, foi implantado o mesmo projeto pedagógico das escolas municipais de educação infantil, bem como foram destacados os profissionais de ensino (diretora, professoras, merendeiras) e da merenda escolar. A administração da escola permaneceu com uma diretoria presidida por Lucila, tendo como segunda vice-presidente sua filha Ana Luiza. O Lar conta com doações de associados para a manutenção de outras atividades.

Uma diretriz implantada desde o início das atividades, que faz parte das concepções de vida da Vovó Lucila, é a alimentação vegetariana. As crianças não consomem carne de nenhuma espécie, mas recebem proteína de outras fontes, para não prejudicar seu desenvolvimento. Além disso, ainda promove campanhas junto à comunidade como a Basta de Violência, de temática bastante atual. Neste ano de 2017, o Lar mantém 134 crianças, de 4 meses a 5 anos.

O ideal da vida de Lucila se concretiza a cada dia nas crianças que a rodeiam e que a abraçam chamando-a de “vovó”. Precisamos entender o quanto essa obra significa para esta pequena mulher. Pequena



Acervo/Lucila de Lima Coimbra



na em estatura, mas gigante em energia, força e amor ao próximo. Nada melhor do que reproduzir suas próprias palavras: “O nome, Lar Samaritano da Mãe Operária, foi escolhido por lembrar aquela pessoa que sempre ajuda e tem Jesus em primeiro lugar. A única condição (para ser admitido na creche) é que a mãe esteja trabalhando. Nós cobramos dos pais honestidade com a criança, serem bons pais”.

“Em 1964, era tudo o que os espíritas queriam: cuidar de criancinhas carentes e ajudar as famílias também. E eu consegui, eu consegui! Porque não tinha nada (para as crianças) e nossa ideia era tirar a criança da rua para dar a ela dez horas por dia de atividades na creche.” Aos 93 anos de idade, dois filhos, três netos, e um bisneto, Lucila de Lima Coimbra merece nossas sinceras homenagens, em nome das centenas de pais, mães e crianças que puderam receber educação de qualidade para uma vida melhor. **R**

Em 1970, Lucila de Lima Coimbra, ao centro, de colete escuro, recebe oficialmente, do então prefeito Oswaldo Samuel Massei a doação do terreno para construção do Lar Samaritano da Mãe Operária

Lucila (sentada, de óculos) recebe subvenção municipal, entregue pelo prefeito da época, Hermógenes Walter Braido, na década de 1970. Foram também identificados Cláudio Musumeci (em pé de paletó claro), Antônio José Dall’Anese (ao centro sentado) e Glenir Santarnechchi, ao fundo

MÁRCIA GALLO

É MESTRE EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP), DOCENTE DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS) E COORDENADORA GERAL E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA. É AUTORA DO LIVRO *A PARCERIA PRESENTE: A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NUMA ESCOLA DA PERIFERIA DE SÃO PAULO*, PUBLICADO EM 2009, E CO-AUTORA EM OUTRAS OBRAS SOBRE EDUCAÇÃO.

DEPOIMENTO

Dona Lucila me deu a oportunidade de ser a mãe, a mulher que sou hoje com muito orgulho. Em 1982, consegui vaga para meu filho no Lar Samaritano da Mãe Operária, conhecendo assim esta mulher que, com sua bagagem, me ensinou a me conhecer e conhecer o meu próximo. Descobri que sempre tem alguém precisando mais do que eu.

Meu filho frequentou essa escola até 1986, quando foi para o 1º ano do ensino fundamental, mas sua base, assim como a minha, foi feita no Lar Samaritano.

Nós, mães, tínhamos reuniões com a Vovó Lucila e a Tia Maria, nas quais eu fazia questão de estar presente sempre. Foi onde aprendi a me valorizar e entender o que era ser mãe sozinha. Prestei concurso público e minha vida mu-

dou. Hoje sou escrevente técnica judiciária, com posto de trabalho na Vara da Infância e Juventude do Fórum de São Caetano do Sul.

Meu filho estudou em escola pública de São Caetano, fez o curso técnico na Escola Técnica Estadual (Etec) Jorge Street, casou-se, é um bom marido e ótimo pai. Atualmente, presta serviços no Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André de Santo André (Semasa) e tem com ele a certeza dos ensinamentos adquiridos no Lar Samaritano, com o amor dedicado da Vovó Lucila, como eles a chamavam carinhosamente.

Maria Valeria Pereira dos Santos, 59 anos, mãe de Renato Pereira dos Santos Werneck, 36

CONCURSO A HISTÓRIA DA AUTONOMIA

Mais uma vez, a revista *Raízes* publica o resultado do concurso de redação *História da Autonomia*, promovido, em 2017, pelo Grupo de Amigos da Autonomia (Gama), com apoio da Prefeitura Municipal e da Secretaria Municipal de Educação, para celebrar os 69 anos da emancipação de São Caetano, e que teve sua premiação realizada no dia 27 de outubro passado. Entre os primeiros lugares, apresentamos aqui os textos de Diego Esteves Fantini, do 5º ano da EMEF Laura Lopes (ensino fundamental I), e de Beatriz de Moraes Teixeira, do 9º ano A da EMEF Oswaldo Samuel Massei (ensino fundamental II)¹.

Diego Esteves Fantini

História da Autonomia

Na EMEF Laura Lopes, onde estudo, assisti a vídeos sobre o movimento, assim escrevo baseado nas memórias dos autonomistas.

Eu aprendi que autonomia pode significar liberdade. Há vários depoimentos, e me interessei pelo assunto por se tratar da nossa cidade: São Caetano do Sul.

Por volta de 1940, São Caetano era um subdistrito, mas as ruas e tudo mais que havia não se pareciam em nada com Santo André, era muito desagradável, nem hospital tinha. Então, Mário Porfírio Rodrigues, Mario Dal'Mas, Luis Fiorotti e outros 92, resolveram conquistar a autonomia, muita luta, muitos discursos, muitos encontros, até que conseguiram autorização para o plebiscito.

Enfim, em 24 de outubro de 1948 foi o dia em que os moradores que eram a favor da autonomia votaram na chapa branca e os que eram contra, na chapa preta. A maioria esmagadora votou SIM e foi aí que São Caetano passou a ser o município São Caetano do Sul.

Conclui-se que toda essa luta foi difícil, mas valeu a pena porque se não houvesse acontecido, ainda pertenceríamos a Santo André.

Então fica o meu agradecimento e os meus parabéns a todos os autonomistas, porque sem vocês não haveria esse movimento. E eu não poderia perceber que liberdade é ir até o fim, unidos em um grupo, colocando em prática as ideias e buscar melhorias para o lugar em que se vive.

Diego Esteves Fantini

5º ano | EMEF Laura Lopes

Beatriz de Moraes Teixeira

Joia rara: Para todos?

O pequeno gigante desperta, novas oportunidades. A joia rara do triângulo, terreno fértil para o desenvolvimento de uma metrópole rica em qualidade de vida. Mas afinal, estamos trilhando o caminho certo?

Com um dos melhores IDH's do país, São Caetano do Sul é amada por todos. Com boa educação, saúde, arborizada, limpa. Ao mesmo tempo em que não para, o município está sempre em harmonia. Porém, para construir um presente sadio, foi necessário um passado de luta árdua. No meio disso tudo, você já se perguntou onde nossa história começou?

Foi graças aos 95 líderes autonomistas que em 1947, iniciaram a luta pela emancipação. A partir de então, com a ajuda de Mário Dal'Mas, Mário Porfírio, Desirée Malateaux e entre muitos outros, a autonomia da cidade foi concretizada em 24 de outubro de 1948, com a realização de um plebiscito.

Devemos sempre lembrar e exaltar os feitos desses heróis de nossa história. Afinal, sem eles, a cidade não seria um lugar tão desenvolvido. Mas para fazer jus a tal progresso, precisamos fazer nossa parte.

Ainda há muitos problemas a serem resolvidos como em boa parte do país. Tem as enchentes, assaltos, entre outros. Ainda há muito desemprego. Uns, plenos, outros, miseráveis. E é isso que precisamos mudar.

Não digo que o lugar é parcialmente ruim, pelo contrário, acredito, imensamente em seu potencial de mudança. Com um custo de vida tão alto, não deveríamos já ter solucionado esses problemas?

É necessário investir, transformar a sociedade numa comunidade mais ativa, com mais igualdade social. Não pensar apenas sobre aqui ou ali, mas sim em São Caetano como um todo. Iremos seguir os passos de desenvolvimento iniciados pelos autonomistas, lutando cada vez mais. Deixar a cidade ainda mais próspera e feliz, pois já crescemos muito e continuaremos a crescer. Basta acreditar, e com força de vontade, investir. Para torná-la plenamente, um lugar para todos.

Beatriz de Moraes Teixeira

9º ano A | EMEF Oswaldo Samuel Massei

NOTAS

¹ Foram premiados, ainda: Laisa Thalita Ferreira, da 3ª série do ensino médio, EJA - EME Professor Vicente Bastos; Maria Eduarda Carrion Giorgi, da 3ª série do ensino médio da EME Prof. Alcina Dantas Feijão; e Vera Lúcia Pavan Sorpreso, do curso de português II, da Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti.

Milene Valentir e Vanessa Rita

Memória e identidade étnico-raciais:

a construção de narrativas autobiográficas na educação de jovens e adultos

Cada território traz consigo suas memórias, suas camadas de tempo, suas transformações. É por meio da memória, da cultura oral e dos documentos dessas passagens que trazemos ao presente a interpretação desse lugar vivido. As pessoas que aqui passaram, viveram ou vivem são atores e testemunhas de uma complexa rede.

Fazer a leitura desse território, como professoras da rede municipal de ensino, impulsiona-nos a tecer relações entre esse material e os diversos campos do saber, a fim de trazer para as atividades escolares a percepção mais profunda do espaço do qual fazemos parte, do qual somos produto, ao mesmo tempo em que o produzimos, construindo realidades.

Há alguns anos, temos pensado e desenvolvido projetos específicos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Educação Professor Vicente Bastos que se relacionem mais diretamente com as questões e necessidades dos seus educandos.

Muitos de nossos estudantes têm ascendência negra ou indígena, porém, na maioria dos



Foto: Milene Valentir

Alunos integrantes do grupo responsável pelas ilustrações do livro a ser publicado: ilustrações a partir de técnicas de desenho, pintura, crochê e xilogravura



Foto: Milene Valentir



Foto: Milene Valentir

Estudantes do ensino fundamental I em exercício de escrita autobiográfica



Foto: Milene Valentir

casos, não se reconhecem pertencentes a esses grupos. Essa negação de suas origens se justifica, dentre outros fatores, pelos preconceitos que habitam nossa sociedade, que ainda desvaloriza as matrizes afrodescendentes, dos povos originários das Américas e representações de ambas as culturas. Nosso intuito é expor esses elementos, valorizá-los e equipará-los aos oriundos de outras culturas por meio de experiências que a literatura e a arte podem proporcionar.

Foi nesse sentido que, há três anos, foi criado o Grupo de Estudos de Cultura Indígena¹ e, no ano passado, o Grupo de Estudos de Cultura Afro-brasileira² junto aos alunos da EJA. Os dois projetos sempre tiveram a função de desmontar visões preconceituosas por meio da aproximação com os grupos étnicos e temáticas em questão.

Tais projetos foram criados na aposta de trazer para o espaço da educação uma contribuição no sentido de ampliar as matrizes de conhecimento da escola, uma vez que nossa tradição escolar privilegiou e privilegia ainda os conhecimentos de herança branca, europeia, ligados à cultura ocidental, fato fomentado durante décadas e atrelado a uma visão de mundo colonialista.

Neste artigo relataremos algumas ações ligadas ao Grupo de Estudos de Cultura Afro que estão em desenvolvimento com os estudantes durante o ano de 2017. A proposta é a de que os debates partam de ações e trabalhos protagonizados por personagens negras, contribuindo para que histórias sejam contadas sob um outro ponto de vista, capaz de ampliar a visibilidade e o reconhecimento de atores sociais que muito contribuem para a formação cultural de nossa sociedade.

Na primeira sequência de atividades, apresentamos aos estudantes algumas personalidades negras e suas biografias. Seguimos com a escolha de um personagem para que conhecessem mais detalhes sobre sua trajetória em busca

de alguém que promovesse a identificação com as circunstâncias dos estudantes, seja pela vida sofrida, pelo acesso negado à escola ou pela persistência diante das maiores dificuldades de sobrevivência. Como não mencionar o entusiasmo que tomou conta dos estudantes ao conhecerem a coragem e a determinação de uma mulher, que mesmo com habilidades de escrita limitadas, registrou seu cotidiano e produziu uma belíssima obra literária: Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Estava eleita a personagem sobre a qual realizaríamos um estudo sobre sua vida e obra. Iniciamos a leitura de trechos do livro mais famoso da autora, *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada* (1960).

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra e pobre que sobreviveu na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950. Embora com uma situação precária, contando com pouco estudo, registrava, em folhas de papéis que encontrava no lixo, o cotidiano da miséria dos moradores da favela e também fatos políticos e sociais da época.

O jornalista Audálio Dantas, ao escrever uma matéria sobre essa favela, descobre os registros de Carolina. Encantado com seus relatos publicou trechos em jornais e ajudou a transformá-los no famoso livro. Foram três edições e 100 mil exemplares, além de traduções em mais de dez idiomas.

É um livro impactante. São muitas as descrições sobre a fome e a miséria e, consequentemente, relatam o sofrimento. Mesmo diante dessa realidade, Carolina de Jesus mantém firme seu propósito da escrita de seu cotidiano e registra, além das agonias diárias, muitos sonhos, mesmo sem perspectiva alguma de realização.

Por meio dessa leitura, percorremos caminhos que contribuem para a troca de vivências. Dialogamos sobre o cotidiano de nossos alunos que, embora originários de diversas regiões do

Brasil, têm um passado comum retratado pela vida rural, trabalho infantil, comida escassa, mudança para metrópole e o retorno à escola, como tentativa de melhoria de vida ou uma nova oportunidade de relações e aprendizado.

No decorrer dos debates, os alunos foram contribuindo com suas memórias. Posteriormente registraram seus relatos, que permitiram a reflexão da história de vida de cada um, a compreensão de seu passado e sua relação com o presente. Além de um ato de preservação da memória, possibilita autoconhecimento e amplia a visão do indivíduo para as diversas situações do cotidiano, permitindo uma nova postura e maneira de lidar com sonhos, medos e problemas da vida.

Segue abaixo alguns trechos dos relatos que ainda estão em processo de escrita e de transcrição de oralidade:

“Nasci em 3 de junho de 1952, em uma cidade chamada Encruzilhada (na Bahia). (...) Eu trabalhei desde os dez ou 11 anos mais ou menos. Nunca tive brinquedo comprado, nós brincávamos com boneca que nós mesmos fazíamos: de pano e boneca de milho, fazia vendinha com as frutas que caíam e com as mesmas que comia. (...) Viemos para São Paulo porque meu irmão já estava morando aqui e foi buscar nós cinco mulheres. (...) Nós não sabíamos o que era ônibus, nem televisão, foi muito difícil, mas trabalhamos muito, é por isso que estou aqui, vencendo mais uma batalha que deveria ter sido quando eu era criança”.

Luiza Alves Lopes Sanches

“Eu nasci no Piauí, em Elesbão Veloso, estou aqui em São Paulo desde 1987, sou mãe de dois filhos, criei os dois sozinha, fui mãe e pai deles, trabalhando e pagando aluguel e faço isso até hoje. Eles estudaram e estão estudando ainda. Aí esse ano pensei em voltar a estudar e meus filhos ficaram muito felizes”.

Maria Filomena da Conceição

“Eu nasci em Propriá (Sergipe), no ano de 1960. Quando eu tinha 12 anos vim para São Paulo morar com meu tio e logo comecei a trabalhar. Tudo o que eu ganhava eu dava em casa, até o dia em que conheci meu marido, e começou uma viva história. Eu casei no ano de 1979, fui morar em uma casinha muito pequena, tinha um quarto, uma cozinha e um banheiro. Logo nasceu meu primeiro filho”.

Maria José da Silva

Para os textos autobiográficos foi formado um grupo, com estudantes dos ensinos fundamental II e médio, interessados em ilustrar as histórias. Os desenhos são feitos a partir do contato dos estudantes com as histórias escritas e narradas, criando assim um diálogo entre história oral e trabalho em artes visuais. Ao final desse processo, pretende-se fazer um lançamento da publicação em versão digital e a entrega do material impresso para cada participante.

Vale ainda mencionar que o trabalho desenvolvido durante esse ano nos impulsionou, como educadoras, a buscar mais a fundo a história da cidade de São Caetano do Sul, desde sua formação, em que se evidencia a presença negra e indígena, bem como pesquisar essa presença nos dias atuais.

Em nossas pesquisas históricas, percebemos o quanto é importante levar esse conhecimento de volta para o espaço escolar, pois entramos em contato com estudos que apontam para a presença indígena no território pré-colonial e que, após a invasão colonizadora, os indígenas foram escravizados na chamada Fazenda do Tijuçu (mais tarde Fazenda de São Caetano), que mais adiante contou com a presença negra, escravizada para a produção de cerâmica e criação de gado.

No entanto, essa mesma região, e isso pouco é sabido, foi precursora da abolição da escravidão.

vatura e serviu como vitrine para todo o país na sequência abolicionista. A seguir essa população negra liberta passou a habitar o território por bastante tempo até que a corte ordena a desapropriação desse espaço para receber os imigrantes italianos. Porém, apesar dos registros, costumamos saber apenas da história a partir dos imigrantes italianos, o que de certa forma serve como uma cortina a ocultar a população anterior.

Durante a busca pela presença negra e indígena nos dias atuais, levantamos preciosos relatos. Conversamos com Marcos Aguiar, da Organização Não Governamental Opção Brasil, que atua com indígenas urbanos. Ele apresentou sua pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a presença indígena na cidade, segundo ele: “Tem população indígena em todos os bairros de São Caetano, com mulheres, homens, crianças, idosos... Eles calcularam, no último censo, 65 indígenas morando em São Caetano, em todos os bairros. Pelo ABC também tem isso, em cada sala de censo. Aí eu entro numa questão de números oficiais e números oficiosos porque pra eles é 65 e pra mim é mais de 300. Porque você tem hoje constatado em torno de 6 a 8 povos em São Caetano e em todo o ABC em torno de 65 povos”.

Já sobre a presença negra conversamos com Tânia Ferreira do Nascimento e Paulo Tadeu Vitório, ambos integrantes do Conselho da Comunidade Negra de São Caetano (Conescs), com grande vivência na cidade ao redor das temáticas, que nos ampliaram os horizontes. Apresentaram uma cidade até então desconhecida para nós, tanto historicamente quanto nos dias atuais. A comunidade negra é bastante presente em São Caetano e habita, em maior número, os bairros Nova Gerty, Olímpico, Oswaldo Cruz e Boa Vista.

Conversamos também com Diolino Pereira de Brito, sociólogo, mestre de capoeira e compositor, que atua na cidade há mais de 30 anos, no Serviço Social do Comércio (Sesc) São Caetano. Ele compartilhou conosco seu conhecimento sobre a presença de diversos grupos de capoeira e cultura popular na cidade. Ele citou ainda diversos espaços religiosos afro-brasileiros pela cidade, além de outras personalidades negras que atuam no município. Temos a percepção de que essa investigação foi apenas o início para novos percursos educativos junto aos estudantes da EJA.

Percebemos, como educadoras, a importância dessa ação no sentido de fomentar o respeito e a valorização da diversidade no espaço escolar e na comunidade como um todo e o quanto essas ações são capazes de criar ressonâncias no espaço vivido. Mas reconhecemos, também, o quanto aprendemos com essas ações, o quanto somos surpreendidas nesses encontros e trocas, tanto dentro quanto fora da escola, o que nos traz um frescor e um sentido todo especial para a função de educadoras, que é a de fazer do conhecimento algo sempre vivo, apaixonante e transformador. **R**

NOTAS

¹ Grupo formado pelas professoras Milene Valentir, Vanessa Rita, com intensa colaboração de Manuel Alves e estudantes da EJA.

² Grupo formado pelos professores Milene Valentir, Daniel Barros e estudantes da EJA.

MILENE VALENTIR

É MESTRE EM ARTE E EDUCAÇÃO PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). FORMADORA DO CENTRO DE CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO (CECAPE) DAS ÁREAS DE ARTES VISUAIS E ARTES CÊNICAS DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO CAETANO DO SUL. É ARTE-EDUCADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA EME PROF. VICENTE BASTOS DESDE 2010. É INTEGRANTE DO COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO E DO BLOCO FLUVIAL DO PEIXE SECO.

VANESSA RITA

É FORMADA EM LETRAS E PEDAGOGIA PELA FACULDADE EDITORA NACIONAL. PARTICIPOU DOS CURSOS DE EXTENSÃO ASPECTOS DA CULTURA E DA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL E NARRATIVAS AFRICANAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. ATUA COMO PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS PREFEITURAS DE SÃO CAETANO DO SUL E DE SÃO PAULO.

Claudia Panizzolo

A escola da Sociedade de Mútuo Socorro Principe di Napoli: o que nos contam os documentos?

*Merica, Merica, Merica,
cossa saràlo 'sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
un bel mazzolino di fior.*

(Merica, Merica- Folclore italiano)

O Núcleo Colonial de São Caetano foi fundado em 1877, na recém-adquirida fazenda de mesmo nome, pertencente ao Mosteiro de São Bento. No mês de julho de 1877, enquanto os emigrantes vênnetos recrutados pelo governo brasileiro já se encontravam em viagem no Vapor Europa, a escritura da Fazenda São Caetano era oficialmente transferida da Ordem de São Bento para o governo imperial (MARTINS, 1992).

Esses imigrantes vênnetos compõem um contingente bem maior de emigrantes saídos da península itálica rumo ao Brasil, e em expressiva quantidade para São Paulo. Vários foram os motivos do que ficou conhecido como período da Grande Emigração Italiana, ocorrida entre as datas-marco da unificação italiana (1861) e do final da Primeira Guerra Mundial (1918), ganhando contorno a partir de fins dos anos 1870, e tornando-se fenômeno de massa entre 1887 e 1902. Trento (1988, 2009) e Cenni (2003) apontam a miséria como a principal causa.

Os impostos sobre as propriedades e sobre o patrimônio, somados às altas taxas sobre a moagem dos grãos agravaram a miséria em que já viviam os camponeses. As condições de vida dos operários eram marcadas por condições bastante precárias de sobrevivência. Nessa situação, segundo Alvim (2000), a emigração italiana se constituiu como um fenômeno importante de



Dirigentes e membros da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, em São Caetano, em 1927



Alunos da Scuola Principe di Napoli em foto de 1923

equilíbrio socioeconômico, por aliviar a pressão e as reivindicações sobre as cidades e indústria nascente, mas também, porque os expatriados enviavam dinheiro aos parentes, o que, de certa forma, contribuía minimamente para afastar ou postergar uma rebelião social.

Os vênetsos que desembarcaram do navio Europa, na cidade portuária de Santos, e foram levados para a Hospedaria dos Imigrantes¹, na cidade de São Paulo, antes de serem conduzidos até o Núcleo Colonial de São Caetano, provavelmente enfrentaram difíceis condições econômicas como as descritas anteriormente, tendo deixado sua terra, quando talvez não mais vislumbravam recursos para a sobrevivência.²

Teriam sido trazidos de trem de São Paulo para São Caetano, pela ferrovia São Paulo Railway Company. Mimesse (2013) afirma que, embora a ferrovia cruzasse as terras do núcleo, “ainda não existia uma estação para o desembarque das pessoas, obrigando-as a saltarem do trem em movimento com seus filhos pequenos e suas bagagens” (p. 24). Novaes (1991) descreve, no entanto, outra situação:

Na tarde de 28 de julho de 1887, às 4 horas da tarde, mais ou menos, o maquinista da então São Paulo Railway, Casemiro Alonso, freou a pequena locomotiva ali próximo à grande curva conhecida hoje como do Matarazzo. Casemiro, debruçado na janelinha da locomotiva, observava aquele grupo de homens, mulheres e crianças que deixavam, com alguma dificuldade, os dois vagões de que se compunha o comboio, embarçados com a bagagem e o cuidado com as irrequietas crianças. (p. 1)

Essa teria sido, no entanto, apenas uma das muitas dificuldades enfrentadas. De acordo com Martins (1992) e Mimesse (2013), os primeiros anos de vida no núcleo foram marcados por luta pela sobrevivência, pela construção das casas, pelo plantio da terra, pelo preparo do pasto, pelas reivindicações do que lhes havia sido empenhado pelo governo brasileiro, como o fornecimento de alimentos e o

pagamento das diárias, além da luta incessante pela vida, ameaçada pela doença e pela morte, sobretudo, pela mortalidade infantil³.

De acordo com Martins (1992), no Núcleo de São Caetano, lugar escolhido pelas elites como laboratório para a introdução do trabalho livre na província de São Paulo e no Brasil, ainda em tempos de escravidão, os imigrantes encontraram a doença, a morte e a grilagem, mas também manifestações de solidariedade. Ainda para o autor, a religião católica e a italianidade foram elementos aglutinadores que criaram o sentido de caridade e de comunidade, enfim, o delineamento de uma identidade para o imigrante: católico e italiano. Cabe aqui estabelecer duas ponderações. A primeira de que tal italianidade se deu a *posteriori*, ou seja, emigraram como vênetsos, e ao longo do tempo, já no Brasil, é que primeiro foram vistos e considerados como italianos, para depois, assim se verem e se sentirem. E a segunda, de que essas duas identidades não coexistiam, na época, tão pacificamente, posto ter sido o *Risorgimento* Italiano feito em bases conflitivas e de hostilidades entre o Estado e a Igreja.

O conflito era entre o Estado e o Papa, transcendendo, portanto, a vida local. Além do que nem o Estado italiano, nem a igreja católica tinham presença contínua e efetiva no Núcleo de São Caetano. No cotidiano da colônia, o imigrante italiano, cuja maioria nasceu antes da unidade nacional italiana, não se dava conta de tais conflitos.

A segunda geração de imigrantes que chegou a São Caetano, vinda de Mantua entre 1878 e 1892, além das doenças e da morte, encontrou condições ainda mais adversas. Diferentemente da primeira leva, esses não mais conseguiram lotes no núcleo e, conseqüentemente, não receberam subsídios do governo para os primeiros seis meses de assentamento. Imersos em tantas dificuldades os imigrantes criam a *Società di Mutuo* (Sociedade de Mútuo Socorro) *Soccorso Principe di Napoli*, pautada em princípios de solidariedade seculares presentes na revolução italia-

na do *Risorgimento*. De acordo com Martins (1992), vários teriam sido os fatores motivadores da criação:

A falta de terras para as novas famílias que estavam chegando ou se formando, a crise da viticultura derivada do praguejamento das parreiras e a agitação econômica como a inflação, produzida pelo “boom” fictício do chamado Encilhamento, de 1890 a 1892 (p. 194).

A *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*⁴, fundada em 1892, foi criada em meio e como consequência de uma série de mudanças econômicas, sociais e culturais que impactavam os imigrantes italianos, levando à fundação de associações de mútuo socorro em várias localidades⁵. Em seu estatuto definia:

Art. 1.- Si è costituita in San Gaetano una Società di Mutuo Soccorso col nome di “Principe di Napoli”; il cui scopo è l’unione, l’istruzione, La moralità ed il mutuo soccorso fra gli italiani. Il simbolo è la bandiera nazionale e col moto ‘Principe di Napoli’.(SOCIETÀ DI MUTUO SOCCORSO PRINCIPE DI NAPOLI, 1922, p. 3)⁶

A *Società* tinha funções bastante definidas, sobretudo, de assistência médica, tais como pagamento de um subsídio aos doentes, uma soma para as despesas hospitalares, pagamento de consultas médicas, pagamento de remédios e acompanhamento aos doentes feito pelos sócios em turnos. Além disso, empenhava-se em pagar as despesas do funeral do sócio cuja família não estivesse em condições de custeá-las.

A *Principie di Napoli* abrigou em sua sede uma *Scuola Italo Brasileira*⁷ (Escola Ítalo-Brasileira), sobre a qual pouco se sabe. Permeada por silêncios e fragmentos, os documentos localizados não nos contam sobre a sua fundação, a estrutura curricular, a organização do tempo e do espaço, os métodos ou a cultura escolar. Em meio aos resíduos, temos pistas de que sua fundação se deu entre 1911 e 1923. Até

1911, nada consta nas atas da *Società* sobre a escola. Entre 1911 e 1929 as atas desapareceram. Em 1923, há uma foto registrando a existência da escola. Na ata de 9 de setembro de 1931, há uma deliberação para “oficializar ao Professor Cunha de ser gentil e desocupar a nossa Sede Social, inclusive porque não é pontual com o pagamento”.

Tal situação nos remete a pensar a situação das escolas italianas dessa época. O professor Arturo Magnocavallo, após visitar as escolas elementares italianas da cidade de São Paulo, em 1907, produziu um relatório destinado ao Conselho Central da *Società Dante Alighieri*, de Roma, no qual indica o estado de tais escolas como “misérrimo”. E continua:

Somente na cidade de São Paulo existem atualmente cerca de setenta escolas primárias italianas. Muitas, aliás, demais, mas quantas merecem o nome de escola? Quantas são capazes de responder às mais modestas exigências da colônia?”(apud DELL’AIRA, 2011, p. 333).

Afirma ainda, em verdade, não tratar-se de 70 escolas, mas de 70 pessoas que exercem o cargo de professor, muitas vezes sem vocação e nem formação para tal.

A situação apresentada acerca das escolas de São Paulo nos permite interrogar se seria semelhante à da escola da *Società de Mutuo Soccorso Principe di Napoli*. Seria um professor ou uma escola com vários professores? Qual a formação desse professor? Dele pouco se sabe. Seu nome era Giovanni Cardo. A esse respeito, Novaes (1991) relata uma visita que o diretor do Grupo Escolar São Caetano fez à escola da Sociedade Príncipe de Nápoles.

O nosso professor fez todos os alunos ficarem de pé e cantar o Hino Nacional brasileiro, e dezenas de vozes vibrantes encheram a grande sala de aula. Terminado o hino, o nosso mestre, inflado de satisfação e orgulho, voltou-se para o professor Perrenoud, cabeça erguida, queixo lançado para a frente, como a afirmar: aqui também são cultu-

ados os símbolos nacionais brasileiros, embora a escola seja italiana! (p. 3)

O professor Giovanni Cardo, como tantos na época, usava a vara⁸. Mas como teria sido a estrutura curricular dessa escola? Ao que parece, além da língua italiana, aprendia-se o português, bem como os símbolos nacionais. Haveria história e geografia italiana e brasileira no currículo? O método empregado seria o intuitivo propagado nas conferências, na imprensa periódica e em implantação nas escolas-modelo e grupos escolares brasileiros?

A única foto localizada da escola é de 1923⁹ e nela consta o nome do professor como sendo Giancarlo Cardo. A turma estampada é de meninas e meninas. Seriam da mesma turma? As aulas funcionavam em regime de coeducação? As crianças estão todas uniformizadas e calçadas. A *Società* teria subsidiado o uniforme? As famílias imigrantes já estariam estabelecidas e com certa prosperidade, o que assegurava condições de manter as crianças na escola, longe do trabalho e com condições de arcar com tais despesas? Com relação ao salário do professor, quem o mantinha? Receberia o subsídio vindo do Ministério das Relações Exteriores da Itália? As próprias famílias pagavam o salário do professor Cardo? Perguntas que ainda permanecem sem respostas.

A escola italiana mantida pela *Societade de Mútuo Socorro Príncipe de Napoli* foi importante para a manutenção da língua, para o ensino da escrita, para o culto da Itália como pátria dos imigrantes e de seus filhos, além de criar um sentimento de pertencimento, de compartilhamento de costumes e cultura, uma identidade italiana, uma *italianità*, favorecendo a constituição de um *piccolo mondo* italiano no Núcleo Colonial de São Caetano, que tinha como monumentos, heróis, língua e pátria, a Itália.

Compor os cenários das escolas italianas em São Paulo e nos núcleos coloniais de seu entorno, trazer à tona seus professores, as pro-

postas curriculares, os mobiliários, os materiais pedagógicos, os livros estudados, enfim o estudo sobre a materialidade escolar no contexto da escolarização para italianos e seus descendentes ainda muito intrigante e suscita investigações que podem nos ajudar a revelar e compreender os dizeres e fazeres da escola primária no Brasil entre fins do século 19 e início do século 20. **R**

NOTAS

¹ De acordo com Paiva e Moura (2008) a Hospedaria de Imigrantes tinha por finalidade a recepção, a triagem e o encaminhamento do imigrante. Além dos serviços de alimentação e de alojamento, havia o controle médico-sanitário, registro e direcionamento ao trabalho. "A permanência de imigrantes e de trabalhadores nacionais era condicionada também pela oferta de trabalho, pela existência de problemas médico-sanitários ou pela disponibilidade de transporte. De acordo com os registros da Hospedaria, o tempo médio de permanência era de uma semana." (p. 30)

² Martins (1992) em sua obra apresenta os imigrantes que chegaram ao Núcleo Colonial de São Caetano como

"camponeses pobres, camponeses sem terra, procedentes de uma das regiões mais pobres da Itália, naquela época - o Vêneto" (p. 29), e vítimas da exploração econômica, da expropriação territorial e precárias condições de vida já no país de origem.

³ A causa da mortalidade infantil entre fins do século 19 e início do século 20 era decorrente da febre amarela, a malária, a febre tifóide, a varíola, a coqueluche, mas também pela ausência de assistência médica, além da desnutrição. A esse respeito consultar: VERONA, F. (2010). Vida e morte dos operários de Schio em São Paulo: uma leitura dos Registros Obituários do Cemitério do Brás, de 1893 a 1895.

⁴ A este respeito consultar o capítulo *O mútuo Socorro no nascimento da classe trabalhadora*, de Martins (1992).

⁵ A este respeito ler Biondi (2011) que localizou entre 1878 e 1924 a existência de 44 sociedades mutualistas em São Paulo e nos centros urbanos periféricos de Santo Amaro, São Bernardo e São Caetano.

⁶ Art. 1. - É constituída em São Caetano uma sociedade de mútua ajuda com o nome de "Príncipe di Napoli", cujo propósito é a união, a instrução, a moralidade e ajuda mútua entre os italianos. O símbolo é a bandeira nacional e com o motivo "Príncipe di Napoli" (Societade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles, 1922, p. 3). (tradução da autora).

⁷ A este respeito consultar o artigo de Panizzolo (2016) *Livros de leitura, dizeres e fazeres da escola primária étnica italiana no Brasil entre fins do século 19 e início do século 20*: o estudo do livro *Piccolo Mondo*, *letture per le scuole elementari*; e o capítulo de Panizzolo (2016 a) *Piccolo Mondo, lettura per le scuole elementari: mutualismo e educação em uma escola étnica italiana de São Paulo*.

⁸ Consta do acervo iconográfico da Fundação Pró-Memória de São Caetano a descrição: "O diretor era o Prof Giancarlo Cardo e a Secretária sua filha Maria Cardo. O livro didático para o grupo de alunos adiantados era *Il Cuoro* (sic), editado em italiano. Pedro (Pierim) Matielo levava as varinhas de mármore para o professor, mas era o primeiro a experimentá-las como castigo devido à sua má conduta". (Acervo 3917- A1 V5 P261)

⁹ A foto encontra-se no Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

FONTES

SOCIETÀ DI MUTUO SOCCORSO PRINCIPE DI NAPOLI. *Statuto della Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli di San Gaetano*. São Paulo, 1922.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Z. M. F. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 383-418.
- BIONDI, L. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: UNICAMP, 2011.
- CENNI, F. *Italianos no Brasil: "Andiano in Merica"*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- DELLAIRA, A. *Longo estudo, grande amor: história do Instituto Médio Italo-Brasileiro Dante Alighieri de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2011.
- MARTINS, J. de S. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MIMESSE, E. As aventuras e desventuras cotidianas das crianças em São Caetano no início do século 20. In: MIMESSE, E. (Org.). *Bambini brasiliani: a infância das crianças italianas e italo-brasileiras*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p. 19-54.
- NOVAES, M. C. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.
- PAIVA, O da C; MOURA, S. *Hospedaria de imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Coleção São Paulo no bolso).
- PANIZZOLO, C. *Livros de leitura, dizeres e fazeres da escola primária étnica italiana no Brasil entre fins do século 19 e início do século 20*: o estudo do livro *Piccolo Mondo, lettura per le scuole elementari*. Anais do XI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto: Centro de investigação transdisciplinar cultura, espaço e memória, 2016.
- _____. *Piccolo Mondo, lettura per le scuole elementari: mutualismo e educação em uma escola étnica italiana de São Paulo*. In: MAZZA, D; NORÕES, K. (Orgs.). *Educação e migrações internas e internacionais: um diálogo necessário*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016a, p. 71-92.
- TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.
- _____. In: Brasile. In: BEVILACQUA, P; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA, E. *Storia dell'emigrazione italiana: Il Arrivi*. Roma: Donzelli Editore, 2009, p. 3-23.
- VERONA, F. Vida e morte dos operários de Schio em São Paulo: uma leitura dos Registros Obituários do Cemitério do Brás, de 1893 a 1895. In: CARNEIRO, M. L. T. et alii (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2010, p. 267- 298.

CLAUDIA PANIZZOLO

É DOUTORA EM EDUCAÇÃO. PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, É TAMBÉM COORDENADORA DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA INFÂNCIA, CULTURA, HISTÓRIA - GEPICH E PESQUISADORA DO GRUPO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA.

Narciso Ferrari

O heroísmo dos árbitros

Quando nossa cidade era ainda um subdistrito do município de Santo André, um campeonato de futebol varzeano, patrocinado pela Liga Santoandreense de Futebol, reunia clubes de Santo André e São Caetano, em partidas que aconteciam nas tardes de domingo. Da localidade, participavam clubes amadores como o Cruzada Esporte, ligado à Congregação Mariana Imaculada Conceição da Matriz Sagrada Família, Atlético Corinthians Futebol Clube (Corinthinha), Flor do Mar Futebol Clube, Sociedade União Esportiva Teuto-brasileira (Teuto), Mecânica (da Cia. Mecânica e Importadora), Clube Esportivo Lazio, Vila Prosperidade Futebol Clube, União Jabaquara Futebol Clube, Atlético Vila Alpina, Esporte Clube Vila Bela, entre outros. Os dois últimos eram de São Paulo, mas possuíam sede em São Caetano, assim como o Clube Esportivo Utinga, de Santo André.

O Clube Atlético Monte Alegre disputou apenas por dois anos. Na década de 1960, voltou a ativa para disputar o campeonato da terceira divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF).

A Liga Sancaetanense de Futebol não possuía árbitros. Eles eram escolhidos pelos presidentes dos clubes ou capitães dos times. Logicamente prevalecia a “vontade” da equipe mandante e cada clube tinha seu árbitro de preferência. Para o Corinthinha, o preferido era Antonio Pilatis. Andolino Paolillo sempre atuava nos jogos do Lazio e Luiz Vitiello nos do Vila Alpina. O Cruzada Esporte contava com Geraldo Tavares e o Clube Atlético Tamoyo com

Antonio Chitero (Xavier). Oswaldo Ferraz, conhecido como Besouro, estava sempre presente nas partidas do Olinda Futebol Clube, enquanto Stephan Gerbali, o Stiopa, nos jogos do Comercial Futebol Clube. Já Angelo Riera (Valete) era o favorito do Clube Atlético Monte Alegre e Oscar Boava, do São Cristóvão Futebol Clube.

Estes árbitros não eram remunerados mas, mesmo assim, quando não agradavam a torcida, recebiam gritos de: “Entrega o apito!” ou “Vai apitar briga de galo!”, e suas progenitoras eram homenageadas com palavras impúblicáveis. Além disso, corriam até mesmo o risco de serem agredidos pelos torcedores.

Os campos de futebol da várzea não contavam com nenhuma marcação de cal, nem nas grande e pequena áreas e nem mesmo nas laterais e na linha divisória. Quando o clube mandante estava perdendo, o árbitro, sentindo-se ameaçado e pressionado pela torcida, apitava uma penalidade máxima ou uma falta que, vez ou outra havia acontecido fora da área. Muitas vezes a torcida invadia as laterais, impedindo jogadas e arremessos. Era impossível para o árbitro consultar os bandeirinhas, pois não contava com esses auxiliares. A pressão era tamanha que eles davam o gol sem que a bola tivesse ultrapassado o arco, que nem tinha rede.



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Jogadores no campo do Atlético Corinthians (Corinthinha). Data não definida



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Time de futebol da Sociedade União Esportiva Teuto-brasileira, em foto de 1930, no campo do Hespanha. Foram identificados: Antonio Gerber, João Lefort, Edic Ghrenberger, Lorenz Pinzi, Carlos Wamades, Henrique Szabó, Konrad Enis, Franz Dtlinger, Drago, João Pilo e Jorge



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Quadro de juizes e bandeirinhas pertencentes à Liga Sancaetanense de Futebol no campo do São Caetano Esporte Clube. Foram identificados: Pilatti, Luiz Vitiello (Gijão), Zé Granfo, Geraldo Tavares, Nicolli e Francisco dos Santos. Foto de 1949

Os clubes com maior torcida, como Lazio, Mecânica, Corinthinha e Vila Alpina, sempre mantinham a liderança do campeonato e alternavam-se no primeiro lugar. Os atletas vestiam-se no próprio campo, deixando algum amigo tomando conta de seus pertences. Quando havia lagoas próximas dos campos, era ali mesmo que tomavam banho após os jogos. O único clube que disponibilizava um vestiário era o Corinthinha, cujo campo ficava na esquina das ruas José do Patrocínio e Pernambuco. A família de Pedro Manzini, proprietária do Bar Piola, construiu o local para os jogadores do clube ao lado do estabelecimento.

Como os jogadores se trocavam em qualquer lugar, quando chovia, seus pertences ficavam todos molhados. Os campos de clubes como Cruzada, Paulistano, Lazio, Corinthinha e Piratininga tornavam-se impraticáveis com o lamaçal. Áreas do Teuto, Cruzeiro, Tamoyo e Ipiranguinha, eram verdadeiros “terrões”, sem nenhuma grama.

Os únicos campos nos quais os atletas podiam exibir suas qualidades, eram os do São Caetano Esporte Clube (quando os clubes faziam preliminares e o SCEC estava no campeonato da liga intermediária e, posteriormente, na segunda divisão de profissionais da FPF), da General Motors e Cerâmica São Caetano. Os clubes que tinham os campos cercados por ripas eram o Corinthinha, oferecido pela família Ribeiro, e o Vila Bela.

Quando São Caetano conquistou sua autonomia política e administrativa, foi criada a Liga Esportiva de São Caetano e o campeonato disputado à tarde foi substituído pelo matinal, com mais clubes participando. Mas algumas equipes como Paulistano, Mecânica, Flor do Mar e Teuto desistiram e os atletas foram jogar em outros clubes. Essa liga teve como um de seus dirigentes, por vários anos, Humberto Cecato, um abnegado nos esportes. Foram seus companheiros Luiz Mantovani e José Del Poente.

Vários atletas de várzea tornaram-se profissionais. Reinaldo Zamai e Sergio Lorenzini, do Cruzada, e os irmãos Gonçalves, do Vila Prosperidade, foram para o Clube Atlético Ipiranga. Do Cruzada também saiu Dionisio Sturaro que foi para o Clube Atlético Juventus. Para o São Caetano Esporte Clube foram: Nickfor Terpan, conhecido como Cavalinho, do Ipiranguinha, Alemão, do Vila Bela, Modesto e Botega, do Vila Alpina, Osvaldo Pascon (o Fiume), do Tamoyo, Benedito da Silva (Lao), do Cruzada, Milton Miranda, do Itamarati, Antonio Brasi (Bobeira), do Lazio, Geraldo, do Flor do Mar e Natalino, do Vila Alpina. Os diretores do SCEC, Joseph Fucks, Francisco Marinotti e Fernando Ortega eram os “olheiros” do clube na várzea e promoviam peneiras a fim de aproveitar atletas para o maior clube da cidade na época.

Quando o prefeito municipal Hermógenes Walter Braido assumiu a prefeitura pela primeira vez, em 1965, com a melhor das intenções, criou um projeto para a área esportiva que contemplava a construção de campos distritais em cada bairro, que seguiam todas as exigências da FPF, com tamanho oficial, alambrado, vestiários, chuveiros e arquibancada. Entretanto, ao promover a fusão de clubes do mesmo bairro, por conta de tanta rivalidade entre eles (guardadas as proporções era o mesmo que fundir Corinthians e Palmeiras), foi o fim dos clubes varzeanos tradicionais da cidade. **R**

NARCISO FERRARI
É EMPRESÁRIO.

Renato Donisete Pinto

São Caetano Esporte Clube: Campeão do Interior de 1928

O São Caetano Esporte Clube (SCEC) foi fundado em 1º de maio de 1914, fruto da fusão das equipes do Rio Branco e do Clube dos Amigos. Em pouco tempo conquistou o primeiro grande título da cidade, como Campeão do Interior de 1928. Nos primeiros anos de atividade, sua participação no futebol se dava por meio de jogos contra equipes da região.

Em 1922, o clube se filiou à Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), entidade que organizava o futebol do Estado de São Paulo. Sua primeira participação no Campeonato do Interior aconteceu em 1927. Disputou a 3ª Região, com as equipes de Campinas (D'Alva Futebol Clube, Ipiranga Futebol Clube, Concórdia Futebol Clube e Voluntários da Pátria Futebol Clube), e de Votorantim (Esporte Clube Savóia), do interior de São Paulo. O São Caetano entrou na sua segunda fase preliminar e perdeu do D'Alva F.C., de 4 a 0, em Campinas, no dia 22 de janeiro de 1928. Na sequência, em 5 de fevereiro, enfrentando a mesma equipe, só que em casa, venceu por 2 a 0. No dia 12 de fevereiro, perdeu para o E.C. Savóia, em Votorantim, por 4 a 1. Encerrou sua participação no certame de 1927, com nova derrota, em seus domínios, de 2 a 1, para o E.C. Savóia. Essa equipe tornou-se vice, e o Botafogo F.C. de Ribeirão Preto, o campeão.

Sua inclusão no Campeonato do Interior do ano seguinte foi definida numa assembleia, realizada no clube em 17 de agosto de 1928. Os 59 sócios presentes votaram pela participação do

São Caetano Esporte Clube. Sábida decisão! Não poderiam imaginar que seria o primeiro grande triunfo da cidade no futebol.

O Campeonato do Interior de 1928

- A décima edição do Campeonato do Interior foi disputada por 21 equipes, divididas em cinco regiões do Estado de São Paulo. Da 1ª Região saiu classificada a Associação Atlética Caçapavense. Esse grupo contava ainda com o Esporte Clube Elvira, de Jacaréí, e o União de Mogi Futebol Clube, de Mogi das Cruzes.

O SCEC foi campeão da 2ª Região, superando as equipes de Jundiáí (São João Futebol Clube, Palestra Itália Jundiahense Futebol Clube e Associação Atlética Ypiranga). Na 3ª Região, o campeão foi o Radium Futebol Clube, de Espírito Santo do Pinhal, que enfrentou o Voluntários da Pátria F.C. (Campinas), Floresta Atlético Clube (Amparo) e Clube Atlético Valinhense (Valinhos). A 4ª Região era formada pelas equipes: Associação Esportiva Velo Clube (Rio Claro), Clube Atlético Descalvadense (Descalvado), Associação Atlética Araraquara, São João Futebol Clube (Piracicaba) e Sociedade Recreativa Palestra Itália (Piracicaba). O campeão foi o Velo Clube.

Já a 5ª Região teve o Botafogo, de Ribeirão Preto como campeão. De Ribeirão também



Arquivo/Luiz Domingos Romano

DISTINTIVO
DO SÃO
CAETANO
ESPORTE
CLUBE

participaram o Operário Futebol Clube e o Itália Futebol Clube, além da Associação Atlética Francana, da cidade de Franca.

Fase regional - Na fase regional, o São Caetano Esporte Clube venceu duas partidas e empatou quatro. Seus jogos como mandante foram realizados fora da cidade, pois o campo da Rua 28 de Julho era muito acanhado e não foi aprovado pela Apea. O uniforme ainda não possuía o distintivo do clube, que só seria criado em 1932, por José Maria Lavava Malavasi. A campanha foi a seguinte:

2ª Região - 1º turno

30/9/1928 – Campo do Primeiro de Maio (Santo André) - São Caetano E.C. 2 x 0 A.A. Ypiranga

14/10/1928 – Campo do Primeiro de Maio (Santo André) - São Caetano E.C. 1 x 1 Palestra Itália Jundiahense F.C.

21/10/1928 – Jundiaí (SP) - São João F.C. 0 x 0 São Caetano E.C.

2ª Região - 2º turno

2/12/1928 – Jundiaí (SP) - A.A. Ypiranga 2 x 2 São Caetano E.C.

9/12/1928 – Campo do Primeiro de Maio (Santo André) - São Caetano E.C. 1 x 1 São João F.C.

16/12/1928 – Jundiaí (SP) - Palestra Itália Jundiahense F.C. 0 x 3 São Caetano E.C.

Numa tarde do último dia do ano de 1928, o São Caetano Esporte Clube tornou-se campeão da 2ª Região vencendo a A.A. Ypiranga por 3 a 0, num jogo desempate. A partida foi realizada às 16h, em São Paulo, no campo do Água Branca, conduzido pelo árbitro Enéas Sgarzi. No primeiro tempo de jogo, Henrique Lorenzini fez o primeiro gol. No segundo, José Fiorotti, em dia inspirado, marcou mais dois gols. Dessa forma, a equipe seguiu para a fase final do Campeonato do Interior. Até o jogo desempate, o SCEC havia jogado seis vezes, vencendo dois jogos e empatando quatro jogos, sem nenhuma derrota! Fez nove gols e sofreu cinco.

Fase final - Os cinco campeões regionais disputaram a fase final já no início de 1929. Nessa fase a equipe foi melhor ainda: três jogos e três vitórias! Fez quatro gols e sofreu um. O Caçapavense foi desclassificado e seus jogos anulados. O Velo Clube desistiu de participar do certame e não houve o jogo contra o São Caetano, que estava marcado para o dia 14 de abril de 1929.

O primeiro jogo desta fase foi realizado no dia 17 de fevereiro daquele ano, na cidade de Jundiaí, interior de São Paulo. O resultado: São Caetano E.C. 2 x 1 Radium F.C. O SCEC começou perdendo. O defensor Gallo fez penalti a favor da equipe do Radium ainda no primeiro tempo. Na segunda etapa, nos últimos dez minutos de jogo, o São Caetano buscou a vitória com os gols de Zanella e Campos. O SCEC atuou com Luccas, Gallo e Moura; Spagnuolo, Braido e Eduardo; Henrique, Zanella, Fiorotti, Sorrentino e Campos.

A segunda partida foi realizada no dia 3 de março, no campo do Clube Atlético Silex. Goleada implacável! São Caetano 6 x 0 Caçapavense. O primeiro tempo terminou em 2 a 0, com gols de Batista e Fiorotti. No segundo tempo, Guerreiro fez dois gols seguidos, depois Zanella marcou de pênalti, e Altamiro, da A.A. Caçapavense, fez contra.

Notícia do jornal *A Gazeta*, de 22 de abril de 1929, destaca a equipe vencedora do Campeonato do Interior de 1928. Na imagem, vemos, em pé, a partir da esquerda: Estanislau Spagnuolo, Manoel Linham (Chiquitim), Paulo Zanella, Antonio Guerreiro, José Moura, Henrique Lorenzini, João Braido, Batista Mantovani, Eduardo Lorenzini, José Fiorotti e Jacob João Lorenzini (presidente). Agachado: o goleiro Jesus Luccas



Arquivo/Natário Ferruti

A valorosa turma do São Caetano Esporte Clube, da vizinha localidade que lhe assegurou o nome, acaba de conquistar, após jornadas das mais lufadas, o campeonato do Interior do Estado, patrocinado pela Associação Paulista de Esportes Athleticos. Aparecem na cênica, da esquerda para a direita: Spagnuolo, Linham, Zanella, Guerreiro, Moura, Henrique, Braido, Batista, Eduardo, Fiorotti e o exaltado presidente do clube, sr. Giacomo Lorenzini. Deitado, o goleiro Luccas. Por estar enfermo, não figura nesse conjunto, que foi o que tomou parte no último jogo do campeonato, derrotando o Botafogo, de Ribeirão Preto, por 2 a 0, o jogador Gallo, que muito se destacou no interessante certame regional.

A final do Campeonato do Interior foi realizada no dia 24 de março de 1929, a partir das 16h30. O jogo ocorreu no campo do extinto C.A. Silex, situado na Rua Tabor, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo. O São Caetano E.C. atuou com Luccas, Fiorotti e Moura; Estanislau, Braido e Eduardo; Lorenzini, Zanella, Baptista, Guerreiro e Chiquitim. O Botafogo F.C. entrou em campo com Hermínio, Constantino e Balleiro: Iracino, Odilon e Pequito; João, Plínio, Neves, Maio e Cobra. Os gols ocorreram no segundo tempo. Batista aos 30 minutos e, após 5 minutos, Lorenzini fechou o placar em 2 a 0. No dia 22 de abril de 1929, o jornal *A Gazeta* estampava a foto da equipe do São Caetano Esporte Clube, com o título: *Nossos campeões*.

Nessa época, os jogadores eram amadores e tinham outras ocupações além do futebol. Todos eram sócios do clube e estavam isentos do pagamento das mensalidades. Segue a lista com o nome dos campeões: Jesus Luccas, José de Carvalho Moura, José Fiorotti, Estanislau Spagnuolo, João Braido, Eduardo Lorenzini, Henrique Lorenzini, Paulo Zanella, Batista Mantovani, Antonio Guerreiro, Manoel Linhan (Chiquitim), Luiz Gallo, Germano Miazzi, Felice D'Agostini e Etalcidio Pacheco. O diretor esportivo era Silvério Manilli; o presidente, Jacob João Lorenzini e o vice, Arthur Garbelotto.

Vale ressaltar que o filho do jogador João Braido, chamado Hermógenes Walter Braido, se tornaria presidente do clube e prefeito da cidade por três vezes. O zagueiro José Fiorotti foi a primeira revelação do futebol do São



Homenagem realizada, em 1949, no estádio da Rua Paraíba, aos campeões de 1928. Em pé, a partir da esquerda: Luiz Martorelli, Pedro José Lorenzini, Jacob João Lorenzini, Gallo, João Braido, Germano Miazzi, Eduardo Lorenzini, Luiz Mantovani, D'Agostini, filho do goleiro Jesus Luccas e Nelson Fiorotti. Agachados, a partir da esquerda: José Moura, Henrique Lorenzini, Paulo Zanella, Batista Mantovani, Estanislau Spagnuolo, Antônio Guerreiro e Manoel Linhan (Chiquitim)

Caetano Esporte Clube, destacou-se na equipe de 1928/29 e depois teve passagens pela Associação Portuguesa de Desportos, São Paulo F.C., Sport de Recife, Náutico e seleção paulista. Vinte anos depois, em 1949, a equipe campeã recebeu uma homenagem no estádio da Rua Paraíba.

Após esta conquista o clube disputou os campeonatos estaduais de 1934 e 1935 pela Apea. De 1948 a 1953, participou da segunda divisão de profissionais, organizada pela Federação Paulista de Futebol. Em 1954, se reuniu com o Comercial Futebol Clube, da capital, e, por meio de uma fusão das duas agremiações, criaram a Associação Atlética São Bento. Em 1958, depois da cisão, voltou a disputar a segunda divisão, nos anos de 1958 e 1959, quando extinguiu seu departamento de futebol. O São Caetano Esporte Clube também se destacou em outras modalidades, como por exemplo, no basquete e voleibol. Nesses 103 anos, é um dos clubes esportivos mais importantes da cidade e da região. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
 FERRARI, Narciso. A malfadada fusão. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 16-25, mai. 2014.
 . Você sabia que... *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 68-71, mai. 2014.
 GARBELOTTO, Oscar. Os campos de futebol do São Caetano Esporte Clube. *Raízes*, n. 4, p. 51-55, jan. 1991.
 . São Caetano Esporte Clube, 80 anos (alguns fatos que marcaram sua história). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 16-21, jul. 1994.
 KUŠSAREV, Rodolfo. *Os esquecidos*: arquivos do futebol paulista. Campinas: Datatoro, 2016.
 MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões*: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube. São Caetano do Sul: São Caetano Esporte Clube, 2003.
 OLIVEIRA FILHO, Celso Franco de. *A rota das bandeiras*: a história do futebol no interior de São Paulo. Campinas: Lince, 2017.
 SÃO CAETANO E.C.. *São Caetano Jornal*. 13 jan. 1929.

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL. É AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).

* AGRADECIMENTOS A NARCISO FERRARI (HISTORIADOR E EX-PRESIDENTE DO SCEC), A JOSÉ ROBERTO FORNAZZA (MEMOFUT) E AO AMIGO LUIZ DOMINGOS ROMANO.

José de Souza Martins

Há 60 anos, em São Caetano

Foi no dia 28 de julho de 1957, no Clube Comercial, no quarto andar do Edifício Vitória, começo da noite. Era o lançamento de meu primeiro livro *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História*, com generoso prefácio de Nuto Sant'Anna, historiador, romancista e poeta, membro da Academia Paulista de Letras, diretor do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Edição patrocinada pelo Rotary Club de São Caetano do Sul, em coedição com a prefeitura municipal, em bem cuidado trabalho gráfico da Editora Sarai-va. Eu tinha 18 anos de idade.

Com uns 14 anos de idade, eu decidira fazer uma pesquisa sobre a história local. Em 1952, no 75º aniversário da fundação do Núcleo Colonial de São Caetano, houve uma significativa movimentação em torno de sua história. Várias lojas do centro, como a Papelaria Carioca e a Casa Weygand, exibiram em suas vitrinas objetos e fotografias antigos, preservados por várias famílias. Havia, portanto, uma história um pouco diferente das versões de divulgação, simplificadas, que apareciam nos jornais. Elas pendiam para as tendências gerais do processo histó-

rico, mas não cuidavam da riqueza dos detalhes e da diversidade das ocorrências, de que aquelas exposições davam indicações. Na história de São Caetano, havia notórias lacunas e invisibilidades.

Tomei como um desafio ir atrás da história esquecida de São Caetano. Isso pedia pesquisa séria, voltada para o conjunto da história, não só para a data de 28 de julho. Para mim, imaturo e leigo, pesquisa séria queria dizer ir atrás de documentos, que contassem o que as próprias pessoas não conheciam ou não sabiam contar. Era o apelo às testemunhas invisíveis da história. Nas fotografias, os trajes dos colonos, homens e mulheres, falavam de pobreza e de trabalho na roça. Alguns velhos objetos diziam o mesmo. As fotos de fábricas e olarias, falavam do trabalho da mulher e também do infantil. Tudo contrariava o tom épico daquela placa de mármore afixada no frontispício da Matriz Velha, em 1927. Nesse mero confronto, 28 de julho dizia pouco. Minha curiosidade de adolescente que lia livros e se fazia perguntas, me dizia que as coisas não se encaixavam. Aque-la exposição distribuída pelas vitrinas de lojas dizia o não dito.

Em 1954, as comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo, com densos artigos nos grandes jornais, escritos por especialistas, ataçaram de vez minha vontade de saber sobre minha própria cidade natal. Eu guardava, embaixo do colchão, o precioso exemplar da edição especial, de 25 de janeiro, de *O Estado de S. Paulo*. Paulo Duarte, jornalista do Estadão e um dos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), a reeditaria em forma de um imenso livro, uma preciosidade, por sua Editora Anhembi.

Desde 1953, durante o dia, eu trabalhava na Cerâmica São Caetano, como *office-boy* e responsável por pequenas tarefas, como servir café aos engenheiros e visitantes, das 8h às 17h30, no escritório do Dr. Renato, o Dr. Renato Martins de Siqueira, engenheiro da Divisão de Terracota e diretor da empresa. À noite, eu fazia o curso secundário no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, curso pago pela fábrica, que inspecionava minhas notas e minha frequência às aulas.

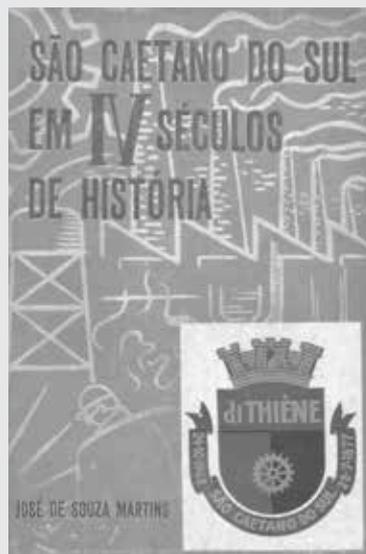
Gostava muito de ler e, nas comemorações do quarto centenário de São Paulo, ficara muito motivado para ler livros sobre a

história paulista. Comecei a frequentar a Biblioteca Municipal de São Paulo, hoje Biblioteca Mário de Andrade, em fins de semana, em feriados e, à noite, nas férias escolares. Tornei-me autodidata. Aos 17 anos, eu conhecia razoavelmente bem a história paulista, a história do Brasil e a história do ABC. Fui às Atas da Câmara de São Paulo, ao Registro Geral da Câmara, aos Inventários e Testamentos, aos Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo.

Pedi conselhos ao grande historiador das bandeiras e do café, Affonso d'E. Taunay. Ele me recomendou que conversasse com o historiador João Baptista de Campos Aguirra, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que morava em sua biblioteca, no meio de livros e documentos, em antigo e monumental edifício da Rua Líbero Badaró, documento arquitetônico das construções da República Velha. Ainda existe. Ele tinha um enorme arquivo pessoal sobre a história de São Paulo. Hoje o Arquivo Aguirra está incorporado ao acervo do Museu do Ipiranga. Em alguns sábados, antes de ir para a Biblioteca Municipal de São Paulo, passava por lá, para conversar com ele. Idoso e quase completamente surdo, sempre generoso, deu-me verdadeiras aulas sobre a história de São Paulo. Morreu em silêncio e solitário no meio de seus maiores companheiros, os livros.

Consegui do Dr. Renato autorização para faltar ao trabalho um sábado por mês (naquela época, nas fábricas, em sábados, se trabalhava até ao meu dia). Nesse dia, eu ia para o Arquivo do Estado, o nosso arquivo histórico estadual, na Rua Dona Antonia de Queiroz, que tam-

CAPA DO LIVRO *SÃO CAETANO DO SUL EM IV SÉCULOS DE HISTÓRIA*, LANÇADO EM 27 DE JULHO DE 1957



Reprodução



Acervo/José de Souza Martins

VISITA DO ESCRITOR MÁRIO GRACIOTTI E SUA EQUIPE DO CLUBE DO LIVRO A SÃO CAETANO, EM 1957. ALMOÇO NO RESTAURANTE UMUARAMA, NA RUA MANOEL COELHO. À CABECEIRA DA MESA, DIANTE DO ESPELHO, DA DIREITA PARA A ESQUERDA, MÁRIO GRACIOTTI E JOSÉ DE SOUZA MARTINS. NO LADO DIREITO DA MESA, DIANTE DE GRACIOTTI, O JORNALISTA HERMANO PINI FILHO (CORRESPONDENTE DE *O ESTADO DE S. PAULO*), ANTONIO CAPARROZ GUEVARA (ROTARIANO E DONO DA FÁBRICA DE CALÇADOS FLOREAL, NA RUA AUGUSTO DE TOLEDO), NICOLAU DELIC, JORNALISTA SÃO-CAETANENSE. DE PÉ, O DONO DO RESTAURANTE. OS DEMAIS SÃO DA EQUIPE DO CLUBE DO LIVRO. ESTAVA PRESENTE, MAS NÃO FOI IDENTIFICADO, O PROFESSOR VICENTE DI GRADO, ARTISTA PLÁSTICO, O GRANDE CAPISTA DO CLUBE DO LIVRO



Acervo/José de Souza Martins

REGISTRO FEITO POR MARTINS EM SUA VIAGEM PELA AMÉRICA DO SUL, EM JANEIRO DE 1958: CHOLA E SUA FAMÍLIA, NO MONTE PUNCO, NA CORDILHEIRA DOS ANDES, NA BOLÍVIA



Acervo/José de Souza Martins

bém funcionava até ao meio dia. No começo, tive ajuda de Nello Garcia Migliorini, paleógrafo do arquivo, que me ensinou os rudimentos da leitura paleográfica dos documentos antigos. Os dos séculos 16 e 17 tinham de ser decifrados. Os nomes toponímicos ainda eram grafados como reprodução dos sons da língua tupi. Tijucuçu, que viria a ser São Caetano, escrevia-se TeyuguoSu. “Sua mulher” era “S^a m^{er}.” “Deus” era “Ds.” “Caminho” era “C^o”. Não havia vírgulas nem acentos. No começo do século 18, a caligrafia muda, torna-se barroca, artística, cheia de volteios, elegante e de leitura mais fácil. Mas não tanto. A língua ainda era outra, diferente da atual. Para enviar ao rei de Portugal um relato, o seu *Diário da Navegação*, da expedição de 1769 de Porto Feliz aos sertões do Iguatemi, na fronteira com o Paraguai, Teotônio José Juzarte, frequentemente, tem de explicar o significado de nomes e palavras, ininteligíveis para os portugueses que o lerão na Corte.

Para o fim desse século, a caligrafia se torna mais objetiva, já com o traço do que os calígrafos chamarão no século 19 de caligrafia comercial. A da escrituração obrigatória de documentos públicos. Fui conhecendo uma história do Brasil muito diferente da que se ensinava e ainda se ensina nas escolas, no geral, uma simplificação enganadora.

Do escritório de Aguirre, eu ia para a Biblioteca Municipal da Rua Xavier de Toledo e ali ficava até às 10h da noite. Fui ao Rio de Janeiro, à procura de Dom Clemente da Silva-Nigra, o arquivista-mor da Ordem de São Bento no Brasil, perito em arte sacra, que foi diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, personagem de Jorge Amado. Mais tarde eu ficaria sabendo que foi ele quem encontrou, abandonada e desfigurada por uma pintura indevida, com identificação errada, na torre da Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, a escultura de barro de autoria do monge Frei Agostinho da Piedade, que morreu em 1661, do santo que deu nome à antiga fazenda beneditina e, depois, àquele município. Frei Agostinho fora introdutor da arte erudita no Brasil. Autorizado pelo arcebispo, Dom Clemente levou a escultura para o Museu de Arte Sacra da Bahia, onde foi restaurada. E devolvida ao Mosteiro de São Bento, de São Paulo. Antes de ser levada para a capela da fazenda na Borda do Campo, fora imagem de um dos altares da Igreja do Mosteiro. Está hoje de volta ao Mosteiro, ao lado da porta do quarto em que se hospedou o Papa Bento 16.

Dom Clemente estava de viagem. Esperei por ele vários dias. Quando nos encontramos, ficou alarmado com fato de que um menino quisesse ler os docu-

mentos monásticos, em São Paulo. Conversamos e consegui convencê-lo de que, apesar da idade, eu tinha conhecimento e maturidade para fazer o que estava fazendo e o que queria fazer. Deu-me uma carta de recomendação para Dom Mauro Haag, o arquivista em São Paulo, que me permitisse ler os documentos, “sob sua direta vigilância”. Foi meu primeiro e emocionado acesso aos arquivos beneditinos, que guardavam 246 anos da história de São Caetano.

Aí pelo fim de 1956 meu livro estava pronto. Como publicá-lo? Um dos engenheiros da Cerâmica, do mesmo escritório em que eu trabalhava, Nelson Sotto-Maior, sugeriu que eu conversasse com o engenheiro Dr. Urames Pires dos Santos, da Copami, uma empresa coligada com a Cerâmica, que funcionava lá mesmo. Eu o conhecia de levar-lhe papéis e documentos do Dr. Renato. Ele era também jornalista e editor da revista *Acimarec*, a bem feita publicação interna da fábrica para distribuição aos empregados. Rotariano, ele provavelmente poderia indicar-me o caminho para viabilizar a publicação. Convenceu o Rotary Club a patrocinar a edição do livro. Obteve pareceres do médico Dr. M. Gutierrez Durán, eminente figura da entidade, autor de livros didáticos sobre história e geografia, que se expressou num texto de apoio ao meu livro. Obteve o apoio de outro rotariano,

Mário Porfírio Rodrigues, diretor do *Jornal de São Caetano*, que publicou textos de apoio à edição de meu livro. Eu não sabia, mas em São Caetano havia forte resistência à publicação de um livro como o meu. Quando o livro foi lançado, pessoas da cidade foram ao Mosteiro de São Bento para obter provas de que eu não havia feito pesquisas ali. Foram escoreçadas por Dom Mauro. Soube da história, mais tarde, por Hermano Pini Filho, jornalista, correspondente de *O Estado de S. Paulo*, meu amigo e colega na Cerâmica São Caetano.

O livro saiu. Não teria saído se não fosse o empenho generosíssimo de Urames Pires dos Santos, Mário Porfírio Rodrigues e do próprio Dr. M. Gutierrez Durán. O Dr. Urames era vereador e propôs à Câmara um projeto de dotação de meios para que o livro fosse publicado.

Pouco depois, ingressei no Curso Normal do Instituto de Educação Dr. Américo Brasiliense, de Santo André. Ali, duas professoras muito competentes, Margarida Amyr Silva e Aracy Ferreira Leite, me ensinaram, com rigor, os caminhos não só da pesquisa, profissionalmente feita, mas também os da

interpretação: história não é e nem pode ser apenas coleção de dados velhos. Sem teoria e interpretação teórica não é nada.

Devo a todas essas pessoas o apoio e o reconhecimento de que eu podia fazer o que fiz. Aprendi com elas a aprender e a ensinar, como professor e autor.

Muitas fotos foram feitas na época do lançamento do livro. Não tenho nenhuma. Tenho uma, de 1960, quando aluno no “Américo Brasiliense”, ainda com cara de “menor de idade”.

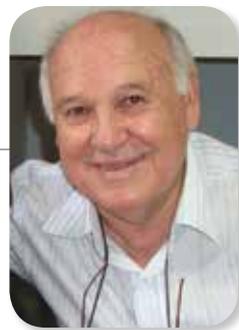
Em janeiro de 1958, tirei férias na fábrica e, pelo fato de ter escrito e publicado o livro, dei-me de presente uma louca viagem de trem. Embarquei na Estação da Luz, no dia 4, um sábado, no trem da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, no trem das 12h05, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, até Bauru. Depois, no noturno da Estrada Noroeste do Brasil, e comecei uma longa travessia ferroviária na América do Sul. Atravessei o Estado de São Paulo ainda coberto de cafezais, passei pelo Mato Grosso, vi o Pantanal, e três dias depois fui dormir num velho hotel de Corumbá, à beira do belo Rio

Paraguai, na fronteira com a Bolívia. Dias mais tarde, embarquei num trem do recém-inaugurado Ferrocarril Brasil-Bolívia. Atravessei aquele país e fui até Tiahuanacu, além de La Paz, lugar de uma civilização pré-incaica, próximo ao Lago Titicaca e fronteira com o Peru. Dali, iniciaria a viagem de volta. O dinheiro minguando pelo caminho. Em Cochabamba, só tive recursos para dormir numa pensão de quinta categoria: numa cama de casal para nove pessoas, atravessadas para caberem todas. As outras eram oito índios que só falavam quíchua, num quarto sem porta, a temperatura baixíssima dos Andes e o cheiro da privada entupida, e também sem porta, atormentando só a mim. Os outros fer-raram no sono. Chegaria a São Caetano no dia 25 de janeiro, à noite, com pneumonia. Nos últimos dias da viagem, minhas refeições haviam sido média de café com leite e pão com manteiga. O dinheiro tinha acabado. Eu descobrira a América profunda. Pretendia escrever meu segundo livro com a narrativa dessa viagem. Não o fiz. Virou caso para contar em rodas de amigos. **R**

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

É NATURAL DE SÃO CAETANO DO SUL, DE UMA FAMÍLIA DE IMIGRANTES ALI CHEGADOS EM 1912. É CIDADÃO EMÉRITO DE SÃO CAETANO DO SUL. É SOCIOLOGO E PROFESSOR EMÉRITO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, ONDE SE DOUTOROU, FEZ A LIVRE-DOCÊNCIA E SE TORNOU PROFESSOR TITULAR. FOI PROFESSOR VISITANTE DA UNIVERSIDADE DA FLÓRIDA (EUA) E DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. FOI PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE E FELLOW DE TRINITY HALL (INGLATERRA). É DOUTOR HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA E DA UNIVERSIDADE DE SÃO CAETANO DO SUL E PROFESSOR HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (MG). É MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS.

João Tarcísio Mariani



Acrésc./Família Garbelotto

Uma vida digna de um Oscar

Fanático e visionário. Obstinado e perseverante. Empreendedor e amante da cultura e da memória.

Garbelotto
em foto
recente

O personagem em foco hoje e título desta crônica biográfica, foi, justamente, quem nos convidou para ser um colaborador da revista *Raízes*, em 2004, e nós gostaríamos de já tê-lo homenageado há muito tempo. Sendo assim, por sugestão desse personagem, passamos a escrever para a publicação, contribuindo, principalmente, com crônicas e artigos, umbilicalmente ligados ao Bairro da Fundação, onde nascemos, e, de preferência contando “causos” com ênfase em pessoas, desde as mais simples às mais destacadas de nossa cidade. Não foi intencional, mas, aos poucos, fomos criando gosto em homenagear figuras de São Caetano, que vieram ao nosso encontro, fruto de aparente casualidade.

Tivemos oportunidade de nos aproximar e travar conhecimento com figuras que fizeram a história de nossa cidade: José de Souza Martins, Mário Porfirio Rodrigues, Mário Dal’Mas, e outros. Em muitos eventos, os quais envolveram e enalteciram esses personagens, nós estávamos por perto, aprendendo a admirá-los e a ter

vontade de registrar os seus feitos.

De repente, nos demos conta de que uma só pessoa havia nos ligado a todas as outras, inclusive as já citadas acima. Também de repente, nos veio a ideia de homenagear esse personagem, um expoente da cultura de São Caetano do Sul. Recentemente, aconteceu que, não precisaria mais realizar uma pesquisa sobre sua vida, já que ele nos concedeu a honra e o privilégio de receber algumas folhas impressas, digitadas por ele em seu computador. Nessas páginas, ele conta o que intitulou de *Histórias de Uma Vida*, texto iniciado em 8 de agosto de 2005 e interrompido em 31 de outubro de 2015, por conta de problemas de saúde e de sua primeira internação hospitalar. Podemos afirmar que, utilizando uma expressão bem antiga, recebemos esse material de *mão beijada*, mas, no caso, a mão a ser beijada deve ser a dele, em reverência, respeito e admiração pelo que fez pela memória e pela cultura de São Caetano.

O homenageado não gosta de destaque, muito menos de elogios, pelo contrário, sempre

fez questão de projetar novos nomes no cenário cultural da cidade para que esses amigos e colaboradores não só o ajudassem em seus projetos, mas também dividissem com ele os louros do êxito de suas iniciativas. A impressão que fica é a de que, primeiramente, ele sempre escolheu as pessoas para quem poderia confiar os seus sonhos e, também, em quem poderia confiar para realizá-los. Apenas depois disso é que dava início ao desenvolvimento desses sonhos, tornados planos, convertidos em projetos e transformados, finalmente, em exitosas realizações.

Muitos logo identificarão o nosso personagem, ao tomar conhecimento da história e das memórias de alguém cujo sobrenome chegou aqui em 1877, com o primeiro grupo de imigrantes italianos, que vieram do Vêneto para colonizar as terras do núcleo de São Caetano do Tijucuçu. De lá para cá, a família, sinônimo de trabalho e perseverança, inspirou o nosso personagem a atuar na vida de nossa cidade, desde criança até hoje. Ele merece perpetuar-se por tudo aquilo que

ajudou a implementar em favor de São Caetano do Sul.

Mas, vamos ao resumo de sua história, contada por ele, transcrita por nós, e com algumas poucas observações que fizemos, exclusivamente, de episódios compartilhados por ambos.

A infância – Nosso personagem nasceu no Bairro da Fundação, em pleno ano da Revolução Constitucionalista de 1932, e teve sua infância intensamente vivida no coração do bairro e na vizinhança da Paróquia São Caetano. A casa não era tão grande, mas o quintal... Começava de frente para a Rua 28 de Julho, onde ele nasceu, e ia até os fundos na Rua Ceará, tendo à direita, a casa da família Mariani (onde nasci).

Esse quintal, que para muitos era um depósito, para ele era o “paraíso”. Pés descalços, muito espaço para brincar, tempo para trabalhar e períodos para diversão e traquinagens. E que grande versatilidade tinha aquele depósito! Abrigava residência, horta, árvores frutíferas, armazém para estocar bebidas, cocheiras, galinheiro, viveiro de pássaros e até campo de futebol. E, por falar em futebol, após 1950, havia até salão com um dos raros aparelhos de televisão da cidade.

Para nós, vizinhos do depósito, era um privilégio. De vez em quando nos davam refrigerante ou cerveja de brinde.

Sentados em cima do muro, assistíamos aos funcionários do depósito jogando futebol no fim do expediente; aos domingos, quando havia jogo transmitido pela TV, éramos convidados para ir assistir no salão. Contávamos isso como um grande privilégio, pois quase ninguém tinha o aparelho.

A família era representante da maior produtora de bebidas daquela época, em São Caetano e adjacências, daí o nome “depósito” (este era o nome comum pelo qual a família designava a concessionária). Por conta disso, muito cedo, a partir dos 8 anos, nosso personagem já é uma criança que ajuda a carregar caixotes, entregar gelo e desempenha outras atividades, menos nobres, como limpar as cocheiras.

As bebidas eram entregues por carroças com cavalos ou pelos esquisitos caminhões (alemães) da produtora de bebidas. O gelo que chegava, em grandes barras, era quebrado em pedaços. Essas porções eram levadas em uma carriola, por nosso personagem, e entregues nas casas de altos funcionários das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, que moravam próximos ao largo da Matriz Velha (Paróquia São Caetano) e na Rua Mariano Pamplona (casas essas de propriedade da Matarazzo). É preciso lembrar que, na época, ainda não havia refrigerador e os alimentos eram conservados em



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Rua 28 de Julho, na década de 1930

Paróquia São Caetano, em foto de 1927

Fachada atual do Museu

geladeiras de madeira fornecidas pelo próprio produtor de bebidas. A função do nosso garoto, justamente, era levar os pedaços de gelo, transportados em carrinho de mão, todas as manhãs, para abastecer as tais geladeiras. As lascas de gelo que sempre sobravam eram saboreadas tal qual um delicioso sorvete. Moral da infância: levar gelo era penoso, limpar cocheiras era mal cheiroso, mas viver no depósito era muito *gostoso!*

A adolescência - A criança trabalhadora dá lugar ao adolescente que praticava ginástica no Clube Lazio, da Rua Rio Branco, e esocotismo no Grupo João Ramalho. Aos poucos, os traços culturais da família começam a impregnar a configuração do jovem estudioso e idealista que desabrocha para ideais mais nobres e elevados.

Os pais eram muito chegados à música. O pai, Arthur, era fanático por óperas, operetas e grandes companhias teatrais. A mãe, Thereza, era apaixonada por músicas italianas, ouvidas no rádio enquanto se ocupava dos afazeres diários. Aos 12 anos, o menino é levado por seu pai ao Theatro Municipal de São Paulo, para assistir à ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, e ao Teatro Colombo, no Brás, para ver a peça teatral *Deus lhe Pague*, de Joracy Camargo, que tinha como ator principal o incomparável Procópio Ferreira. Essa peça se tornou o maior sucesso do teatro brasileiro na primeira metade do século 20 e a primeira peça teatral brasileira encenada no exterior, alcançando prestígio internacional. Segundo as palavras do nosso homenageado: “Foram dois momentos marcantes em minha vida. Tornaram-se as portas que me abriram definitivamente para o mundo da cultura. Daí para frente meu interesse cultural criava novas oportunidades, novos amigos e mais conhecimentos”.

Em 1947, durante a grande campanha pró-construção do Hospital São Caetano, nossa cidade começou a receber a presença de grandes orquestras, em concertos para obtenção de fundos, destinados à empreitada. Para isso, o Cine Max era palco de eventos musicais, ora da Banda Sinfônica da Polícia Militar, ora da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, regida pelo maestro Armando Belardi.

O nosso jovem personagem, antes de completar 15 anos, não só estava presente em todos os espetáculos musicais, como também já tinha definida a sua grande vocação pela cultura. Já com 15 anos, ele começa a fazer parte da Congregação Mariana da Paróquia São Caetano e, por quase uma década, conviveu com grandes amigos. O mais velho deles exerceu forte papel sobre o futuro do jovem, como autêntico professor de religião e de vida: Manoel Cláudio Novaes. Foi ele que, um dia, levou o nosso personagem a conhecer a Faculdade de Direito do Largo São Francisco e plantou nele a semente de sua futura carreira de advogado.

Vale lembrar os amigos que ele destaca, entre tantos que teve na Congregação Mariana: Luiz, Antonio e Santo Batistella, Avelino Portela, Andrea Perrella Netto, João Batista Geraldo, Raimundo Tonetto, Mario Migliani, João Tondato, Milton de Sordi,

André Leoni Netto, Aldo Piasentin, João e Marino Mantovani.

Ao se referir à sua presença frequente nos bailes da época, cita, principalmente, os do Comercial e da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul, com o seu Baile da Pipoca. O último do qual participou, em 1963, no suntuoso Moinho São Jorge (Palácio de Mármore), foi com a sua noiva, e depois esposa, Bete.

Uma nova etapa em sua vida começa já como universitário do curso de direito, ao disputar e vencer a eleição para a presidência do Centro Acadêmico de São Caetano, com seus novos amigos, entre eles: Paschoal Giardullo, Arnaldo Sante Locoselli, Norberto Victor Barile, Ayrton Filleti, Gelson Iezzi, Leopoldo Luiz, Delmo Nicoli, Darmil Garcia Lopes, além de outros não citados nas anotações.

Com verdadeiro espírito de equipe, o grupo eleito, com integrantes de famílias tradicionais da cidade, impulsionou novos projetos, fazendo do Centro Acadêmico um marco na vida estudantil e na vida da própria cidade. Nesse período, surgem iniciativas vitoriosas, que já foram objeto de artigos e crônicas na revista *Raízes* e que marcaram época, tais como o Baile do Calouro e a Passeata do Silêncio, entre outros.

Em especial, lembramos a Passeata do Silêncio, que mobilizou a cidade inteira, quando o grupo propôs e organizou o enterro simbólico dos vereadores pelas ruas do centro de São Caetano. Os vereadores haviam proposto um exorbitante aumento de seus salários e tiveram de recuar diante da intensa manifestação popular promovida pelos estudantes.

Enquanto atuava no Centro Acadêmico, nosso homenageado foi também nomeado para a função de presidente da Comissão Municipal de Esportes. Durante a sua gestão foram idealizadas três competições escolares envolvendo o Centro Acadêmico, o Colégio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho e o Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. As competições foram um importante marco esportivo na cidade, a partir daquela data, e enquanto existiram. A partir de 1960, quando o afastamento dos concluintes da universidade era considerado compulsório, o grupo começou a afastar-se. Era o início do fim de um ciclo vitorioso.

O amor e a dedicação à cultura - De 1959 a 1960, como chefe da Seção de Educação e Cultura (não havia ainda Diretoria ou Secretaria Municipal de Educação e Cultura), começou sua trajetória de iniciativas. A primeira

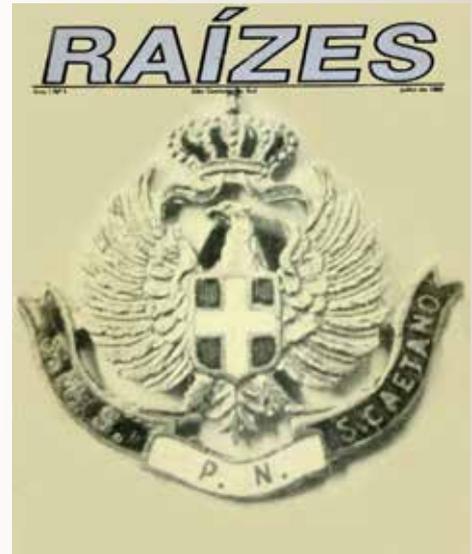
delas foi levantar a bandeira da criação de um museu na cidade.

Para isso, o nosso homenageado e o ilustre sociólogo José de Souza Martins trabalharam juntos e estabeleceram todas as condições necessárias para que esse sonho se tornasse realidade, desde a criação, a definição do local, a formação do acervo e, finalmente, a instalação do Museu Municipal de São Caetano, em 1960.

Outra iniciativa foi um convênio com o Serviço Social da Indústria (Sesi), que tinha um excelente grupo teatral, dirigido por Osmar Cruz, o que permitiu programar um espetáculo teatral por mês no Teatro Santos Dumont. Como os ingressos eram distribuídos gratuitamente em escolas e indústrias tinha-se a garantia de “casa cheia”.

Em 1961, foi inaugurada a Concha Acústica, no Jardim Primeiro de Maio (atual Praça Luiz Olinto Tortorello) e a parte cultural do evento ficou sob responsabilidade de nosso homenageado, destacando-se a apresentação do então jovem pianista João Carlos Martins.

Com a criação, em 1967, do Departamento de Educação e Cultura, nosso personagem assume a diretoria e convida para o seu grupo de trabalho e para chefiar a Seção de Cultura, o competente e saudoso amigo Milton Andrade. São desse período as realizações:



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Capa da primeira revista *Raízes*, lançada em julho de 1989



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Inauguração da sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no dia 26 de setembro de 1992, que ficava localizada na Avenida Goiás, nº 600. Vemos, ao microfone, o então presidente Oscar Garbelotto



Acervo/Igênia Matriz Segunda Família

Oscar Garbelotto e José de Souza Martins

- _ 1º Salão de Arte Contemporânea;
- _ Festival de Música Coral;
- _ Criação da Fundação das Artes, sendo convidado para ser o seu primeiro diretor o maestro Walter Lourenção, com escolas de artes visuais, teatro, música e dança;
- _ Criação da Orquestra de _ Cordas, sob a regência do maestro Moacyr Del Picchia;
- _ Criação das *Manhãs de Arte*, encontros dominicais com apresentação de espetáculos musicais no Teatro Santos Dumont, entre eles a Orquestra de Cordas e até grupos internacionais, como a Orquestra de Cordas Gulbenkian, de Portugal, até hoje em atividade e internacionalmente famosa;
- _ 2º Salão de Arte Contemporânea;
- _ Salão de Arte Fotográfica;
- _ Feira de Livros;
- _ 1º Festival Nacional de Música Contemporânea.

Ainda em 1967, uma comissão, sob a presidência do nosso personagem, então advogado e diretor de Educação e Cultura, tendo como membros Claudio Musumeci, Rubens Lopes de Figueiredo, Milton Feijão e Fábio Teixeira, enviou um projeto de lei à Câmara Municipal e, em 19 de

setembro de 1967, foi promulgada a lei criando, em forma autárquica, a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais de São Caetano.

Nossa figura foi professor fundador da faculdade que começou suas aulas regulares no dia 1º de agosto de 1968. Em maio de 1970, a instituição tornou-se o Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes). Em agosto de 2004 recebeu a denominação atual, de Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). O nosso homenageado foi o terceiro diretor do Imes, de 1973 a 1977.

Mais tarde, em julho de 1989, o nosso personagem, ao lado de Aleksandar Jovanovic (a bem da verdade, o idealizador desta revista), Claudinei Rufini, Henry Veronesi, Mário Botteon, Sonia Maria Franco Xavier e Valdenízio Petrolli, lançaram o primeiro número da revista *Raízes*. Não por acaso, seu número 1 traz como tema do primeiro artigo a religiosidade dos pioneiros italianos que vieram colonizar São Caetano e o seu autor era, exatamente, o nosso homenageado.

A iniciativa da criação de uma publicação como *Raízes* motiva nosso personagem e seus colaboradores a levarem adiante um empreendimento maior: um grande projeto denominado “Pró-Memória”,

estabelecido por meio de portaria, em 1989. O grupo trabalhou desde o início do projeto até a definição do importante Conselho de Curadores que delineou os rumos de uma Fundação. Ele contribuiu, ativa e decisivamente, para criar, em 1991, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Nessa instituição, o que era fundamental para a cidade: organizar, instalar e manter atividades voltadas à preservação e divulgação do patrimônio histórico e cultural, para que hoje pudéssemos continuar a colher os frutos daquela brilhante ideia, primoroso trabalho e marcante realização.

Há algum tempo, conversamos com José de Souza Martins sobre a nossa intenção de escrever a respeito do personagem que, por sinal, é nosso amigo comum. Ele prontamente aprovou: “Mais do que justa e merecida a homenagem a ele!”. Martins confirmou, em breve e enfático depoimento, algumas das atividades que ele desenvolvera com o nosso personagem e, a seguir, registramos: “Convivi com ele no Departamento de Educação e Cultura, da prefeitura de São Caetano, quando Massei foi prefeito, a quem propuséramos a criação do Museu Municipal. Massei aceitou a sugestão e nos convidou

para viabilizar a proposta. Fui contratado para trabalhar com o diretor (justamente, o amigo desta homenagem), desenvolvendo todas as etapas com ele, da fase de formação do acervo, de aluguel do local e da instalação do museu. Foi dele que recebi um apoio entusiástico e decisivo ao projeto. Sem ele o museu não teria saído. Estivemos juntos até o término da administração Massei, quando ele deixou o Departamento de Educação e Cultura. Estive novamente com ele quando assumiu a presidência da Fundação Pró-Memória. Também aí, ele se dedicou apaixonadamente e criativamente. Eu fazia parte do conselho. Sei que ele se envolveu também na criação da Orquestra Filarmônica do ABC. Fiquei deslumbrado com o projeto da compra do piano para o teatro de Santo André. Foi ele quem me narrou a criatividade utilizada para atingir esse objetivo: Cada pessoa ou grupo de pessoas ‘comprou’ uma tecla do piano, que seria importado da Alemanha”.

Esse testemunho de Martins nos ajuda a mostrar que, quando falamos de iniciativas de caráter de memória e de cultura em São Caetano, lá estava o nosso insigne personagem presente e atuante, com dedicação e vibração, durante toda a sua vida.

Temos a certeza de que, ao nos escolher como fiel depositário das memórias de sua vida, ele não optou pelo melhor amigo, nem por aquele que mais merecia a deferência, mas escolheu, simplesmente, aquele que deixou de ser amigo para ser confidente. A partir da doença que o acometeu e às constantes internações no hospital, passamos a estreitar a nossa convivência, transformando-a de humana e temporal em divina e espiritual.

Passamos a levar para ele a comunhão, em casa ou no hospital, e, aos poucos, nos tornamos mais importantes como ministro da comunhão do que como amigo. Eis aí a essência: entregar a ele a única “esperança” que os médicos do hospital não lhe podem dar e, nisso, não há nenhum mérito nosso, diante da infinita grandeza daquEle a quem levamos e em quem ele confia em plenitude.

Ironicamente, as páginas que o nosso homenageado nos deu, de um lado, traziam as *Histórias de uma Vida* e, no verso, estava impresso um termo de internação e responsabilidade entre hospital e paciente, datado de 31 de outubro de 2015. Acaso ou profecia? Fica no ar a imagem de que a história de vida passou a ser mais no hospital do que em casa. Mas quem conhece sua tenacidade sabe que ele vai conti-

nuar lutando sempre!

Propositalmente, até o fim, omitimos o nome, para que uns descobrissem, a cada aspecto, o alvo de nossa homenagem, porque o conhecem e sabem do que ele foi capaz de realizar. Outros, porque conhecendo apenas os projetos e os admirando, ficassem com muita vontade de saber quem foi o intrépido e visionário empreendedor deles.

Há muito tempo São Caetano tem um preito de gratidão e uma imensa dívida de reconhecimento para com o valor dessa figura, que dispensa apresentação, uma vez que qualquer referência a ela sucumbe diante de tantas e tão bem sucedidas realizações. Declaramo-nos incompetentes para elencar todos os seus feitos em favor de nossa cidade, mas não queríamos deixar de ressaltar a sua figura, diante da nossa admiração e respeito.

Se fosse criado em São Caetano um prêmio como o *Oscar*, para distinguir aqueles que mais contribuíram para a cultura e a preservação da memória da cidade, a primeira estatuetta a ser outorgada seria para o nosso homenageado e ficaria interessante ouvir o mestre de cerimônia anunciar: E o Oscar vai para... **Oscar Garbelotto!** ■

JOÃO TARCISIO MARIANI

É CONSULTOR EMPRESARIAL E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marcos Massolini

EEPG 28 de Julho (1975 a 1982): amizades e histórias que se perpetuam

Muitos transeuntes que passam atualmente pelo cruzamento das ruas Oriente e Flórida, no Bairro Barcelona, não suspeitam, mas o “28 de Julho”, conhecida escola localizada na famosa intersecção, onde também se encontram a Panificadora Canoa e a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, é bem diferente do 28 de Julho de quatro décadas atrás. O antigo imóvel veio abaixo há alguns anos para dar lugar a um prédio suntuoso, com rampas, mais andares e salas mais espaçosas. As árvores frondosas que circundavam o terreno não permaneceram ali na planta atual, optou-se por recuar o terreno da escola e inaugurar no local uma nova praça. Sim, o “28 de Julho” continua no mesmo lugar, mas é uma nova escola.

A minha história pessoal com este tradicional grupo escolar, fundado em 1952, começa

em 1975, quando entrei no 1º ano do primário. O interessante é que eu sabia ler desde os cinco anos, mas, como faço aniversário em setembro, tive de esperar mais um período. Por causa desse detalhe burocrático, fechei o primeiro ano com 8 anos.

O nome inteiro da instituição era Escola Estadual de Primeiro Grau 28 de Julho. Em 2007, foi municipalizada, mudando para Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) 28 de Julho. Naquela época, já seguia aquela numeração de classe com letras, como 1ªC, 3ªD, 4ªA, etc. Lembro-me de quase todos os professores que tive durante os oito anos de primário e ginásio: Dona Cleide, Dona Fuaruka, Dona Nair, Dona Lígia, Seu Francisco, Dona Hilda, Dona Neuza (Papote, amiga da minha mãe), Dona Neuza II (de português, morou na Rua Martino de Martini e faleceu em outubro de 2006), Dona Laura (mora ainda hoje na Alameda Cassaqueira, no mesmo bairro), Dona Mitie, Dona Luiza, Dona Neide, Bodão

(de educação física), Estevan Gava (que substituiu o Seu Francisco), Dona Jane, Dona Izaíra, Dona Sônia, Dona Hermínia, Seu Vladimir, Dona Rosa e Seu Murilo.

Seu Francisco era o nosso mestre em geografia (estudos sociais), com óculos grossos, cabelos grisalhos, parecia saber a verdade do universo. Dava aula para “pestinhas”, mas não admitia bagunça ou barulho. Na sua fúria, ele se continha, ficava vermelho, parecia que ia explodir. Para o Seu Francisco, fiz muito mapa em papel manteiga, copiando atlas no vidro da janela da minha casa.

Quem estudou nesta época, no “28 de Julho”, com certeza:

- Viu Seu Gregório chegando às portas de sua aposentadoria como diretor (para depois dar lugar a Dona Noêmia e, na sequência, a Dona Nair). Aliás, neste ano de 2017, Seu Gregório ainda frequenta as imediações, cortando o cabelo todo mês no tradicional salão Algarve, na Rua Oriente;

- Praticou muito esporte coletivo na quadra aberta e, se não jogou,

Fachada do Ginásio Estadual 28 de Julho, inaugurado na década de 1950



Aerov/ Fundação Pós-Memória de São Carlos do Sul

certamente fez parte de alguma torcida;

- Levantou da carteira em posição de sentido quando o diretor ou alguma autoridade adentrou à classe;

- Iniciou o período usando camisa branca com a bandeira do Estado de São Paulo estampada no bolso e uns anos depois, avental branco estilo cientista (o meu avental, aliás, vivia cheio de assinaturas e desenhos);

- Viu algumas brigas na “graminha” (o gramado da Rua Nazareth, bem em frente ao portão de saída), onde a coisa era resolvida no muque, sem a covardia de ter dois contra um, e, geralmente, acabando sem grandes consequências ou até em nova amizade;

- Brincou no intervalo de jokenpô (o famoso jogo do papel, tesoura, pedra – quem participava muito desta brincadeira com a gente era o inspetor de aluno Francisco – o Fran).

Em minhas primeiras lembranças do “28”, como carinhosamente chamávamos a escola, guardo aquelas figuras heroicas dos pipoqueiros e seus carrinhos cheirosos. Na saída do primário, chegava a ter uns quatro pipoqueiros, um ao lado do outro. Lembro-me de um senhor, o Seu José, todo arrumadinho, de uniforme azul e bigodinho, que vendia pipoca de canjica (depois de uns anos, passou a estacionar o seu carrinho em frente ao bazar Taipas, na esquina da rua homônima com a Rua Maceió). Tinha

outro, alto e magro, bem menos asseado, mas cujo molho especial era imbatível. Outro que dava sua estacionada na saída dos alunos era o lendário Palheta, sorveteiro que parecia ter um carrinho mágico, tamanha quantidade de sabores no palito que saía do seu interior: côco queimado, groselha, abacate, nata, abacaxi, pistache.

Já as quadrilhas de festa junina eram sempre um barato. Hoje em dia a coisa tá mais para o lado “sertanejo”, mas nesse tempo de ginásio ainda tinha o clássico passeio dos casais, incluindo o “olha a cobra” e o inesquecível “tourr”. E dá-lhe rolha queimada na cara dos meninos, “maria-chiquinha” no cabelo das meninas e correio elegante circulando no “arraial”.

Marcos Romano, falecido recentemente, foi um grande chapa meu nestes primeiros tempos de escola. Ele morava na Rua Capeberibe (onde anos depois, casado, fui morar) e era divertidíssimo. Ruivo, palmeirense (daqueles que não tiravam a camisa nem pra dormir), de um humor único movido a ironia e sarcasmo, ele sempre caía na mesma classe que eu. Gostava muito de pipa e carrinho de rolimã e uma de nossas maiores diversões era “cascar o bico” (gíria muito usada na época para designar rir sem parar) lendo a revista humorística *Mad*, na sua melhor fase (publicada pela Editora Vecchi, entre 1975 e 1979).

Uma vez, saindo do “28”, resolvemos dar um rolê e acabamos parando perto da casa dele, onde nos empanturramos de tubaína, coxinha do bar do Miro e canudinho de côco do bar do Zé. No meio dessa farra toda, começamos a falar besteira e logo veio um ataque de riso daqueles. Os dois saíram para a rua sem ar – parecia superdose de gás do riso – e só não rolamos de rir por conta de uma “baratinha” (Fusca da polícia na época da Ditadura), que passou devagar pela gente e acabou estancando na hora a gargalhada desenfreada, afinal era de bom tom manter a compostura, pois quem ria à toa na rua nesta época podia sofrer uma vistoria completa – no caso das crianças, passava-se uma descompostura considerável. A viatura se foi e pra comemorar, pedimos a saída: mais uma tubaína, duas coxinhas e duas marias-moles, para sacramentar a tarde.

Um outro episódio, com o Romano, que eu não posso deixar de fora: Eu, ele e o Luciano (outro chapa), estávamos subindo a Rua São Paulo depois de um jogo de basquete entre o “28” e o “Gaia” (EEPG Professor Decio Machado Gaia) no Tamoyo (Clube Esportivo Recreativo Tamoyo), depois de um jogo tenso, tanto na quadra, como entre as torcidas, em que o “28” ganhou com muito esforço. Mesmo assim, estávamos caminhando



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caramuru de São



Arquivo/Comissão de Fomento

Flagrante de festa junina realizada na EEPG (atual EMEF) 28 de Julho, em 1982: tempo da maria-chiquinha e do correio elegante

Formandos do “28 de Julho”, em 1982, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida

despreocupadamente, quando vimos um grande bloco de torcedores do outro time no mesmo lado da calçada, apontando pra nós e gritando: “- Pega, pega!” Não sabíamos o que estava “pegando”, mas eu e Romano saímos em disparada. O Luciano ficou sem reação imediata, paralisado, mas conseguiu se safar, depois de entrar em um boteco e pedir guarida. Eu e Romano subimos uma baita ladeira (quem conhece a Rua São Paulo, bem no início dela, sabe que o morro é considerável), e só arriamos quando a barra ficou limpa. Depois de uns dez minutos, o Luciano aparece, contando que ficou escondido embaixo do balcão, esperando o bloco passar. Rimos muito, como que expulsando de vez o nervosismo, afinal, estávamos suados, assustados, exaustos, mas inteiros. Depois ficamos sabendo na

escola que essa rixa entre o “28” e o “Gaia” já era antiga.

A gente respirava esporte praticamente o dia inteiro, a começar pela aula de educação física, que começava muito cedo e propiciava um dos momentos mais inesquecíveis da 6ª série: a visão do planeta Marte, a olho nu, em plena Rua Alegre, às 6h20 da manhã. Felizardos: Eu e o Égon, nas manhãs frias e abertas de outono, rumo à aula do professor Bodão. Mas uma das lembranças mais vivas é a conquista do campeonato interno de futebol de salão na 7ª série. Tão viva que em encontros posteriores com amigos, detalhes precisos vieram à tona. Ivan, que jogava no gol pra gente até em campeonato de botão, lembrou-se da escalação: ele no gol (claro), eu, Luciano, Rogério Kovacs, Romano, Zé Ricardo, Égon e Sacheta; no time adversário, Celso Ragassi, Feijão, Marcão, Mauro e Honório. Zé Ricardo, nosso ponta driblador, quando me encontrou uns anos atrás, tinha na cabeça toda a arquitetura do gol que fechou com galhardia o disputado campeonato daquele ano: Rogério Kovacs, maestro do meio-campo, se livrou de um volante no meio e dali mesmo, de direita, mandou a bola no ângulo do gol adversário! O ouro era nosso!

A partir da 4ª série começou a ser formada uma grande turma que iria se consolidar no 7º

e 8º ano e que, ao se juntar com amigos do bairro e adjacências, seria chamada de Turma do Ponto, por ter como local de encontro o ponto de táxi da esquina do próprio “28 de Julho”. Desse grande grupo de amigos que estudou tantos anos junto, alguns integrantes fariam parte posteriormente dessa turma: Égon, Ivan, Zé Ricardo, Valmir, Valéria, Nica, Celiane, Cris, Paula, Maria Paula, Mônica Reiko, Lúcia e João. Do período noturno, Fran, Kátia, Márcia e João Alfredo. Outros como Romano e Marcos Sacheta, embora desgarrados por natureza, também seriam fundamentais para grandes aventuras ocorridas nos anos seguintes, que serão contadas em outra oportunidade.

Meu filho Gabriel entrou em 2006 no primário. Minha filha Letícia, em 2008. Ambos completaram o fundamental I e II na mesma escola. Advinharam qual? Dica: tem dois números no nome.

Este artigo eu dedico ao meu saudoso amigo Marcos Romano (1968-2016). Em algum outro momento da eternidade, nos reencontraremos para gargalhar com vontade mais uma vez! **R**

MARCOS EDUARDO MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009 E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.

Municípios lendo o jornal *O Arauto*, logo após sua distribuição nas bancas, na Praça Cardeal Arcoverde, em 1962

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Grupo de amigos reunidos nas imediações da Rua Baraldi, na década de 1950. A partir da esquerda, vemos: José Bugar, Vicente Bento de Araújo e Américo

Benção de veículos por ocasião da procissão de São Cristóvão, na década de 1960. No palanque, foram identificados: Antonio Russo, Oswaldo Martins Salgado e o vereador Júlio de Mello



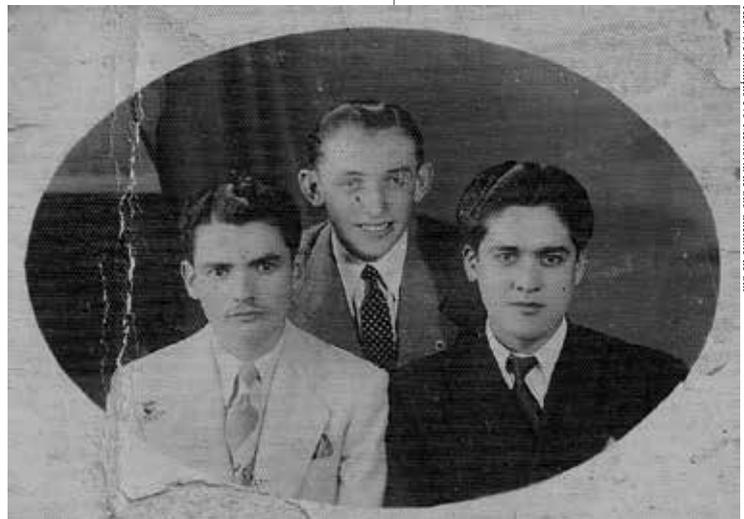
Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul (IESCS). A escola, hoje demolida, ficava na esquina das ruas Baraldi e Amazonas. O IESCS foi fundado por Vicente Bastos e Celso Marchesan. Foto da década de 1950

Foto dos amigos Mário Dal'Mas (à esquerda), José Bellotti (ao centro) e Mário Porfírio Rodrigues (à direita). Foto de 26 de julho de 1942



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Integrantes da família Spachacqueria fantasiados para o carnaval de 1941. Na foto, em pé, foram identificados: Rosa Rapuano, Mauro Corvello, Olga Infanti, Carlos, Loly Lonso, Izolda Lonso, Orlanda e Accácio. Sentados, estão: Otávio e Ivone Infanti

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Família Matsuzaki. Rikishi Mastuzaki chegou ao Brasil em 1932 a bordo do navio Montevidéu Maru. Inicialmente, dirigiu-se para Marília, interior de São Paulo. Sua esposa Iomoko Matsuzaki, chegou ao país a bordo do La Plata Maru, em 1933, e seguiu rumo à região mogiana, também interior do Estado. O casal se estabeleceu em São Caetano em meados da década de 1940. Foram proprietários da Tinturaria Santo Antonio. Vemos, na foto, da esquerda para a direita: Yoko Matsuzaki, Iomoko Matsuzaki, Masao Matsuzaki (colo), Kioko Matsuzaki, Rikishi Matsuzaki, Katuo Matsuzaki e Satiko Matsuzaki. Foto de 1955

Mães e filhos reunidos. A partir da esquerda vemos: Amália e Irineu (colo); Conceição e Dirceia (colo); Augusta, Manolo (colo) e Mário (em pé); Dolores e Maneco (colo); Jacira e Roberto (colo); Rafaela e Zezinho (colo). Ao fundo, casas localizadas na esquina das ruas Giuseppe Braido e Manoel Augusto Ferreirinha. A da esquerda pertencia à família de Valentin e a do meio à família de Baianinho. A casa à direita era da família de Júlio Dea (conhecido por Júlio Leiteiro), onde havia um curral com vacas leiteiras. Foto de 1945

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Os irmãos Maria Inês e Cláudio Colonhesi, sobre pontilhão da estação ferroviária de São Caetano do Sul, em 1952

Família Duó. O casal Pedro Duó e Luiza Prenholato Duó instalou-se em parte do território que hoje corresponde ao Bairro Nova Gerty. Na foto, eles aparecem ao centro, rodeados por filhos e netos. Foram identificados: Maria, Eugênio, Antonio, João, Pascoal, Domingos, Santina, Santino, Pedro e Luiza. Os netos são: Angélica, Luzia, Dirce, Idenor, Moacir, Mirian, Aparecida e os gêmeos Remo e Rômulo. Foto do final da década de 1920



Grupo de amigos reunidos no quintal da Fábrica de Doces Linguanotto, na Rua Amazonas, mostrando peixes pescados no Rio Grande. Foram identificados: José, Dito, Nelson Malerba, César Malerba e Ricardo Ferrante. Foto de 1940



RAÍZES E RETRATOS
GENI BRUSATTI BORTOLETTO



CASAMENTO DE MARIA HERRERA BRUSATTI E ZALCEU BRUSSATI, REALIZADO EM 8 DE JUNHO DE 1944, NA IGREJA MATRIZ SAGRADA FAMÍLIA. O CASAL APARECE NA CASA DA IRMÃ DO NOIVO, NOEMIA, LOCAL ONDE A FESTA FOI REALIZADA
ACERVO/GENI BRUSATTI BORTOLETTO



MARIA HERRERA BRUSATTI EM FOTO DE 1944, NO QUINTAL DA CASA DE SUA TIA NOEMIA, DURANTE UMA FESTA DE FAMÍLIA. A CASA FICAVA LOCALIZADA NA AVENIDA SENADOR ROBERTO SIMONSEN. MARIA GANHOU O APELIDO DE MARIA BONITA, POR CONTA DE SUA BELEZA. NASCIDA EM 15 DE NOVEMBRO DE 1927, FALECEU EM 9 DE MAIO DE 2007
ACERVO/GENI BRUSATTI BORTOLETTO



GERALDO BORTOLETTO EM FOTO DE 1964, QUANDO TINHA 18 ANOS E SERVIA O TIRO DE GUERRA. NA IMAGEM, ELE É O SEGUNDO, A PARTIR DA ESQUERDA. NASCIDO EM SÃO CAETANO DO SUL, NO DIA 24 DE MARÇO DE 1942. É CASADO COM GENI BRUSATTI BORTOLETTO

ACERVO/GENI BRUSATTI BORTOLETTO

RAÍZES E RETRATOS
ALTEVIR VARGAS ANHÊ



CASAMENTO DE ALTEVIR VARGAS ANHÊ E TEREZA DE JESUS ANHÊ, REALIZADO NO DIA 9 DE JUNHO DE 1973, NA IGREJA SÃO JOÃO BATISTA. A FESTA FOI REALIZADA NO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE. NA IMAGEM, OS NOIVOS SÃO LADEADOS PELOS PADRINHOS HERMÓGENES WALTER BRAIDO E MARIA BRAIDO
ACERVO/ALTEVIR VARGAS ANHÊ



ALTEVIR VARGAS ANHÊ (AO CENTRO), ENTÃO COM 19 ANOS, DIVERTE-SE EM BAILE DE CARNAVAL NO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE, AO LADO DOS AMIGOS PAPI (À ESQUERDA) E PIPOCA. FOTO DE 1963

ACERVO/ALTEVIR VARGAS ANHÊ



ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR SENADOR FLAQUER, NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1950. ALTEVIR VARGAS ANHÊ É O SEGUNDO, DA DIREITA PARA A ESQUERDA, NA SEGUNDA FILA. O DIRETOR É BENEDITO EDSON FRANÇA GUIMARÃES

ACERVO/ALTEVIR VARGAS ANHÊ

RAÍZES E RETRATOS

FRANTZ DE ALMEIDA CLARO

UM PRACINHA EM SÃO CAETANO

Frantz de Almeida Claro nasceu em 29 de setembro de 1922, em Ouro Fino (Minas Gerais). Como todo jovem, alistou-se em 1941, como reservista. Por conta da eclosão da Segunda Guerra Mundial, e a adesão do Brasil ao bloco dos países aliados, foi convocado pelo Exército brasileiro no dia 1º de junho de 1944, para o Quarto Regimento de Infantaria.

Realizou serviços e treinamento em Cubatão, definindo-se sua função como padioleiro (soldado encarregado de remover feridos do campo de batalha). Chegou a embarcar para a Itália, integrando a Força Expedicionária Brasileira, mas logo depois que seu grupo chegou ao campo de batalha, o conflito foi encerrado. Foi dispensado em 18 de setembro de 1945, sendo que a guerra foi encerrada no dia 2 desse mês.

Almeida Claro faz parte da Associação dos Ex-combatentes do Brasil e guarda, com orgulho, medalhas e honrarias recebidas ao longo de sua vida. Casou-se com Antonia Carlos Claro em 8 de dezembro de 1945 com quem vive até os dias atuais.

Para homenagear os soldados veteranos do Exército brasileiro que foram enviados a combate na Segunda Guerra, os chamados pracinhas, São Caetano do Sul conta com o Monumento aos Expedicionários, um painel litocerâmico de autoria do espanhol Alberto Garcia, que fica na praça que leva o mesmo nome (na confluência das avenidas Goiás e Kennedy e da Rua Alegre), e a Rua dos Expedicionários, no Bairro Cerâmica.

FRANTZ DE ALMEIDA CLARO (EM PÉ) DURANTE O TREINAMENTO REALIZADO EM CUBATÃO

ACERVO/FRANTZ DE ALMEIDA CLARO



CERTIFICADO DE RESERVISTA DE ALMEIDA CLARO

ACERVO/FRANTZ DE ALMEIDA CLARO



OUTRO FLAGRANTE DO TREINAMENTO. ALMEIDA CLARO APARECE À DIREITA

ACERVO/FRANTZ DE ALMEIDA CLARO



HONRARIAS E CONDECORAÇÕES RECEBIDAS PELO EX-COMBATENTE

ACERVO/FRANTZ DE ALMEIDA CLARO

RAÍZES E RETRATOS

LUIZ ROMANO



A PARTIR DA ESQUERDA, VEMOS OS IRMÃOS VITALINO ROMANO, MARIO ROMANO E MOACIR BUCCI, NO CAMPO CLUBE ATLÉTICO TAMOYO, EM 1948

ACERVO/LUIZ ROMANO

RAÍZES E RETRATOS

DELMIRO ROSSI



REGISTRO DO CASAMENTO DE ALDA ZAMPIERI ROSSI E DELMIRO ROSSI, REALIZADO EM 13 DE OUTUBRO DE 1953, NA IGREJA MATRIZ SAGRADA FAMÍLIA. O CASAL TEM DOIS FILHOS (CARLOS ROBERTO ROSSI E MARIA APARECIDA ROSSI) E QUATRO NETOS (FERNANDO HENRIQUE, THAIS CRISTINA, AIDAN E FLORA). DELMIRO ROSSI CHEGOU A SÃO CAETANO EM 1935, VINDO DE SÃO SEBASTIÃO DA GRAMA (MINAS GERAIS). ALDA É NATURAL DE GUARIBA, INTERIOR DE SÃO PAULO, E VEIO PARA A CIDADE EM 1976

ACERVO/DELMIRO ROSSI



FAMÍLIA REUNIDA PARA A CELEBRAÇÃO DAS BODAS DE OURO DO CASAL ALDA ZAMPIERI ROSSI E DELMIRO ROSSI, REALIZADA NA IGREJA SÃO BENTO, EM 15 DE JUNHO DE 2003. A PARTIR DA ESQUERDA, VEMOS: PAULO (GENRO DO CASAL), MARIA APARECIDA (FILHA), AIDAN (NETO), FLORA (NETA), O PADRE ROBERTO ALVES MARANGON, O CASAL ALDA E DELMIRO, THAIS (NETA), FERNANDO (NETO), NANCY (NORA) E CARLOS ROBERTO (FILHO)

ACERVO/DELMIRO ROSSI

PROJETO CIDADÃO DA HISTÓRIA

Em 2017, a Fundação Pró-Memória retomou o projeto Cidadão da História, que é realizado como parte do programa Bairro a Bairro, promovido pela Prefeitura Municipal de São Caetano. Registramos, a seguir, os bairros contemplados no segundo semestre do ano, e os moradores, estabelecimentos comerciais, indústrias e entidades homenageados.

Bairro Mauá

Municípios - DORIVAL FERNANDES MARTINS E ROMILDE IZEPE MARTINS - WANIR TEDESCHI E MARGARIDA ONELIA TEDESCHI - ALVINA TAVARES - MARIA VILANI DA SILVA - MARIO ANTONIO PERRELLA - ROSA ALVES RODRIGUES - MARIA APARECIDA IGLESIAS - MERCEDES ZANQUINI BARBOSA - CORINA MARIA LOPES DE LIRA - ADELIA DE JESUS ZANELLI GIANGUINI TALPO E JOÃO ANTONIO TALPO - JOSEFA ARENA THOMAZ - DARCI ROCHA - GENI BRUSATTI BORTOLETO - JOSÉ BERTOLLO E AMÉLIA ROMANO BERTOLLO - EDUARDO CARRETERO - JOSE ANTONIO TACCO

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - TANAKA PRODUÇÕES (LUIZ CARLOS TANAKA) - ETHICUS PRONTO-ATENDIMENTO VETERINÁRIO (JORGE LUIZ MENEGHELLO) - PADARIA E CONFEITARIA JARDIM SÃO CAETANO (ALBERTO ALVES NUNES E RENATO BATISTA NUNES) - RESTAURANTE 7 MARES (SIMON CALCIN NETO, WESLEY CALCIN E SIMON CALCIN)

Entidades - SOCIEDADE AMIGOS DE VILA BOQUEIRÃO (CELSO OTÁVIO BUSCH)

AUDITÓRIO
PACÍFICO
NAGAMASSA
KOYAMA –
EME PROF^ª
ALCINA
DANTAS
FEIJÃO

23 JUN-2017

Bairro Fundação

Municípios - ALCINO RODRIGUES DE MELLO - ANTONIA GONÇALVES - EMÍDIO VIEIRA DE MELO - FLÁVIO PAOLILLO - HILDEISE MARIA PERRELLA - JOSÉ ROQUE - LOURDES MATARAZZO DE AGOSTINHO E JAIME DE AGOSTINHO - MANOEL JOAQUIM DA SILVA E ANTONIA CAVALCANTE LIMA DA SILVA - NELSON ALBUQUERQUE OLIVEIRA - OSWALDO RAMALHO E LIDIA JUSTINO RAMALHO - SALETE ALVES AQUIARO - SHIRLEY HONÓRIO DA SILVA E ADEMIR ANTONIO PEREIRA DA SILVA - VICENTE GOMES DE OLIVEIRA

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - MOINHO SANTA CLARA (JORGE BOTOSSE DE FIGUEIREDO) - GLPICCOLO (POLIANA PICCOLO MIOTTO) - COLHEADO COMÉRCIO DE ROUPAS (JOSÉ COLHEADO E MARIA DE LOURDES COLHEADO) - INCORPORADORA E CONSTRUTORA PEPPE LTDA (AUGUSTO PEPPE E ANDREA PEPPE)

Entidades - ASSOCIAÇÃO DOS CANÁRIOS – ABC ORNITOLÓGICO (RENATO CATANZANO) - ASSOCIAÇÃO E OFICINAS DE CARIDADE SANTA RITA DE CÁSSIA (MARLI CRIVELARO ASTOLPHO)

IGREJA
PRESBITERIANA
DE SÃO
CAETANO
DO SUL

28 JUL - 2017

CISE
MOACYR
RODRIGUES

18 AGO - 2017

Bairro Santa Paula

Municípios - ADALBERTO HIGINO - ALEXANDRINA MORETTO - ANTONIA MAZZI MORALES - CARLOS AUGUSTO PERRELLA- ELZA APARECIDA BERNARDES CAMPOS - FRANCISCO GALHARDI - LAERTE CANTON E WALDIR BORGES DE SALES CANTON - LUIZ LORENSON E MARIA FAUSTINA GARBO LORENSON - MARIA DALVA SGARBI DE OLIVEIRA - MARIA JOSÉ VIEIRA DE VIVEIROS E JOSÉ EDUARDO PEREIRA DE VIVEIROS - MARIA JOSÉ VIEIRA TORRES - NEIDE MARQUES CIGLIO - NELSON BISQUOLO - ORAZILIA MARCELLI TRUGILLO - PEDRO BONESSO E DOLORES CARRASCO BONESSO - SUELI BARRETO

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - ESCADAS HILLOS (VALTER MARZANO E LEILA DE CAMARGO MARQUES MARZANO) - KALF BIKES (IVAN CAPARROS DE PAIVA) - MWV LIMPEZA PERFEITA (MARLENE FLORISBELA PEREIRA BUENO) - RONALDO BERNARDES CAMPOS ME (RONALDO BERNARDES CAMPOS) - RPRATES STUDIO E BARBEARIA (RICARDO FAGIANI PRATES JÚNIOR)



EMEF
SYLVIO
ROMERO

1º SET - 2017

Bairro Oswaldo Cruz

Municípios - ANTONIO JULIO PEDROSO DE MORAES - APARECIDA DE LOURDES FERNANDES - AURORA PEREIRA DOS SANTOS SALVADOR - CANDIDO HONÓRIO DA SILVA E DINALVA DOROTÉIA DA SILVA - CARMEN RAMOS AVILA - DELMIRO ROSSI E ALDA ZAMPIONI ROSSI - IRMA FIOROTTI MONTE - JOÃO JÁCOME FORMIGA - JOSEPHINA PASSACANTILI DRAGO - JURACI EVANGELISTA DE ARAUJO - LYDIA DEBEUS PERRELLA - OSCAR ZANATTA E MARIA DE LURDES BUZO PEREZ - SEBASTIÃO ORTEGA E MARIA ELIZA AUGUSTO ORTEGA - SONIA APARECIDA ADORNI

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - CASA DA BORRA COMÉRCIO DE TINTAS LTDA (RAFAEL DIAS RUSSI) - COLÉGIO LICEU DI THIENE (ELAINE DALL'ANESE DE CAMPOS E BRÍGIDA DALL'ANESE CANGA) - DOM VICTOR PÃES E DOCES LTDA-ME (REGINALDO DA SILVA) - DROGA FAMA LTDA-ME (JOSÉ CARLOS SPALATO) - FERRAFER COMÉRCIO DE FERROS E FERRAGENS LTDA (TONI FERREIRA) - MARTELINHO DE OURO CANDELÁRIA (GERALDO DE OLIVEIRA) - RESTAURANTE E LANCHONETE DO CHAGAS (FRANCISCO JOSÉ DAS CHAGAS) - TWILL CLÍNICA DE CARDIOLOGIA (DR. ALCIDES PEREIRA DE SOUZA FILHO)

Entidades - SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE SÃO CAETANO DO SUL (ANTONIO APARECIDO RUBIRA NOGUEIRA E ADEMIR PARDO)





Bairro Santo Antônio

Municípios - ANA RUSSO - ANGELO LACAVA E NEUZA TOLOI LACAVA - ANTONIO BAPTISTA DAMETTO - ANTONIO NARDINO GARBELOTTI - ANUNCIATA CREMONESI PEREIRA - EDNO PONTES - ESTEVAM VOLLET NETTO E VERA LÚCIA MELÃO VOLLET - FERNANDO AUGUSTO SILVA E THEREZA DE LOURDES CRESCIONI SILVA - JOSÉ MAK - JOSÉ QUARATI SPAGNUOLO E MARIA LUIZA SPAGNUOLO - MARIA JOSEFA FERNANDEZ BICHIQUEI CÓRDOBA - MARIO SERNAGIOTTO - NOEMIA RODRIGUES DE REZENDE - VANDERLEI ANTONIO MOREIRA DOS SANTOS - VICENTE MEZADRI

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - BAR E RESTAURANTE GOIÁS COELHO LTDA-ME (RAFAELA PEREIRA ALVES BARRETO) - INDÚSTRIA AGRO QUÍMICA BRAIDO LTDA (NELSON ANTONIO BRAIDO) - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PRODUTOS ÓTICOS ST. PAUL (ROBERTO MELICE) - METALÚRGICA IGUAÇÚ (MARIO CONSTANTINO LARGURA) - PADARIA BOA SORTE (JOSÉ MATEUS BARTOLO) - PADARIA ZIZA (MARCO AURELIO DE OLIVEIRA SOUZA) - PANIFICADORA NOVA BRASÍLIA LTDA -EPP (ANTONIO CARLOS HENRIQUES E CARLOS ALBERTO LOURENÇO DA CLARA) - TAPIOCAS DE MIRAMAR (OSMAR JORDÃO)

Entidades - ASSOCIAÇÃO RECREATIVA ESPORTIVA DOS SERVIDORES MUNICIPAIS SC-SUL (ALEXANDRINA MORETTO)

SALÃO NOBRE
DA CÂMARA
MUNICIPAL DE
SÃO CAETANO
DO SUL

29 SET - 2017



Bairro Centro

Municípios - ALBINO MACARIO DOS SANTOS - ANTONIO ALBANO MARTINS - EUNICE PERSON MARINOTTI - JACY BENEVIDES GIMENEZ NAVARRO - JOÃO MAYER - JULIA BAPTISTA ARAUJO - NILZA RUIZ GOTTARDI - NORMA GALVÃO SALOMÃO - ROZIREZ BARTHOLOMEU - VAGNER OTÁVIO BARBATO E MARILICE VIANA RIBEIRO BARBATO

Estabelecimentos comerciais, Indústrias e Empresas - AGUABOA FONTE ÁGUAS DE SANTA BÁRBARA (WELLINGTON MORGADO E CLEVERSON R. MORGADO) - CARTÓRIO DE SÃO CAETANO (WAGNER ZAGO) - CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO DR. MASSARU KOHARA (DR. MASSARU KOHARA) - JRM COMÉRCIO E MANUTENÇÃO DE MOTORES ELÉTRICOS LTDA. - ME (DENIS DE OLIVEIRA GONGORA) - JULIETA MODAS (EVELYN POLITANSKI) - ÓPTICA BARALDI LTDA. - ME (JOÃO MENDES GOMES) - PANIFICADORA BAR E MERCEARIA NALUCI LTDA. - ME (ALDORI JOAQUIM COELHO) - PIRÂMIDE COMÉRCIO DE TINTAS LTDA. (AMBROZIO GIMENEZ GALBIATTI E AGUINALDO GIMENEZ) - RODRIGUES CONSULTORIA ASSOCIADA (DR. ANTONIO JOSÉ RODRIGUES) - SALÃO YORK (GUMERCINDO MOISÉS VILAS BOAS)

Entidades - LAR SAMARITANO DA MÃE OPERÁRIA - SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL SAGRADA FAMÍLIA (IVANILDE SAMPAIO E MÁRCIA MILATIAS)

AUDITÓRIO
DA USCS

27 OUT - 2017



EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

SITE
FPMJUL-2017
A
DEZ-2017

Desde 2011, a Fundação Pró-Memória colocar no ar, no site www.fpm.org.br, mensalmente, exposições virtuais, que apresentam cerca de 20 imagens, do acervo do Centro de Documentação Histórica, sobre temas variados. No mês de julho, a exposição destacou parques e praças da cidade. Já em agosto, por conta do Dia do Estudante (11 de agosto), a mostra *Coração de Estudante* resgatou flagrantes de estudantes, de várias áreas do saber, em diferentes épocas. No mês de setembro, *Fundação Anne Sullivan – 40 anos* homenageou a instituição, que é referência no atendimento à pessoas com deficiência e inclusão educacional.

Para celebrar os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Brasil, a mostra *Nossa Senhora Aparecida: imagens da devoção à Padroeira do Brasil em São Caetano* resgatou imagens de diferentes aspectos devocionais que representam a fé dos moradores da cidade. Novembro foi o mês escolhido para relembrar o passado de ruas de São Caetano, com a exposição *São Caetano de ontem e de hoje*, que mostrou, ainda, fotografias atuais proporcionando uma análise das mudanças da paisagem urbana. Para dezembro, o site da Fundação Pró-Memória celebra o multiculturalismo de nossa cidade a partir de uma exposição que apresenta imagens de famílias das várias correntes imigratórias que aqui se estabeleceram.



VISITAS

ESPAÇOS
FPM

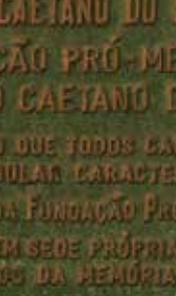
SET-2017

Governador distrital do Rotary

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul recebeu, no dia 21 de setembro, a visita do casal governador do distrito 4420 do Rotary Club, Claudio e Marie Takata, acompanhado de outros integrantes da entidade. Recepcionado pelo presidente da Pró-Memória, que engloba 79 clubes da zona sul de São Paulo, das cidades do ABC Paulista e litoral Sul, o grupo visitou a Pinacoteca Municipal e o Ateliê Pedagógico, na Casa de Vidro.



EXPOSIÇÕES

	<p>Tadashi Konno – Permeável Papel Humano</p> <p>A exposição <i>Tadashi Konno – Permeável Papel Humano</i>, que ficou em cartaz no Espaço Cultural – Casa de Vidro de 1º de julho a 6 de outubro, apresentou obras de 19 artistas que, utilizando como matéria-prima papel artesanal reciclado, produzido pelo arquiteto Tadashi Konno, apresentaram 50 trabalhos, nas mais diversas técnicas como xilogravura e aquarela.</p>	<p>ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>JUL-2017 A OUT-2017</p>
	<p>Contrastes - Ken I Chi Kaneko e Bia Doria</p> <p>De 20 de julho a 29 de setembro, a Pinacoteca Municipal recebeu a mostra <i>Contrastes</i>, com obras de Ken-I-Chi Kaneko e Bia Doria. Ressaltando a individualidade de cada artista através de suas diferenças, uma vez que ambos os artistas trazem a natureza como ponto de partida, a exposição apresentou 52 obras.</p>	<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A SET-2017</p>
	<p>Itália em 40 cliques - Exposição fotográfica de Ari Paleta</p> <p>Aberta em 22 de julho, permanecendo em cartaz no Museu Histórico Municipal até 28 de agosto, <i>Itália em 40 cliques - Exposição fotográfica de Ari Paleta</i> apresentou imagens de paisagens, ruínas, monumentos e do cotidiano de diversas cidades italianas.</p>	<p>MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A SET-2017</p>
	<p>Placas históricas</p> <p>Esta exposição, aberta em 5 de setembro, que reúne placas antigas pertencentes ao acervo do Museu Histórico Municipal, ficou no local até 1º de dezembro. As peças foram afixadas em prédios municipais entre as décadas de 1950 e 1990 em decorrência de suas inaugurações. A maioria dos locais hoje inexistente ou passou por alterações, mas foram marcantes no município.</p>	<p>MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL</p> <hr/> <p>SET-2017 A DEZ-2017</p>
	<p>Memórias da Cidade Luz</p> <p>Estevão Calahani, professor de Espanhol da Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti, fez uma viagem pela França, em julho de 2017 e revelou, nessa exposição, imagens de Paris sob a ótica de um turista que passeia e vivencia o cotidiano de uma cidade. A mostra ficou no saguão do complexo durante todo o mês de setembro.</p>	<p>SAGUÃO DO COMPLEXO EDUCACIONAL DE ENSINO FUNDAMENTAL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A SET-2017</p>

<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>OUT-2017 A JAN-2018</p>	<p>Poética do Cotidiano</p> <p>A exposição <i>Poética do Cotidiano</i>, que teve seu evento de abertura realizado no dia 21 de outubro, é uma parceria com o Museu de Arte Popular de Diadema, e conta com 62 obras do universo da arte popular nas linguagens: pintura, gravura e escultura, abordando temáticas como trabalho, cotidiano, festas e religião. A abertura contou com uma apresentação do grupo de maracatu Cia. Porto de Luanda. A visitação, na Pinacoteca Municipal, é até 26 de janeiro de 2018.</p>	
<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>OUT-2017 A JAN-2018</p>	<p>The Water that crosses the Oceans</p> <p>Também inaugurada em 21 de outubro, a exposição internacional <i>The Water that crosses the Oceans</i> é uma parceria com a Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel (ABA) e com a International Watercolor Society e traz obras em aquarela do Brasil, Itália, Índia e Emirados Árabes Unidos, totalizando 80 aquarelas. A visitação é até 26 de janeiro de 2018, na Pinacoteca Municipal.</p>	
<p>ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>NOV-2017 A JAN-2018</p>	<p>ENREDO - Caminhos da Linha, em Eduardo Nunes</p> <p>Nessa exposição o desenrolar da linha gráfica nos surpreende a cada obra. O ilustrador Eduardo Nunes não se prende a um tema único, o desafio é transformar em linhas, rostos, objetos, monstros, animais e tudo que, de forma exuberante, estimula o olhar desavisado dos que olham e não enxergam o mundo. Com abertura realizada em 18 de novembro, a visitação segue até 18 de janeiro de 2018.</p>	

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

<p>ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO</p> <hr/> <p>AGO-2017</p>	<p>Encontro Regional de Teatro Ademar Guerra</p> <p>No dia 12 de agosto, São Caetano sediou o Encontro Regional de Teatro Ademar Guerra. O evento aconteceu no Teatro Santos Dumont e foi mais uma parceria entre a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e a Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul trazendo cultura de qualidade gratuita à população. Durante todo o evento, os participantes puderam aproveitar as atividades do Ateliê Pedagógico da Pinacoteca Municipal, no Espaço Cultural Casa de Vidro.</p>	
<p>CECAPE</p> <hr/> <p>SET-2017</p>	<p>Semana de História e Geografia</p> <p>A Fundação Pró-Memória participou deste evento, que aconteceu de 28 de agosto a 1º de setembro, por meio da palestra da historiadora da instituição, Cristina Toledo de Carvalho, que falou a respeito de sua pesquisa sobre a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto à comunidade nordestina em São Caetano.</p>	



12ª Universidade Aberta – O meu quintal é maior do que o mundo

De 18 a 23 de setembro, a Fundação Pró-Memória marcou presença no projeto de extensão Universidade Aberta, realizado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Na programação, um vídeo com imagens antigas e atuais da cidade, uma visita monitorada à exposição *Contrastes - Ken I Chi Kaneko e Bia Doria*, na Pinacoteca, e uma oficina de gravura em isopor realizada na universidade. Os presentes puderam ainda entreterem-se com quebra-cabeças de fotos antigas da cidade.

USCS E
PINACOTECA
MUNICIPAL

SET-2017



11ª Primavera dos Museus

A programação da Fundação Pró-Memória realizada no período de 18 a 24 de setembro foi incluída na 11ª Primavera dos Museus. Neste ano o Instituto Brasileiro de Museus, que promove a ação, apresentou o tema *Museus e suas Memórias*. Mais de 900 museus de todo o país ofereceram ao público 2.500 atividades especiais, como visitas mediadas, palestras, oficinas, exibição de filmes e muito mais!

ESPAÇOS
FPM

SET-2017
A
DEZ-2017



Sábados de Primavera

Celebrando a chegada da Primavera, a Fundação Pró-Memória promoveu o projeto *Sábados de Primavera*, que foi realizado nos dias 23 e 30 de setembro, e 21 e 28 de outubro. Nessas datas, o Museu Histórico Municipal, a Pinacoteca Municipal e o Ateliê Pedagógico estiveram de portas abertas ao público com programação especial e variada.

ESPAÇOS
FPM

SET-2017
E
OUT-2017

PROJETOS



Agir e Interagir – Arte e Criação

O projeto proporciona visitas à Pinacoteca Municipal, orientadas por arte-educadores, que visam ampliar o conhecimento e a fruição estética. De julho a novembro, foram atendidos cerca de 2 mil estudantes, de 17 escolas, das mais diversas faixas etárias. O programa atende grupos de adultos e crianças a partir de 4 anos (grupos escolares), de segunda a quinta, das 9h às 16h.

PINACOTECA
MUNICIPAL

JUL-2017
A
NOV-2017

<p>ATELIÊ PEDAGÓGICO DA PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A NOV-2017</p>	<p>É Arte!</p> <p>O Espaço Cultural Casa de Vidro abriga agora o Ateliê Pedagógico da Pinacoteca Municipal, espaço aberto para experiências com desenho, gravura, papel artesanal e afins. Além de receber os alunos participantes do projeto <i>Agir e Interagir</i>, o local tem livre acesso para qualquer pessoa interessada em produzir arte. Orientadores ficam à disposição do público de segunda a sexta-feira. No segundo semestre de 2017, foram recebidas cerca de 2 mil pessoas. O atendimento pode ser feito para grupos até 10 pessoas.</p>
---	--



EXPOSIÇÕES ITINERANTES

<p>HALL DE ENTRADA DA CÂMARA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A AGO-2017</p>	<p>Retratos de uma época: A década de 1950 em São Caetano</p> <p>De 25 de julho a 31 de agosto, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul manteve em cartaz a exposição <i>Retratos de uma época: a década de 1950</i>, no hall de entrada da Câmara Municipal.</p>
<p>ATENDE FÁCIL</p> <hr/> <p>JUL-2017 A AGO-2017</p>	<p>Imagens de nossa História</p> <p>Iniciando oficialmente o calendário de atividades que celebrou o aniversário de 140 anos de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória promoveu a exposição <i>Imagens da Nossa História</i>, que ficou no Atende Fácil de 14 de julho a 31 de agosto.</p>



WORKSHOPS E PALESTRAS

<p>ATELIÊ PEDAGÓGICO DA PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>NOV-2017</p>	<p>A Pinacoteca Municipal realizou, nos dias 11 e 25 de novembro, respectivamente, workshops de elaboração de papel artesanal e de aquarela, no Ateliê Pedagógico do Espaço Cultural Casa de Vidro. As obras da exposição internacional <i>The water that crosses the oceans</i>, em cartaz na Pinacoteca até janeiro de 2018, têm como suporte papel italiano artesanal. A partir disso, a Fundação Pró-Memória organizou esse workshop, que foi ministrado por João Alberto Tessarini e que mostrou como reaproveitar papéis descartados, como cartazes e folhetos, para produzir novas folhas.</p> <p>Com a exposição internacional de aquarelas <i>The water that crosses the oceans</i>, a Pinacoteca municipal ofereceu workshop e oficina de aquarelas, ministrados pelas artistas Gladys Maldaun, Bernadita Uhart e Lilian Arbex, para comemorar o Dia Mundial da Aquarela (23 de novembro).</p>
--	--







**Fundação
Pró-Memória
de São
Caetano
do Sul**

Avenida Dr. Augusto
de Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h



**Pinacoteca
Municipal**

Avenida Dr. Augusto de
Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



**Museu
Histórico
Municipal**

Rua Maximiliano
Lorenzini, nº 122

(11) 4229-1988
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



**Centro de
Documentação
Histórica**

Avenida Dr. Augusto de
Toledo, nº 255

(11) 4223-4780
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h



**Ateliê
Pedagógico -
Casa de Vidro**

Praça do Professor
(altura da Av. Goiás,
nº 1.111)

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 12h e
das 13h às 17h

(Possibilidade de agendamento
em horários alternativos)

